



UNIVERSIDADE
LUSÓFONA
DO PORTO

Telma Elisabete Ferreira Marques

**Proposta para a antiga Fábrica
do Ouro em Massarelos**

Reflexão acerca da reabilitação de
edifícios industriais

Trabalho realizado sob orientação do

Prof. Arquiteto João Carlos dos Santos

E coorientação da

Prof.^a Doutora Isabel Clara Neves da Rocha Marques

dezembro 2022



Telma Elisabete Ferreira Marques

**Proposta para a antiga Fábrica
do Ouro em Massarelos**
Reflexão acerca da reabilitação de
edifícios industriais

Dissertação de Mestrado em Arquitetura

Dissertação apresentada na Universidade Lusófona do Porto
para obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura

Dissertação defendida em provas públicas na Universidade Lusófona do Porto
no dia 12/12/2022, perante o júri seguinte:

Presidente: Professor Doutor Pedro Cândido Almeida D'Eça Ramalho
(Professor Catedrático da Universidade Lusófona do Porto)

Arguente: Professora Doutora Maria da Graça Ribeiro Correia Ragazzi
(Professora Associada da Universidade Lusófona do Porto)

Orientador: Professor Arquiteto João Carlos Martins Lopes dos Santos
(Professor Assistente Convidado da Universidade Lusófona do Porto)

dezembro 2022

É autorizada a reprodução integral desta tese/dissertação apenas para efeitos de investigação, mediante declaração escrita do interessado, que a tal se compromete.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar gostaria de agradecer aos meus pais por todo o amor, carinho e dedicação durante estes anos. Agradecer pelo o esforço que fizeram para que pudesse seguir o meu sonho.

Ao Samuel pela paciência e companheirismo em todas as etapas da vida.

Agradeço ao meu orientador, o Professor Arquiteto João Carlos dos Santos, pelos conselhos que me deu ao longo da sua orientação.

À Professora Doutora Isabel Clara Neves da Rocha Marques, coorientadora desta dissertação, pelo rigor, por todas as referências que me deu a conhecer, pelas advertências, conselhos e sobretudo pela dedicação.

Agradeço a todos os meus amigos e colegas de curso - pelo o apoio, incentivo e pelas boas memórias. Esta etapa não seria possível sem eles.

RESUMO

A presente dissertação tem como base de trabalho o projeto de reabilitação desenvolvido para a Central do Ouro, no Porto, num novo programa para instalação de um centro de remo.

O propósito é compreender uma resposta para a intervenção num lugar com as suas pré-existências e história, fundamentando algumas noções a partir das teorias estudadas e dos casos de estudo sendo estes: a Casa da arquitetura – Real Companhia Vinícola Portuguesa do arquiteto Guilherme Vaz e a Fábrica de Ca L’Alier da dupla de arquitetos Jaime Arderiu e Tomàs Morató.

Partindo da dúvida constante que recai sobre a forma de como intervir numa preexistência, há um conjunto de matérias passíveis de reflexão.

Com este trabalho, pretende-se traçar alguns fundamentos sobre a reabilitação num edifício industrial, com cariz patrimonial ou não. Com apoio de investigação teórica e dos casos de estudo, refletem-se e aplicam-se noções no projeto apresentado nesta dissertação.

Assim, procurou-se refletir e clarificar questões, tais como: Como é que os espaços se podem metamorfosear? O que considerar numa reabilitação? Deve-se reabilitar? Acrescentar? Ou demolir?

Com o contributo das noções anteriormente consideradas, pretende-se refletir algumas diretrizes que ditem o rumo a traçar perante a complexidade que é intervir num edifício industrial.

Palavras-Chave: Reabilitação; Património industrial; Reabilitação industrial

ABSTRACT

This dissertation is based on the work of the rehabilitation project developed for Central do Ouro, in Porto, in a new program for the installation of a rowing center.

The purpose is to understand an answer to the intervention in a place with its pre-existences and history, basing some notions from the theories studied and the case studies being these: the Casa da Arquitetura - Real Companhia Vinícola Portuguesa of the architect Guilherme Vaz and the Fábrica Ca L'Alier of the duo of architects Jaime Arderiu and Tomàs Morató.

Starting from the constant doubt that falls on how to intervene in a pre-existence, there is a set of subjects that are subject to reflection.

With this work, it is intended to outline some foundations on the rehabilitation in an industrial building, with a patrimonial nature or not. With the support of theoretical research and case studies, notions are reflected and applied in the project presented in this dissertation.

Thus, we sought to reflect and clarify questions, such as: How can spaces be metamorphosed? What to consider in a rehabilitation? Should it be rehabilitated? Add? Or demolish it?

With the contribution of the notions previously considered, it is intended to reflect some guidelines that dictate the direction to be traced in the face of the complexity that is to intervene in an industrial building.

Keywords: Reahabilitatio; Industrial heritage; Industrial rehabilitation

SIGLAS E ABREVIATURAS

TICCIH *The Internacional Committee for the Conservation of the Industrial Heritage*

ICOMOS *International Council on Monuments and Sites*

ETSAB *Escola Superior d'Arquitectura de Barcelona*

UPC *Universitat Politècnica de Catalunya*

AMCI *Associação para o Museu da Ciência e Indústria*

FAUP *Faculdade de Arquitectura da universidade do Porto*

FLUP *Faculdade de Letras da universidade do Porto*

ULP *Universidade Lusófona do Porto*

ETSAV *Escola Tècnica Superior d'Arquitectura de Vallès*

UPC *Universitat Politècnica de Catalunya*

UTA *Unidade de tratamento de ar*

RIARTE *Repositorio Investigación Arquitectura Técnica de España*

ÍNDICE

Agradecimentos	i
Resumo	ii
Abstract	iii
Siglas e abreviaturas	iv
Índice	v
Índice de figuras	vi
CAPÍTULO I - INTRODUÇÃO	 1
1.1 Justificação do tema	2
1.2 Objetivos	3
1.3 Metodologia	4
1.4 Estrutura de conteúdos	5
CAPÍTULO II - O património industrial – Preocupações e teorias de intervenção	 6
2.1 Teorias de intervenção – Referências bibliográficas	7
2.2 A Central do Ouro – Espaço de intervenção da proposta realizada	23
CAPÍTULO III – Arquitetura para uma nova função	 34
3.1 Análise dos casos de estudo	35
3.2 Casa da arquitetura – Real Companhia Vinícola Portuguesa	36
3.3 Fábrica de Ca L’alier	59
CAPÍTULO IV - Projeto na Central do Ouro	 84
4.1 Significado da reabilitação dos espaços industriais - transposição para o exercício do projeto	85
4.2 Fases de desenvolvimento	90
4.3 Peças desenhadas	121
CAPÍTULO V - Considerações finais	 127
Capítulo VI - Referências bibliográficas	 130
6.1 Bibliografia	131
6.2 Webgrafia	134

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig.1: Parte da planta do Porto por João José Mendonça, 1903	22
Fonte: Miranda, Fernando (2016) <i>“Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”</i> p. 190	
Fig.2: Central do Ouro identificada na planta topográfica Porto/Gaia – maio 1978	22
Fonte: Miranda, Fernando (2016) <i>“Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”</i> p. 190	
Fig.3: <i>“Construção da fábrica de Eletricidade, 1907”</i>	25
Fonte: Miranda, Fernando (2016) <i>“Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”</i> p. 200	
Fig.4: <i>“Construção da fábrica de Eletricidade, 1907”</i>	25
Fonte: Miranda, Fernando (2016) <i>“Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”</i> p. 200	
Fig.5: <i>“terraplanagem para a nova construção “</i>	25
Fonte: Miranda, Fernando (2016) <i>“Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”</i> p. 200	
Fig.6: Fotografia da fábrica do ouro, 1907	27
Fonte: Miranda, Fernando (2016) <i>“Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”</i> p. 202	
Fig.7: Fotografia aérea da zona do Ouro	27
Fonte: Miranda, Fernando (2016) <i>“Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”</i> p. 202	
Fig.8: Planta atual da Central do Ouro	29
Fonte: Miranda, Fernando (2016) <i>“Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”</i> p. 204	
Fig.9: Fotografia exterior	32
Fonte: https://visao.sapo.pt/visaose7e/ver/2017-11-21-a-arquitetura-ja-tem-casa-em-matosinhos/#&gid=0&pid=1 20/10/22	
Fig.10: Fotografia nave expositiva	32
Fonte: https://www.archilovers.com/projects/220737/real-vinicola-casa-da-arquitectura.html 20/10/22	
Fig.11: Fotografia escadas Casa de Arquitetura	32
Fonte: http://porto.convida.pt/poi/see-do/casa-da-arquitectura-41057/38 20/10/22	
Fig.12: Fotografia da fachada da Fábrica de Ca L’alier	32
Fonte: https://elpais.com/ccaa/2018/06/07/catalunya/1528390884_673526.html 06/10/22	
Fig.13: Fotografia do interior	32
Fonte: https://ajuntament.barcelona.cat/ecologiaurbana/en/noticia/ca-lalier-the-home-of-urban-innovation_672910 06/10/22	
Fig.14: Fotografia do exterior (traseiras)	32
Fonte: https://amarq.net/es/portfolio/antigua-fabrica-ca-lalier/ 06/10/22	
Fig.15: Matosinhos com o Edifício da Real Vinícola	36
Fonte: Lopes, Alice Peixoto (2019) <i>“Casa da Arquitetura – Centro Português da Arquitectura Coleção, Arquivo e Exposição”</i> p.9	
Fig.16: Interior do quarteirão do Edifício da Real Vinícola	36
Fonte: Lopes, Alice Peixoto (2019) <i>“Casa da Arquitetura – Centro Português da Arquitectura Coleção, Arquivo e Exposição”</i> p.9	
Fig.17: Interior de um dos edifícios da Real Vinícola	36
Fonte: Lopes, Alice Peixoto (2019) <i>“Casa da Arquitetura – Centro Português</i>	

<i>da Arquitectura Coleção, Arquivo e Exposição</i> ” p.9	
Fig.18: Entrada da Real Vinícola	36
Fonte: Lopes, Alice Peixoto (2019) “ <i>Casa da Arquitetura – Centro Português da Arquitectura Coleção, Arquivo e Exposição</i> ” p.9	
Fig.19: Planta da cobertura da Casa da Arquitectura	38
Fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab 11/10/22	
Fig.20: Planta do rés do chão da Casa da Arquitectura	38
Fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab 11/10/22	
Fig.21: Planta do piso 1 da Casa da Arquitectura	40
Fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab 11/10/22	
Fig.22: Planta do piso 2 da Casa da Arquitectura	40
Fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab 11/10/22	
Fig.23: Cortes pelo o edifício da casa da arquitetura	42
Fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab 11/10/22	
Fig.24: Fotografia da Ruína	49
Fonte: Miranda, Fernando (2016) “ <i>Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro</i> ” p. 190	
Fig.25: Fotografia interior da Ruína	49
Fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab 12/10/22	
Fig.26: Esboço de estudo da ruína no Clube de Remo	49
Fonte: Autora	
Fig.27: Fotografia aérea com trajeto pedonal	51
Fonte: Google Maps; editado pela Autora 12/10/22	
Fig.28: 3D do Clube de Remo com indicação pedonal	51
Fonte: Autora	
Fig.29: Pormenor construtivo da Casa da Arquitectura	52
Fonte: Arquiteto Guilherme Machado Vaz	
Fig.30: Pormenor construtivo Clube de Remo	53
Fonte: Autora	
Fig.31: Fotografia do interior da nave expositiva	53
Fonte: Autora	
Fig.32: Fotografia das escadas contemporâneas da casa da Arquitectura	55
Fonte: Autora	
Fig.33: Fotografia das escadas	55
Fonte: Indicada na página	
Fig.34: Fotografia da maquete do Clube de Remo	55
Fonte: Autora	
Fig.35: Maquete do Clube de Remo	55
Fonte: Autora	
Fig.36: Fotografias aéreas da Fábrica de Ca L’alier	57

Fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) " <i>Ca l'Alier: centre de formació i recerca</i> "	
ETSAB	
Fig.37: Primeiros edifícios a serem construídos. (verde)	59
Fonte: Vives Sanfeliu, Luis " <i>Ca l'Alier: centre de formació i recerca</i> " p. 3.	
Editado pela autora	
Fig.38: Edifícios adicionados em 1903. (vermelho)	59
Fonte: Vives Sanfeliu, Luis " <i>Ca l'Alier: centre de formació i recerca</i> " p. 3.	
Editado pela autora	
Fig.39: Edifícios demolidos (a branco) e naves que ainda hoje existem (vermelho)	59
Fonte: Vives Sanfeliu, Luis " <i>Ca l'Alier: centre de formació i recerca</i> " p. 3.	
Editado pela autora	
Fig.40: Fotografia aérea da Fábrica de Ca L'alier	61
Fonte: Retirado do vídeo no site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ 30/06/22	
Fig.41: Fotografias da fachada – antes e depois da reabilitação	61
Fonte: Ariza, Sila Alarcón (2022) " <i>Estudio de cuatro tipologias de rehabilitación y reutilización de edificios industriales em Barcelona</i> " ETSAB; UPC	
Fig.42: Fotografia aérea da Fábrica de Ca L'alier	61
Fonte: Retirado do vídeo no site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ 11/10/22	
Fig.43: Planta de implantação	63
Fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) " <i>Ca l'Alier: centre de formació i recerca</i> "	
ETSAB	
Fig.44: Planta das demolições	63
Fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) " <i>Ca l'Alier: centre de formació i recerca</i> "	
ETSAB	
Fig.45: Planta estado original (antes da reabilitação)	63
Fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) " <i>Ca l'Alier: centre de formació i recerca</i> "	
ETSAB	
Fig.46: Planta das praças (cor vermelha)	65
Fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ editado pela autora 30/06/22	
Fig.47: Planta informativa e legenda retiradas de um trabalho académico	65
Fonte: Ariza, Sila Alarcón (2022) " <i>Estudio de cuatro tipologias de rehabilitación y reutilización de edificios industriales em Barcelona</i> " ETSAB; UPC	
Fig.48: Planta rés do chão da Fábrica Ca L' Alier	68
Fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ 21/09/22	
Fig.49: Planta do 1º piso da Fábrica Ca L' Alier	68
Fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ 21/09/22	
Fig.50: Planta do piso técnico (-1) da Fábrica Ca L' Alier	68
Fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ 21/09/22	
Fig.51: Interior da ruína da Fábrica Ca L'alier	72
Fonte: Ariza, Sila Alarcón (2022) " <i>Estudio de cuatro tipologias de rehabilitación y reutilización de edificios industriales em Barcelona</i> " ETSAB; UPC	
Fig.52: Situação atual Fábrica do Ouro	72
Fonte: Miranda, Fernando (2016) " <i>Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro</i> "	
Fig.53: Render ilustrado do projeto do Clube de Remo	73

Fonte: Autora	
Fig.54: Ruína da Fábrica Ca L'aliér	73
Fonte: : https://bithabitat.barcelona/ca-lalier/ 11/10/22	
Fig.57: Praça do Clube de Remo	74
Fonte: Autora	
Fig.58: Praça da frente da Fábrica Ca L'aliér	74
Fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ 16/10/22	
Fig.59: Trajeto pedonal do Clube de Remo	75
Fonte: Autora	
Fig.60: Trajeto pedonal da Fábrica Ca L'aliér	75
Fonte: Google Maps; editado pela autora 16/10/22	
Fig.61: Vista aérea da praça do Clube de Remo	76
Fonte: Autora	
Fig.62: Praça traseira da Fábrica Ca L'aliér – em obras	76
Fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ 16/10/22	
Fig.63: Aproveitamento do material	77
Fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ 14/10/22	
Fig.65: Parede exterior da Fábrica Ca L'aliér	77
Fonte: https://bithabitat.barcelona/ca-lalier/ 14/10/22	
Fig.64: Materialidade da parede com tijolo na Fábrica do Ouro	77
Fonte: Miranda, Fernando (2016) " <i>Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro</i> " p. 206	
Fig.66: Comparação de Plantas Fábrica de Ca L'aliér e Clube de Remo – distribuição do programa	79
Fonte: Plantas Fábrica de Ca L'aliér: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ - editado pela autora 19/10/22	
Fonte: Plantas Clube de Remo: autora	
Fig.67: Comparação de Plantas Fábrica de Ca L'aliér e Clube de Remo – distribuição e acesso	80
Fonte: Plantas Fábrica de Ca L'aliér: fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/ - editado pela autora 19/10/22	
Fonte: Plantas Clube de Remo: fonte: autora	
Fig.68: Planta de implantação com pré-existências e limite do terreno	88
Fonte: Autora	
Fig.69: Fotografia da maquete – Pré-existências	89
Fonte: Autora	
Fig.70: Planta da primeira proposta	90
Fonte: Autora	
Fig.71: Fotografia da maquete – 1ª proposta	92
Fonte: Autora	
Fig.72: Planta da segunda proposta	93
Fonte: Autora	
Fig.73: Planta piso 0 – 2ª proposta	94
Fonte: Autora	
Fig.74: Planta piso 1 – 2ª proposta	94
Fonte: Autora	

Fig.75: Fotografia da maquete – 2ª proposta	95
Fonte: Autora	
Fig.76: Planta da terceira proposta	97
Fonte: Autora	
Fig.77: Planta piso 0 – 3ª proposta – com indicação dos espaços	100
Fonte: Autora	
Fig.78: Planta piso 1 – 3ª proposta – com indicação dos espaços	100
Fonte: Autora	
Fig.79: Fotografia da maquete – 3ª proposta	101
Fonte: Autora	
Fig.80: Planta piso 0 – 3ª proposta	103
Fonte: Autora	
Fig.81: Planta piso 1 – 3ª proposta	103
Fonte: Autora	
Fig.82: Planta da quarta proposta	104
Fonte: Autora	
Fig.83: Planta piso 0 – 4ª proposta – com indicação dos espaços	105
Fonte: Autora	
Fig.84: Planta piso 1 – 4ª proposta – com indicação dos espaços	105
Fonte: Autora	
Fig.85: Cortes e alçado – 4ª proposta	108
Fonte: Autora	
Fig.86: Planta piso 0 – 4ª proposta	110
Fonte: Autora	
Fig.87: Planta piso 1 – 4ª proposta	110
Fonte: Autora	
Fig.88: Planta da quinta proposta	111
Fonte: Autora	
Fig.89: Planta piso 0 – 5ª proposta – com indicação dos espaços	112
Fonte: Autora	
Fig.90: Planta piso 1 – 5ª proposta – com indicação dos espaços	112
Fonte: Autora	
Fig.91: Planta piso 0 – 5ª proposta	115
Fonte: Autora	
Fig.92: Planta piso 1 – 5ª proposta	115
Fonte: Autora	
Fig.93: Fotografia da maquete – 5ª proposta	116
Fonte: Autora	
Fig.94: Fotografia da maquete – com cais - 5ª proposta	116
Fonte: Autora	
Fig.95: 1º Painel final	118
Fonte: Autora	
Fig.96: 2º Painel final	119
Fonte: Autora	
Fig.97: 3º Painel final	120
Fonte: Autora	
Fig.98: 4º Painel final	121
Fonte: Autora	
Fig.99: Painel com várias informações	122
Fonte: Autora	

CAPÍTULO I
INTRODUÇÃO

1.1 Justificação do tema

Numa primeira instância ter a perceção de como os lugares se logram e possibilitam metamorfosear. Esta questão envolve aspetos teóricos e preocupações que estão em constante transformação ao longo dos tempos. As opiniões variadas são motivadas por um conjunto de reflexões críticas que estão em permanente atualização. Esclarecer esta questão poderá conduzir à possibilidade de uma intervenção mais ponderada e acertada.

A segunda questão prende-se muito com a reflexão acerca de como os arquitetos podem intervir e quais as principais questões que colocam numa reabilitação. As preferências que indicam na construção, refletem o que privilegiam em cada caso especificamente. Este trabalho questiona acerca de como os arquitetos intervêm no edificado e quais as suas diferentes escolhas.

É notória a vontade de ver abordadas algumas problemáticas da reabilitação na prática da arquitetura. Sendo intenção do objeto de estudo salvaguardar os aspetos patrimoniais e construtivos de um edifício industrial, considera-se fundamental investigar e comparar algumas reflexões geradas por outros arquitetos. Refletindo, dessa forma, sobre o nosso projeto.

Deste modo, abordar a temática da reabilitação significa ver esclarecidas ou elucidadas as diferentes preocupações que este assunto exige, vendo consolidadas algumas definições que envolvem a reabilitação.

1.2 Objetivos

Os objetivos contidos na realização desta dissertação prendem-se com o esclarecimento das problemáticas que se acabou de apresentar.

Com o alcance das justificações e respostas às problemáticas requeridas anteriormente vêm-se compreendidos os seguintes objetivos:

- 1- Tomar conhecimento das distintas teorias de intervenção a fim de refletir sobre as noções e aprendizagens assimiladas;
- 2- Tomar conhecimento acerca do local de intervenção a fim de colocar em evidência um tratamento de reabilitação mais assertivo no momento de projetar;
- 3- Tomar consciência da reabilitação de uma forma mais objetiva e prática com a análise dos casos de estudo;
- 4- Elaborar uma proposta de intervenção.

Os objetivos apresentados evidenciam a consciência na intervenção num local que necessita de reabilitação.

1.3 Metodologia

O ponto de partida desta dissertação inicia com a vontade de ver reunidas as principais orientações para a prática de uma boa reabilitação, no caso, no contexto de um antigo edifício industrial.

A metodologia aplicada no início do trabalho, compreendeu uma fase de investigação teórica acerca do património industrial. Deste modo, o início do trabalho, surge a partir da investigação e análise de importantes obras acerca da reabilitação.

Ainda na sequência da consulta teórica do trabalho, foi efetuada a pesquisa acerca do local de intervenção. Esta recolha de informação centra-se na reflexão da história do lugar, através de plantas, documentos e fotografias, em paralelo com a visita à zona de intervenção.

Neste trabalho foi essencial a seleção de casos de estudo que pudessem servir de referência para desenvolver um projeto para a Fábrica do Ouro. Estes casos de estudo deveriam ter algumas características semelhantes, abordando soluções que pudessem ajudar na conclusão do projeto de reabilitação na Central do Ouro.

Estes exemplos foram estudados e conhecidos através de bibliografia, com ajuda de imagens, plantas e cortes que pudessem esclarecer acerca das abordagens proferidas em cada caso.

Por fim, procedeu-se à elaboração de uma proposta para a antiga Central do Ouro em Massarelos. Nesta dissertação, são explicadas todas as propostas apresentadas ao longo do ano. São unidas todas as informações, investigações e reflexões críticas efetuadas ao longo do trabalho.

O projeto para a reabilitação da Central do Ouro é apresentado através de texto, acrescentando, em paralelo, plantas, cortes e alçados, bem como desenhos e maquetas.

Esta proposta, compreende a ligação de todas as aprendizagens ao longo do trabalho.

1.4 Estrutura de conteúdos

No sentido de manifestar capacidade de intervir com uma pré-existência com coerência e responsabilidade, justifica-se primordial conhecer exemplos do mesmo, sendo indispensável conhecer o local e a sua história.

Assim, este trabalho divide-se em três partes, iniciando numa vertente teórica e culminando numa parte mais prática.

A primeira parte do trabalho aborda fundamentos teóricos do património e a história do local de intervenção. Considera-se uma reflexão acerca dos princípios de intervenção no património industrial, entendendo alguns aspetos-chave para definir uma posição crítica em relação a uma futura reabilitação. Apresenta-se, no mesmo capítulo, uma síntese histórica e a descrição do local de intervenção.

No segundo corpo, abordar-se-á dois casos de estudo que abrangem a temática da reabilitação num edifício industrial. Mais do que uma descrição dos edifícios, este ponto completa as considerações que se adquirirá na primeira fase do trabalho, culminando em exemplos práticos.

O último, e terceiro ponto, começa com uma reflexão do conjunto de conceitos abordados até aqui. Nesta parte do trabalho, considera-se uma posição crítica em relação ao conhecimento adquirido na abordagem teórica, culminando na hipótese de uma abordagem prática. Escolhendo a reabilitação e a ampliação, neste terceiro corpo do trabalho, desenvolve-se uma proposta.

Documentando o projeto do clube de remo na antiga central do Ouro, com variados elementos tais como: processos para a projeção do edifício com esquemas, esboços, fotomontagens, em conjunto com plantas, cortes, alçados, maquetas e fotografias.

CAPÍTULO II

O PATRIMÓNIO INDUSTRIAL

PREOCUPAÇÕES E TEORIAS DE
INTERVENÇÃO

2.1 Teorias de intervenção – Referências bibliográficas

Os hábitos e a forma de viver dos indivíduos influenciam a forma de como tomam partido dos locais para os atender. De acordo com as suas necessidades e tempos, surgem espaços dedicados ao interesse de cada época.

Os edifícios dão o mote às necessidades e são feitos para servir os cidadãos, deixando de fazer sentido quando não desempenham uma função que assista às exigências. Quando este momento de desativação chega, o edifício torna-se obsoleto e fica abandonado, à espera de uma nova função ou de uma supressão total.

Havendo a possibilidade de reabilitação do edifício, há uma série de hipóteses que se colocam e distintos dilemas à procura de resposta. É nesta conjuntura, que surgem as mais variadas questões.

As interrogações geradas, apoiam-se nas preocupações do património e em como se deve intervir numa reabilitação.

Procura-se então identificar, por intermédio dos autores, o desenvolvimento historiográfico, detalhando alguns desafios e apresentando as suas respostas e posições face ao tema do património e da sua reabilitação.

Neste capítulo, será feita uma reflexão acerca de aspetos teóricos e preocupações do património. Abordando, sempre que possível, o património industrial, investigando autores estrangeiros e portugueses, de diferentes épocas, que abordem esta temática.

Da consulta a uma das obras de *Françoise Choay*¹ “*Alegoria do Património*” (Françoise Choay, 2008) foi importante compreender e identificar os seguintes assuntos:

- 1- Tomar consciência dos mais importantes acontecimentos ao longo da história do património;
- 2- Compreender a importância das diversas opiniões de respeitados autores ao longo da história;
- 3- Partir da visão da autora dos acontecimentos, para conceber deliberações que ajudassem à definição de importantes medidas e procedimentos.

Choay é uma importante historiadora das teorias arquitetónicas e das formas urbanas. Trata-se de uma das mais importantes historiadoras e autoras em torno deste tema.

Este livro, sendo uma das obras mais importantes no tema do património e do urbanismo, seria uma importante e indispensável referência para esta dissertação.

É importante esclarecer, que as teorias apresentadas compreendem um determinado espaço e tempo, fazendo sentido serem estudadas para a compreensão do tema.

Este assunto, rege-se em volta da investigação do passado, e não como definições atuais e definitivas. O tema do património, como outros assuntos, é analisado constantemente e, por tanto, todas as informações e ensinamentos são válidos na procura de conhecimento.

Segundo Françoise Choay, as expressões monumento e de monumento histórico são distintas. “*O monumento tem por finalidade fazer reviver no presente um passado engolido pelo tempo. O monumento histórico mantém a relação diferente com a memória viva e com a duração. (...) Neste caso, torna-se parte constitutiva do presente vivido, mas sem a mediação da memória ou da história*”²

Choay, faz uma referência à antiguidade, questionando-se acerca da génese do monumento. Fazendo um parecer de que “*a coleção de obras de arte antiga, que*

¹ Françoise Choay nasceu em Paris no ano de 1925. Dedicou-se às teorias arquitetónicas e às formas urbanas. Choay foi importante pela descrição da história e pela crítica desenvolvida através das suas obras que tinham como principal assunto: a teoria e o urbanismo.

² Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 22

*antecipa o museu, parece ter aparecido nos finais do século III a.C*³, considerando que esta data seja anterior, ao nascimento do monumento, no ano de 1420, em Roma.

Após as definições dos termos e depois de procurar interrogar-se acerca da criação do monumento, prossegue a obra, esclarecendo acerca da conservação do monumento histórico.

A autora defende, que a salvaguarda surge por intermédio dos vandalismos, após a revolução industrial. *“Com efeito, a invenção da conservação do monumento histórico, (...), foi antecipada pelas instâncias revolucionárias”*⁴

A partir do momento que há uma salvaguarda do património, a historiadora destaca as diferenças na conservação, distinguindo-as e caracterizando-as. Considera igualmente relevante, haver uma distinção do vandalismo, assegurando que *“Compreender esta atitude reativa exige que o vandalismo ideológico seja distinguido das outras formas de destruição”*.⁵

Os valores que iriam ser atribuídos aos monumentos, bem como as condições e critérios para a conservação dos bens, seriam, como Choay refere *“o incentivo da conservação reativa”*.⁶ É a partir deste momento que iriam ser atribuídos valores para cada monumento e, em 1789, estariam reunidos *“todos os elementos necessários para uma autêntica política de conservação do património histórico”*⁷

Neste instante, não bastaria haver leis de conservação dos monumentos, mas sim *“instrumentos específicos”*⁸ e *“serviços especializados”*⁹. Assim sendo, Ludovic Vitet ocupa o posto de inspetor.

*“Querer e saber “classificar” monumentos é uma coisa. Saber depois conservá-los fisicamente e restaura-los é um outro assunto.”*¹⁰

³ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 29

⁴ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 85

⁵ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 91

⁶ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 92

⁷ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 100

⁸ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 124

⁹ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 125

¹⁰ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 127

Desta forma, começa um debate importante e que dita as exigências pedidas neste momento. Não seria suficiente, a partir desta altura, as ideias e fundamentos básicos. Tornava-se categórico haver doutrinas especializadas.

Choay, começa por fazer uma análise de duas diferentes noções de restauro, sustentadas por *John Ruskin*¹¹ e *Viollet-le-Duc*¹².

*“Ruskin, secundado por Morris, defende um anti intervencionismo radical, até então sem exemplo, e que é consequência da sua conceção de monumento histórico.”*¹³

Ruskin, no seu livro intitulado *“The lamp of memory”*¹⁴ dá a conhecer a sua perspetiva e opinião face ao restauro.

O crítico de arte, defende que os edifícios são intocáveis e que o *“trabalho das gerações passadas confere aos edifícios que elas nos legaram um carácter sagrado”*.¹⁵ Por tanto, *John Ruskin*, delega que *“Nós não temos o mínimo direito de o fazer. Eles não nos pertencem.”*¹⁶

Da mesma maneira, *Morris* desvaloriza o restauro e acrescenta um cunho pessoal pelo o gosto da arte antiga. *“Morris desenvolve o tema segundo uma argumentação pessoal. Deixando em aberto a hipótese otimista de um revivalismo da arte antiga”*¹⁷

Quer *Ruskin*, quer *Morris*, interpretam o restauro como uma desconsideração pela autenticidade do edifício, aparentando, segundo *Choay*, que *“o destino de qualquer monumento histórico é a ruína e a desagregação progressiva”*.¹⁸

O lado oposto, é defendido por *Viollet-le-Duc*. *Choay*, consegue, na *“Alegoria do Património”*, traduzir perfeitamente a posição do arquiteto. *“Um tal julgamento de valor coloca em questão a noção de monumento histórico que se torna numa abstração, e a noção de restauro, que não leva mais em conta a autenticidade do objeto restaurado.”*

19

Viollet-le-Duc, protagonizou restauros severos que traduzem a sua *“nostalgia pelo*

¹¹ John Ruskin nasceu em 1819 e foi um importante nome para a arquitetura. Foi pintor, escritor e crítico de arte, conhecido pela defesa do anti intervencionismo radical.

¹² Eugène Emmanuel Viollet-le-Duc, nasceu em Paris em 1814. Foi um importante arquiteto, destacando-se pela prática do restauro e pelo pioneirismo teórico da preservação do património histórico.

¹³ Choay, Françoise (1999) *“Alegoria do património”*, p. 130

¹⁴ Ruskin, John (2008) *“The lamp of memory”* Londres, Penguin books Ltd

¹⁵ Choay, Françoise (1999) *“Alegoria do património”*, p. 130

¹⁶ Choay, Françoise (1999) *“Alegoria do património”*, p. 130

¹⁷ Choay, Françoise (1999) *“Alegoria do património”*, p. 130

¹⁸ Choay, Françoise (1999) *“Alegoria do património”*, p. 131

¹⁹ Choay, Françoise (1999) *“Alegoria do património”*, p. 133

o futuro e não pelo passado.”²⁰ Nos seus restauros, procura intervir, a fim de marcar a sua posição artística, e não necessariamente em prol da historicidade do monumento.

Choay, depois de uma análise que se debruça, essencialmente, sobre práticas, métodos e doutrinas, pertencentes a *Ruskin* e a *Viollet-le-Duc*, apresenta agora: *Camillo Boito*.²¹

Teórico moderado do restauro, *Camillo Boito* surge, apresentando, uma doutrina que se rege por meio de críticas e argumentos face a *Ruskin* e *Viollet-le-Duc*.

A autora *Choay*, começa por esclarecer que o método de *Boito* aparece como uma referência mais moderada e mais informada. Sendo ele “engenheiro, arquiteto e historiador de arte, as suas competências permitem-lhe situar-se na articulação de dois mundos tornados estranhos: o mundo da arte, passado e atual e o mundo da modernidade técnica”²²

Boito, confronta as duas doutrinas em simultâneo. O autor, procura criticar *Viollet-le-Duc* com argumentos de *Ruskin* e, ao mesmo tempo, condena *Ruskin* com fundamentos de *Viollet-le-Duc*.

Choay esclarece que “*Boito sustenta a prioridade do presente sobre o passado*”²³, significando que, embora concorde com o restauro, este “*não deve ser praticado senão in extremis, quando todos os outros meios de salvaguarda (manutenção, consolidação, reparações não expostas à vista) falharam.*”²⁴ Esta afirmação, pressupõe uma nova dificuldade: a avaliação da necessidade de intervenção.

Neste momento, *Boito* propõe três tipos de intervenção: a primeira dirige-se para os monumentos da Antiguidade, a segunda para os monumentos góticos e a última, para os monumentos clássicos e barrocos.

Na obra de *Françoise Choay* também menciona *Alois Riegl*.²⁵ que protagoniza “*um trabalho mais reflexivo, mais ambicioso, relativo ao conjunto das atitudes e dos comportamentos ligados à noção de monumento histórico*”.²⁶

Alois Riegl, redefiniu uma “nova legislação para a conservação dos monumentos”.

²⁰ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 133

²¹ Camillo Boito nasce em Roma no ano de 1836 no seio de uma família de artistas. Arquiteto, engenheiro historiador, professor e teórico, protagonizou uma das mais importantes doutrinas da história do restauro.

²² Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 136

²³ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 137

²⁴ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 136

²⁵ Alois Riegl nasceu em 1858 na Áustria. Riegl foi um historiador de arte, filósofo e jurista. Nomeado presidente da Comissão de Monumentos Históricos da Áustria, onde reorganizou a legislação de conservação dos monumentos austríacos. Graças a este cargo, surge a sua obra mais conhecida: “O culto moderno dos monumentos”.

²⁶ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 138

Esta lista de leis, conhecida como “O Culto moderno dos monumentos” é uma compilação de toda a sua experiência. É uma análise crítica onde, em oposição a Boito, define uma visão mais filosófica e social e não meramente profissional.

Foi o primeiro autor, através da sua obra, capaz de explicar a distinção entre monumento e monumento histórico – fazendo uma análise crítica. *Riegl*, reconhecia que este tipo de distinção deveria ser reconhecida através dos valores, que vai mencionando ao longo da história.

É importante realçar, que a obra de *Riegl* foi um pouco desconsiderada na altura. Segundo *Choay*, a reflexão de *Alois Riegl*, é, no presente, importante para o pensamento sobre o património histórico. “No entanto, como se verá mais tarde, é a partir de pistas sintomáticas abertas por ele com a obra *Der Moderne Denkmalkultus* que se pode procurar hoje pensar o património histórico.”²⁷

Em suma, estas duas reflexões e obras de *Camillo Boito* e *Alois Riegl*, foram importantes e inovadoras seguindo um padrão mais moderado e refletivo – comparativamente a *John Ruskin* e *Viollet-le-Duc*.

A autora de “*Alegoria do património*” reflete também acerca do património urbano.

Este capítulo é iniciado com o plano de *Hausmann*²⁸ para Paris. Dando prioridade à sua ideia de modernização da cidade, destruiu Paris “em nome da higiene, da circulação e mesmo da estética”²⁹

Embora “*alguns apaixonados da velha Paris*”³⁰ protagonizassem uma posição de discórdia, a autora menciona *Théophilo Ganrier* que saúda a intervenção de *Hausman*.

Após refletir acerca da cidade de Paris, a autora interroga-se acerca da demora entre o pensamento sobre o monumento histórico e a cidade histórica – um “*intervalo de quatrocentos anos*”.³¹ *Choay* contempla o assunto, considerando inúmeros fatores.

Em “A alegoria do património” a autora faz referência a várias doutrinas de teóricos. *Choay* propõe três distintas figuras: “*A figura memorial*”³², “*A figura histórica: papel*

²⁷ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 141

²⁸ Georges-Eugène Haussmann nasceu em Março do ano de 1809, em Paris. O advogado e político, ficou vulgarmente conhecido pela sua renovação urbana da cidade de Paris.

²⁹ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 155

³⁰ Choay, Françoise (1999) “Alegoria do património”, p. 155

³¹ Choay, Françoise (1999) “A alegoria do património”, p. 157

³² Choay, Françoise (1999) “A alegoria do património”, p. 158

museológico”³³ e “*A figura histórica*”³⁴ onde procura elaborar um diálogo entre a história e a historicidade dos espaços da cidade.

Em suma, esta obra leva o leitor à gênese do problema.

Choay, reúne uma investigação sobre vários assuntos que se complementam que, à luz de diversas teorias e doutrinas, procura responder às suas questões. Por entre as análises que vai fazendo, expõe o seu conhecimento, apresentando diversas análises críticas.

³³ Choay, Françoise (1999) “A alegoria do património”, p. 166

³⁴ Choay, Françoise (1999) “A alegoria do património”, p. 168

Em suma, a obra “*Alegoria do património*” de *Françoise Choay*, foi um contributo importante para a presente dissertação. Consegue-se, através desta obra, refletir e conquistar sensibilidade acerca do património.

. A autora transmite acerca dos primórdios desta preocupação, e também sobre as possíveis datas dos primeiros vestígios de inquietação acerca do tema.

Conseguiu-se assimilar os distintos significados de monumento e monumento histórico. A par com esta distinção, esta dissertação, entendeu acerca da salvaguarda do património, também referida por *Choay*.

Atentamos, sobretudo, nas teorias que a autora apresenta ao longo da obra. *Choay* concede ao leitor uma vasta e detalhada informação acerca de importantes teorias do património e dos seus autores. A par com este relato de informação, a autora é fortemente caracterizada a partir da sua crítica permanente, bem como a sua opinião em relação a diferentes temas.

Esta dissertação conseguiu, através desta obra, conhecer as diferentes visões e opiniões acerca da reabilitação do património, através de distintos autores.

Choay expõe arquitetos, historiadores, filósofos e teóricos com diferentes convicções sobre o tema do património. A autora nomeia as teorias, revelando o “olhar” de cada um sobre a reabilitação.

Através da leitura deste livro, foi possível entender os “polos opostos” dos teóricos a respeito da reabilitação.

Em suma, este livro reúne distintas teorias e crenças conseguindo incitar a reflexão, a preocupação e o respeito pelo o património.

Esta dissertação captou, através desta obra, um encorajamento à reabilitação ponderada.

Após a leitura da obra de *Choay*, houve a necessidade de compreender estas questões à luz dos casos portugueses, recaindo sobre a reabilitação industrial.

Depois de uma pesquisa, em busca de autores interessantes ou de obras importantes na salvaguarda do património, sobretudo industrial e português, destacam-se três diferentes nomes: Maria da Luz Sampaio, Jorge Custódio e Teresa Cunha.

Abordaremos, neste ponto da dissertação, um artigo com a coordenação e escrita de Maria da Luz Sampaio, em conjunto com Alice Semedo, Álvaro Domingues e João Rapagão.

Esta dissertação, procurou entrar em contacto com a autora Maria da Luz Sampaio que, gentilmente, nos cedeu o artigo que abordaremos neste ponto.

Este artigo encontra-se publicado na obra “*Actas do colóquio de museologia industrial - Reconversão e musealização de espaços industriais*”³⁵ ³⁶.

Estas atas, apresentam vários capítulos em torno da reabilitação, sobretudo, industrial. Considerando este tema, concentram-se vários autores que explicam diferentes projetos de reabilitação. Os projetos apresentados concentram-se no tema da reutilização de espaço, na musealização e na salvaguarda do edifício, preservando a memória do local.

O artigo inicia com uma breve contextualização acerca da desindustrialização sentida na Europa. Destacando, de igual forma, a cidade do Porto.

Os autores, reconhecem a crise na indústria dos anos 70 e 80 em Portugal, apontando vários fatores para as deslocações das fábricas para a periferia, reconhecendo o seu abandono.

A preocupação da desindustrialização era reconhecida quer por “*historiadores e arqueólogos quer pelo poder local*”.³⁷ Esta inquietação permitiu identificar muitas unidades industriais, e reconhecer os edifícios com maior interesse no âmbito do património industrial.

Os autores apontam esta iniciativa com algum sucesso. Este êxito resultou na criação

³⁵ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “*Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto*” p. 170

³⁶ Esta dissertação procurou entrar em contacto com a autora Maria da Luz Sampaio que, gentilmente, nos cedeu o artigo que abordaremos neste ponto.

³⁷ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “*Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto*” p. 170

da Associação para o Museu da Ciência e Indústria – AMCI, pela Câmara Municipal do Porto.

Esta associação precisava de um edifício para instalar o museu e é nesse âmbito que surge a antiga Fábrica da Companhia de Moagens Harmonia. A escolha deste edifício considerou algumas características importantes:

- 1- Bom estado de conservação do edifício
- 2- Características arquitetónicas interessantes
- 3- “Área adequada à função museológica”³⁸
- 4- Localização privilegiada
- 5- “Pertencia a um organismo do governo central”³⁹

A reabilitação desta fábrica iria potenciar a requalificação daquela zona da cidade e afirmar “a existência de um Pólo cultural e museológico na região oriental da cidade”⁴⁰

Após este reconhecimento, os autores organizam, no artigo, as áreas de intervenção desta associação e as suas estratégias.

Neste sentido, identificam importantes ferramentas para a investigação, como é o caso dos espólios documentais. Também é mencionado, neste momento, a participação da “AMCI, em colaboração com a Divisão de Património Cultural da Câmara Municipal do Porto”⁴¹ na definição da Carta do Património da Cidade.

No artigo, é mencionada a criação, em 2002, de um Concelho Consultivo, graças à necessidade permanente de atualização de estratégias e definições. Os autores dão a conhecer a redefinição de alguns aspetos, enumerando-os.

Graças a esta redefinição de conceitos, surgiu a necessidade de distinguir o “museu e os novos centros e museus de ciência”.⁴² Propondo, ainda, “a alteração da

³⁸ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto” p. 170

³⁹ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto” p. 170

⁴⁰ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto” p. 171

⁴¹ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto” p. 172

⁴² Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto” p. 173

denominação de “*Museu da Ciência e Indústria*” para “*Museu da Indústria*””.⁴³

Neste artigo, são relatados os objetivos gerais do Museu e a sua nova Missão.

A obra procede com a demonstração de algumas áreas fundamentais para o museu. Reconhecem a área de Coleções, como uma das mais importantes e elucidam o leitor acerca da recolha de peças, iniciada no ano de 1992.

Os autores enumeram as primeiras máquinas a serem recolhidas. Esclarecem acerca do objetivo desta recolha e informam sobre o critério de incorporação destas peças na coleção do museu, enumerando os vários parâmetros de avaliação.

O Museu consegue recolher diversos espólios através das empresas ou de familiares de antigos empresários. Após a sua incorporação, estudam e documentam as peças. Esta tarefa pretende as peças com materiais documentais como é o caso dos gráficos ou audiovisuais.

Após a explicação da aquisição dos espólios, os autores esclarecem-nos acerca da exposição permanente e temporária do museu, distinguindo-as, apontando os seus objetivos e políticas.

O museu tende a promover a interatividade, apostando “*numa narrativa interpretativa e sensorial*”⁴⁴ a fim de “*despertar a consciência de todos nós para a evolução do setor industrial*”⁴⁵ - exposição permanente

Através da exposição temporária – o museu pretende diversificar a oferta cultural.

O artigo direciona-se, a partir deste momento, para a explicação do projeto no edifício da Antiga Moagem. Os autores começam por esclarecer que o espaço exterior também foi tratado, promovendo “*a ideia de parque industrial temático e de “espetáculo” histórico*”.⁴⁶

Ao mesmo tempo, explicam que o projeto prevê “*a integração do imóvel no quotidiano, reconstituindo a sua vida diária, de permanente laboração*”.⁴⁷

⁴³ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “*Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto*” p. 174

⁴⁴ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “*Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto*” p. 178

⁴⁵ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “*Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto*” p. 179

⁴⁶ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “*Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto*” p. 181

⁴⁷ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “*Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto*” p. 182

De seguida, descrevem o local e o seu espaço. Começam por descrever as salas e os acessos, referindo também a organização dos alçados. Procuram esclarecer também algumas características, como é caso da rampa lateral no Alçado Nascente e a organização do programa.

A obra procede com os autores a explicar o princípio do Museu e as suas características. Realçam, dentro deste assunto, o “*aproveitamento das estruturas originais de um espaço fabril*”⁴⁸ e organizam uma lista de soluções da arquitetura projetada neste museu. Por exemplo: “*adequação dos espaços existentes às funções previstas nos usos do museu, sem deturpação ou depreciação do imóvel*”⁴⁹ ou a valorização de elementos pré-existentes.

Em suma, o museu foca-se, não só na recolha de espólio e o seu tratamento, mas também na tentativa de inserção do público neste assunto.

Os autores reconhecem que a comunicação lúdica e educativa é uma mais valia para a aproximação da comunidade ao tema do património industrial.

⁴⁸ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “*Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto*” p. 183

⁴⁹ Sampaio, Maria da Luz; Semedo, Alice; Domingues, Álvaro; Rapagão, João (2002) “*Antiga Fábrica de Moagens Harmonia – De fábrica a Museu da indústria do Porto*” p. 183

Em suma, o artigo permitiu ter uma ideia mais prática e real do património industrial. Com a leitura desta obra, foi permitida uma reflexão direcionada para a organização do museu – tanto a nível do projeto, como de espólio.

Foi interessante entender as estratégias da associação AMCI e dos objetivos gerais do museu.

Foi indispensável tomar conhecimento das opções que foram feitas no projeto do Museu da Indústria do Porto. Este ponto foi fundamental pois é uma mais valia para o projeto na Central do Ouro. Tomar conhecimento das várias fases ou opções dadas para um projeto, foi importante.

Com este ponto do artigo, foi possível entender que o programa exigia algumas condições ao edifício. Foi interessante entender como o projeto avançou neste âmbito, e como foi feita a reabilitação do edifício.

Este artigo também foi importante para entender a dinâmica da cativação de público para este tema do património industrial. Também é intrigante que uma das maiores lacunas deste assunto seja a desvalorização do tema pelo público em geral.

2.2 A Central do Ouro – Espaço de intervenção da proposta realizada

Nota introdutória

É indispensável frisar que os casos de estudo considerados e examinados neste trabalho não são referências diretas. Os casos de estudo servem como adjuvantes teóricos e metodológicos intrínsecos a cada projeto, que pretendem responder às questões levantadas a propósito do desenvolvimento projectual.

De modo a projetar conscientemente, no local de intervenção, há que, primeiro, esclarecer algumas premissas que conduzam ao bom desenvolvimento do trabalho.

Numa primeira instância ver abordada a Central do Ouro numa posição geográfica. Reconhecer o seu papel na evolução da cidade e na sua herança histórica industrial.

Identificar, em segundo lugar, os aspetos característicos que se podem reconhecer como um valor a manter e a respeitar, reutilizando-os.

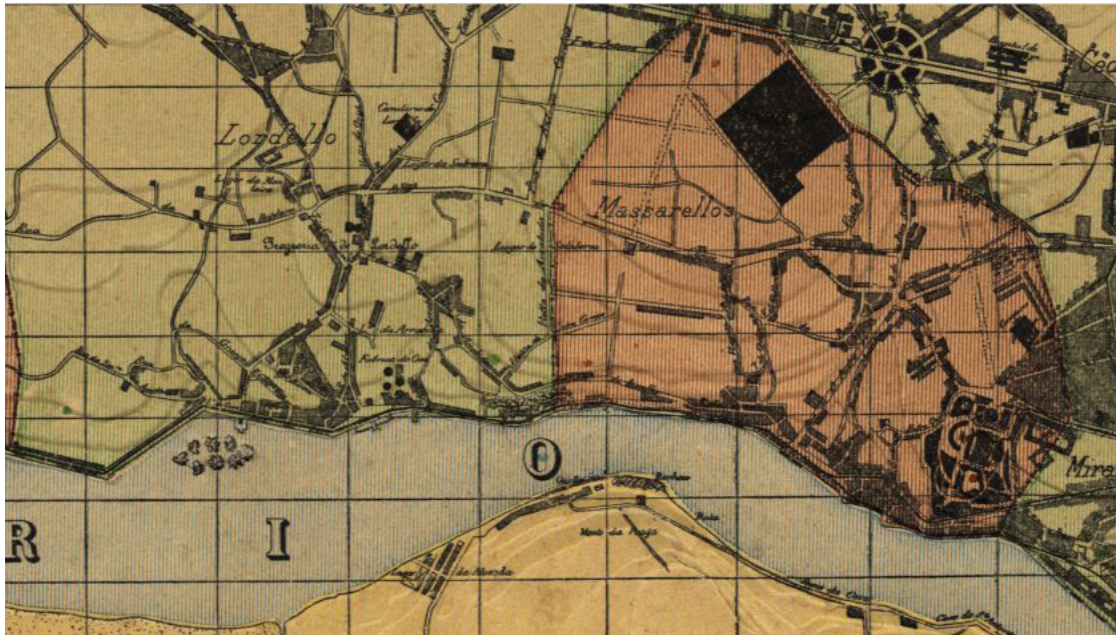


Figura 1 – Parte da planta do Porto por João José Mendonça, 1903 (fonte: Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”)



Figura 2- Central do Ouro identificada na planta topográfica Porto/Gaia – maio 1978 (fonte: Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” editado pela autora)

A central do Ouro está inserida na zona do Aleixo, na cidade do Porto. Uma zona que carece de algumas iniciativas de dinamização urbanística.

As propostas de reabilitação da Central do Ouro, a par com a dinamização da função para o edifício, andam de mãos dadas com a reabilitação do local e a valorização desta parte do território.

Em 1830 é conhecida a planta de AC Lemos que reconhece um indício do que poderia ser a central do Ouro, porém somente é identificada uma espécie de espeque de mercadorias.

Este ponto simboliza um importante marco para o comércio, antecedendo-se ao miolo medieval. Esta atitude poderá ser um dos motivos de maior relevância para que a Central do Ouro seja aqui construída.

No século XIX, Lordelo do Ouro, era essencialmente um local de passagem devido ao desenvolvimento que se faz sentir na Foz do Douro.

No século seguinte, esta parte da cidade tinha “*aspeto campestre, de jardins e quintas*”⁵⁰ que já era habitual na sua caracterização.

O primeiro registo conhecido da Central do Ouro, já com alguns elementos que a pudessem caracterizar, é verificada na planta de 1903 da autoria de João José Mendonça. Nesta cartografia são já visíveis “*os três gasómetros e o corpo que fazia a separação entre público e privado, ainda na sua forma primitiva*”.⁵¹ Esta cartografia de João José Mendonça informa também as poucas ruas existentes em Lordelo do Ouro à época.

Em 1970, graças aos movimentos sociais que se fazem sentir na cidade do Porto, esta zona, em contraste com as últimas décadas, começa a ganhar maior relevância. Até então, locais que antes eram conhecidos como essencialmente rurais, passam a ser locais de “*expansão imobiliária*”.⁵²

Interpretando a planta da cidade referente ao ano de 1978, verifica-se a soma e a subtração de alguns elementos.

⁵⁰ Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 191

⁵¹ Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 191

⁵² Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 191

Nesta planta é já reconhecida uma maior aproximação ao estado atual do local, verificando-se um maior desenvolvimento desta zona da cidade, face à anterior. Nesta planta são já visíveis alguns elementos distintos: um corpo no interior do terreno – provavelmente armazéns; as naves – relativas à produção de eletricidade e a evidência do desaparecimento dos gasómetros.



Figura 3- “Construção da fábrica de Eletricidade, 1907”⁵³ (fonte: Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”)



Figura 4- “Construção da fábrica de Eletricidade, 1907”⁵⁴ (fonte: Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”)

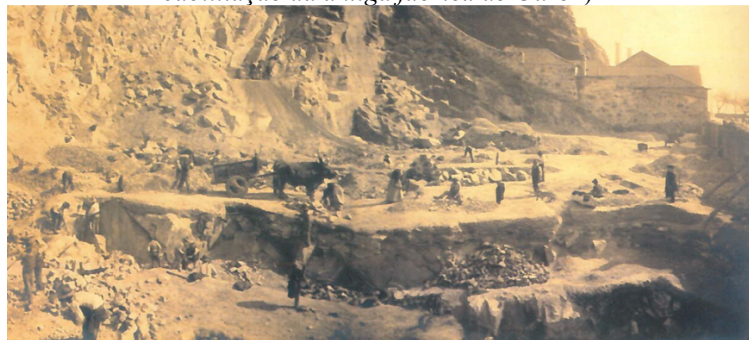


Figura 5- “terraplanagem para a nova construção”⁵⁵ (fonte: Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”)

⁵³ Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 200

⁵⁴ Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 200

⁵⁵ Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 200

*“Entre a cidade e o rio, entre a ribeira e foz, esta zona é há muito negligenciada.”*⁵⁶

Sendo este um local proposto pelos docentes, no início do ano letivo, é importante fazer um reconhecimento do terreno e uma reflexão acerca do local e do seu valor.

A observação do espaço contempla a atual tendente valorização do local. Graças à mudança de princípios, face à apreciação da frente ribeirinha, a esta área é-lhe agora reconhecido uma maior relevância.

A dinâmica estabelecida nos últimos anos, marca uma forte vontade de enriquecer a zona com novos edifícios e, sobretudo, novas reabilitações. As novas construções e as requalificações têm um cariz tanto habitacional quanto cultural.

Este reconhecimento, progressivamente mais dominante, reflete uma constante dinamização e valorização do local promovendo uma reconquista de possíveis espaços anteriormente abandonados.

Não obstante dos problemas atualmente vividos nesta zona da cidade, em grande parte graças ao bairro do Aleixo, a Central do Ouro dá a sua frente ao rio Douro, tornando-o num lugar cativante e com um enorme potencial.

A reabilitação do edificado passa também por uma requalificação do local, estando tudo interligado. Esta oportunidade dá alento a novas dinâmicas, conquistando novos visitantes, oferecendo um local, no caso, ligado ao desporto dando apoio à comunidade, desenvolvendo um espaço mais cativante e enriquecedor.

O edifício da Central do Ouro não nos relaciona com edifícios monumentais por não ter sido pensado e projetado para ser um elemento artístico ou memorial. Em contraste, foi desenhado com uma arquitetura bastante insípida correspondendo até a algumas limitações de conceção e construção.

A arquitetura presente nos edifícios pré-existentes são variáveis, mas na sua grande maioria, não apresentam características que se relacionam com nenhum estilo arquitetónico em particular. Dominando assim uma arquitetura que não consolida nenhum valor, teoria ou política dominante.

⁵⁶ Miranda, Fernando “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 191



Figura 6- Fotografia da fábrica do ouro, 1907⁵⁷ (fonte: Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”)



Figura 7- Fotografia aérea da zona do Ouro⁵⁸ (fonte: Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro”)

⁵⁷ Miranda, Fernando “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 203

⁵⁸ Miranda, Fernando “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 203

Interessa neste momento elucidar acerca da arquitetura pré-existente no local de intervenção.

Os volumes pré-existentes estão posicionados a sul do terreno. No que diz respeito a zonas exteriores, o que caracteriza melhor o local está presente no meio dos edifícios e funciona, a priori, como um espaço que faz a distribuição entre as edificações – característica que se acredita já ter sido utilizada anteriormente.

Numa perspetiva mais particular, individualizando cada construção, verificamos que a pré-existência se evidencia em três volumes diferentes.

O primeiro volume (A), *“é construído paralelamente à rua e evidencia um desenho de influência provavelmente centro-europeu”*⁵⁹

Este edifício está dividido em dois pisos e, tanto a sul como a norte, a sua composição exterior é simétrica tendo uma grande quantidade de aberturas – muito marcadas pela cantaria em granito.

Embora haja uma simetria evidente entre as fachadas norte e sul, a fachada virada para a rua e para o rio incorpora algumas características particulares: É visível um ligeiro avanço que compõem a fachada, sendo este rematado com um óculo central e um frontão superior. Este avanço incorpora uma pequena varanda com a largura correspondente a este acrescento.

Embora este edifício contenha alguns elementos particulares, com tentativas de requinte é, apesar de tudo, uma construção com uma função industrial e o único edifício que se mantém da primária Fábrica de Gás.

O volume (B) está disposto nas traseiras da primeira construção, com poucos metros de afastamento. É composto por uma grande e ampla nave com algumas características especiais.

Este edifício é composto por asnas metálicas que possibilitam uma maior largura e altura. Parece ter albergado no passado, graças às suas dimensões, a zona dos fornos e elementos industriais, estando preparado para conter uma maquinaria avultada.

Embora fosse um edifício de cariz industrial, o trabalho de fachadas é muito rico. Nas laterais do edifício são conhecidas algumas aberturas dispostas ao nível do rés do

⁵⁹ Miranda, Fernando in “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” p. 205

chão que, possivelmente, proporcionavam um melhor abastecimento da maquinaria. A par com estas aberturas, é visível uma linha superior que compõem um jogo de ‘cheios e vazios’ composto por tijolos, permitindo uma entrada de luz pelas pequenas frinchas.



Figura 8- Planta atual da Central do Ouro (fonte: Miranda, Fernando (2016) “*Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro*” editado pela autora

Os lados menores do edifício são os mais simples, porém, a fachada principal é composta por um grande óculo e uma entrada alta no rés do chão, com pequenas aberturas pontuais.

O volume C corresponde a dois edifícios bastante semelhantes que se encontram juntos, embora não haja a certeza de uma ligação entre eles.

Este volume, é composto por duas amplas nave e situado a Este do terreno, posicionando-se obliquamente face ao primeiro volume e paralelo ao edifício (B), rematando o final do terreno.

Estes edifícios são semelhantes, principalmente nas suas fachadas mais pequenas, porém não são compatíveis nas fachadas laterais.

O edifício mais próximo ao interior do terreno aparenta ter poucas aberturas, preferencialmente maiores e ao nível do rés do chão. – Aparentemente uma solução posterior, pela materialidade da fachada. Contrastando, do lado oposto, a fachada visível, aparenta ter uma métrica bem definida e proposta desde da sua construção, composta por pequenas aberturas ao longo da fachada.

Atualmente, a ligação entre o edifício A e o núcleo C corresponde a um acrescento posterior e, aparentemente, bastante recente (volume D). Este acrescento tenta continuar com a métrica existente no volume A, representando a linguagem dos edifícios C.

Em síntese, este capítulo gerou uma reflexão acerca da construção de cada edifício existente. Fez-se uma apreciação da sua posição no terreno; Investigou-se, sempre que possível, o tipo de material construtivo de cada edifício; Fez-se uma apuração das fachadas das construções.

CAPÍTULO III
Arquitetura para uma nova função

3.1 Análise de casos de estudo

Casa da arquitetura

Tipologia construtiva

Ed. Industrial | Nave Industrial | Sistema de Naves Industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção

Reabilitação

Conservação de elementos industriais

Não conserva | Conserva parcialmente | Conserva totalmente

Uso do edifício

Cultural | Desporto | Museológico | Industrial | Comercial / Empresarial

Público | Privado

Arquiteto: Guilherme Machado Vaz

Localização: Matosinhos Sul

Área: 4700 m²

Ano: 2017

Antiga função: Antiga instalação fabril - Real Companhia Vinícola

Nova função: Museu



Figura 9- Fotografia exterior (fonte: <https://visao.sapo.pt/visaose7e/ver/2017-11-21-a-arquitetura-ja-tem-casa-em-matosinhos/#&gid=0&pid=1>)



Figura 10- Fotografia nave expositiva (fonte: <https://www.archilovers.com/projects/220737/real-vinicola-casa-da-arquitetura.html>)



Figura 11- Fotografia escadas Casa de Arquitetura (fonte: <http://porto.convida.pt/poi/see-do/casa-da-arquitetura-41057/38>)

Fábrica de Ca L'Alier

Tipologia construtiva

Ed. Industrial | Nave Industrial | Sistema de Naves Industriais | Complexo Industrial

Grau de intervenção

Reabilitação

Conservação de elementos industriais

Não conserva | Conserva parcialmente | Conserva totalmente

Uso do edifício

Cultural | Desporto | Museológico | Industrial | Comercial / Empresarial

Público | Privado

Arquiteto: Jaume Arderiu, Tomàs Morató | A+M

Localização: Barcelona

Área: 3000 m²

Ano: 2018

Antiga função: Fábrica têxtil

Nova função: Centro de Inovação Urbana



Figura 12- Fotografia da fachada da Fábrica de Ca L'aliér (fonte: https://elpais.com/ccaa/2018/06/07/catalunya/1528390884_673526.html)



Figura 13- Fotografia do interior (fonte: https://ajuntament.barcelona.cat/ecologiaurbana/en/noticia/ca-lalier-the-home-of-urban-innovation_672910)



Figura 14- Fotografia do exterior (traseiras) (fonte: <https://amarq.net/es/portfolio/antigua-fabrica-ca-lalier/>)

3.1.1 Casa da arquitetura – Companhia Vinícola Portuguesa

Avenida Menéres, 456, Matosinhos, Porto

Uso anterior

Armazém de vinhos

Ano de construção: 1897 - 1901

Uso atual

Casa da Arquitetura - Centro Português de Arquitetura

Área: 4.700 m²

Projeto: 2015

Final de obra: 2017

Arquitetos: Guilherme Machado Vaz

Breve contexto histórico

Antigamente, onde atualmente se encontra a Casa da arquitetura, foi o “*Edifício da Real Vinícola*”⁶⁰ projetado pelo engenheiro António da Silva. Este edifício, fundado pela família Menéres, era um armazém de vinhos que tinha como função “*rotular, embalar e despachar vinhos, além de contar com uma área para análise e uma tanoaria, sendo esta a primeira a vapor na região*”⁶¹

O edifício da Real Companhia Vinícola era um edifício fabril que seguia um “*modelo de inspiração e tradições britânicas*”⁶². Atualmente é “*classificado como monumento de interesse público*”⁶³ e a sua construção compreendeu-se entre os anos de “*1897 e 1901*”⁶⁴ sendo a “*primeira instalação fabril concebida no contexto do Plano de Urbanização de Matosinhos*”⁶⁵

Este edifício continha o final de uma das linhas-de-ferro que ligava esta fábrica às docas do Porto de Leixões, o que facilitava o transporte de mercadorias. Este momento de chegada e partida de mercadorias estava implantado no centro do quarteirão da Real Vinícola e, neste local, existiam dois pavilhões nos quais funcionavam os depósitos de saída e entrada de mercadorias.

Para além deste núcleo central, que recebia e exportava mercadoria e que surgia no interior do pátio, existiam “*os edifícios, de planta retangular*”⁶⁶ que se dispunham, e ainda dispõem, “*a todo o perímetro do quarteirão*”.⁶⁷

Este edifício é desenhado em “U” com um pátio central. Do lado poente está inserido o edifício principal formado por dois pisos, e que, antigamente, funcionava como armazém.

No piso superior estavam dispostos os vinhos mais alcoólicos e com maior resistência de conservação. Já no piso de baixo, estavam armazenados os vinhos de mesa mais sensíveis às temperaturas.

Do lado oposto, estavam a tanoaria e uma carpintaria, onde se produziam os barris e as pipas.

Em 1930 a Real Vinícola abriu falência, deixando este edifício industrial ao

⁶⁰ Site oficial Casa da Arquitectura

⁶¹ Takahashi, Beatriz “Arquitectura em vão – Estágio na Casa da Arquitectura (Matosinhos)” p. 22

⁶² Site oficial Casa da Arquitectura

⁶³ Site oficial Casa da Arquitectura

⁶⁴ Site oficial Casa da Arquitectura

⁶⁵ Takahashi, Beatriz “Arquitectura em vão – Estágio na Casa da Arquitectura (Matosinhos)” p. 22

⁶⁶ Site oficial Casa da Arquitectura

⁶⁷ Site oficial Casa da Arquitectura

abandono. Após a falência da empresa, este edifício teve um momento na sua história que abrigou pessoas desalojadas aquando da construção do porto de Leixões, sendo casa para muita gente, naquela altura.

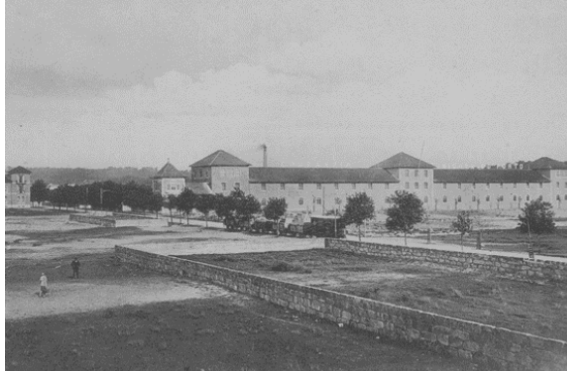


Figura 15- Matosinhos com o Edifício da Real Vinícola (fonte: (Lopes, 2019))⁶⁸



Figura 16- Interior do quartirão do Edifício da Real Vinícola (fonte: (Lopes, 2019))⁶⁹

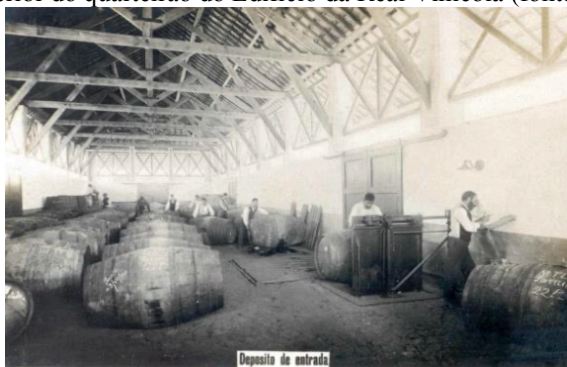


Figura 17- Interior de um dos edifícios da Real Vinícola (fonte: (Lopes, 2019))⁷⁰



Figura 18- Entrada da Real Vinícola (fonte: (Lopes, 2019))⁷¹

⁶⁸ Lopes, Alice Peixoto (2019) “Casa da Arquitetura – Centro Português da Arquitectura Coleção, Arquivo e Exposição” p.9

⁶⁹ Lopes, Alice Peixoto (2019) “Casa da Arquitetura – Centro Português da Arquitectura Coleção, Arquivo e Exposição” p.9

⁷⁰ Lopes, Alice Peixoto (2019) “Casa da Arquitetura – Centro Português da Arquitectura Coleção, Arquivo e Exposição” p.9

⁷¹ Lopes, Alice Peixoto (2019) “Casa da Arquitetura – Centro Português da Arquitectura Coleção, Arquivo e Exposição” p.9

Intervenção e análise crítica

“Foi isso que eu aprendi com este projeto... No fundo, foi olhar para o património e para as pré-existências com maior responsabilidade e respeito por aqueles que as desenharam originalmente”⁷²

Guilherme Machado Vaz

A escolha da Casa da arquitetura como caso de estudo surge por vários motivos. A localização, o programa, as escolhas e soluções que o arquiteto apresenta no final do projeto. São tudo palavras chave para definir a escolha feita e tomada em direção a adoção deste edifício como caso de estudo.

Numa primeira instância, e num ponto mais preliminar na dissertação, o mote consistia em dar predominância à zona norte de Portugal, a projetos inseridos especialmente nesta zona e que, de alguma forma, estivessem próximos geograficamente. Embora esse ponto não fosse conduzido até ao fim, por incompatibilidade de muitos fatores, no início fez sentido para o adotar como caso de estudo e depois permaneceu no trabalho por fazer sentido estudá-lo mais afincadamente e por responder a várias outras questões.

Outro ponto que se torna uma mais valia para o trabalho, por ser parecido com o que acontece no projeto da central do Ouro, era a relação com a envolvente, de preferência, uma envolvente citadina.

No caso da casa da Arquitetura, é visível essa relação com a cidade, estando compreendido num quarteirão atualmente cheio de edifícios em torno da construção.

A ligação com a cidade é um ponto que interessa particularmente. Este edifício é um bom exemplo de como, não só o arquiteto tem especial atenção aos momentos vividos pelas gentes de Matosinhos – neste edifício, no seu antigamente. Como também procura um espaço central, que busca não fechar as portas ao seu exterior, aos seus visitantes e curiosos.

O arquiteto está atento, não só à lembrança da população, mas também tem especial

⁷² Guilherme Machado Vaz. “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Arquitectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxScI39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura

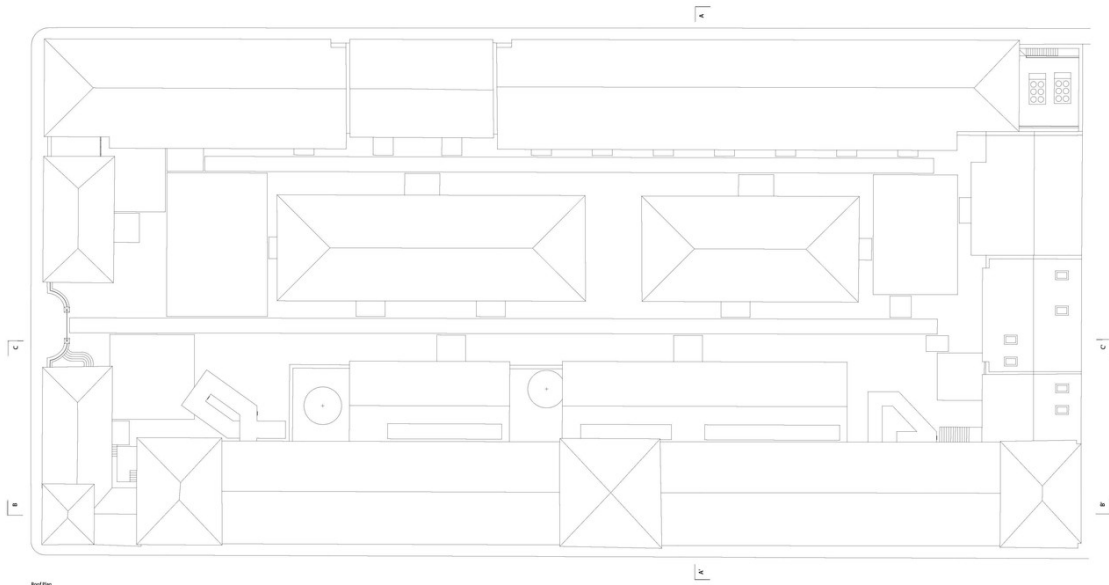


Figura 19- Planta da cobertura da Casa da Arquitetura (fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

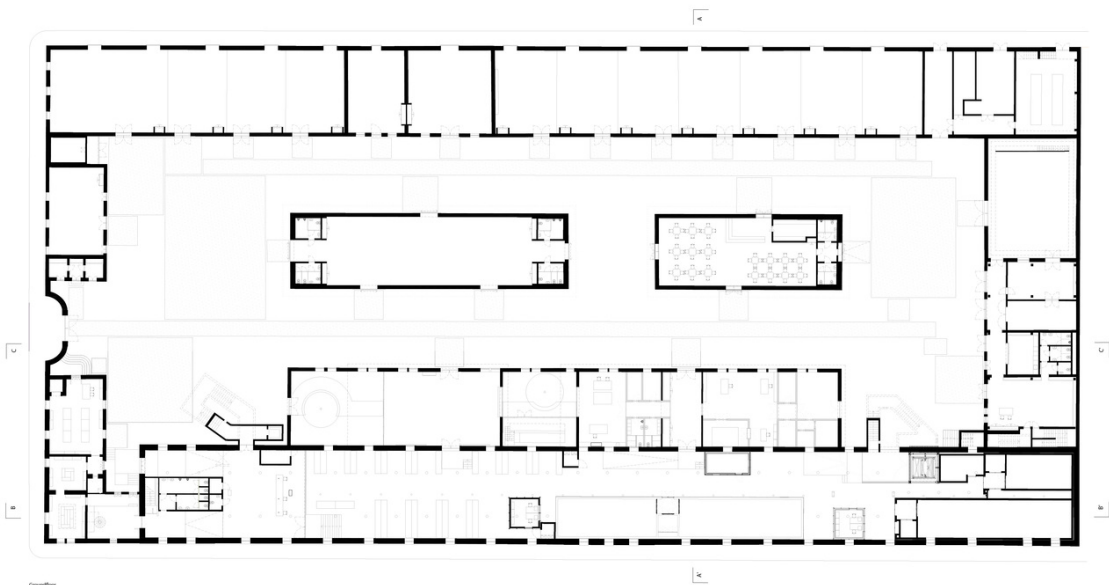


Figura 20- Planta do rés do chão da Casa da Arquitetura (fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

atenção à memória futura daqueles que vão conhecer este espaço, cultivando assim a curiosidade, prevalecendo, principalmente, a vontade de entrar e conhecer. O arquiteto cria um espaço público bastante pessoal, ao mesmo tempo que consegue ser um espaço público para a cidade.

A relação com a cidade, criando um pátio que não é totalmente privado, é também um ponto importante e um momento de inspiração para o projeto da central do Ouro.

Um dos motivos de maior relevância para a escolha deste, e de todos os casos de estudo, é o programa que nele está inserido. Será uma mais valia para o trabalho, procurar saber mais sobre edifícios industriais, que no passado foram fábricas e que agora já não o são mais. Procurando respostas para algumas perguntas: Como é que os espaços se metamorfoseiam? O porquê da escolha de algumas decisões? Quais os materiais a considerar? Como o arquiteto intervém no edificado?

Por último, ter em consideração alguns elementos que também existem nas construções do projeto da central do Ouro, como, por exemplo: a ruína e as grandes naves com as suas treliças e alguns materiais construtivos, como é o caso das *“paredes em alvenaria de pedra e cobertura em telha, assente em asnas de madeira e pilares de ferro forjado no corpo principal”*⁷³. Esse ponto foi fundamental e a casa da Arquitectura abrange também essa temática.

A estratégia base do projeto foi *“reestabelecer o equilíbrio das forças entre a natureza e o espírito humano”*⁷⁴.

Por um lado, o arquiteto compreende e preza a atitude da natureza que, apesar de tudo, se vê tão marcada no projeto e na vida, no geral, daquele edifício.

De outra forma, a evidente preocupação de que a presença humana precisa de espaço, que o tem de viver e que, acima de tudo, o edifício serve para evidenciar a experiência humana.

O arquiteto estabelece esse diálogo, tão marcado e definido, conseguido através da preservação de alguns elementos como as árvores, que com o passar dos anos, foram ganhando forma, força e reivindicando um espaço no terreno, até no interior do próprio edifício.

⁷³ Site oficial Casa da Arquitectura

⁷⁴ Site oficial Casa da Arquitectura

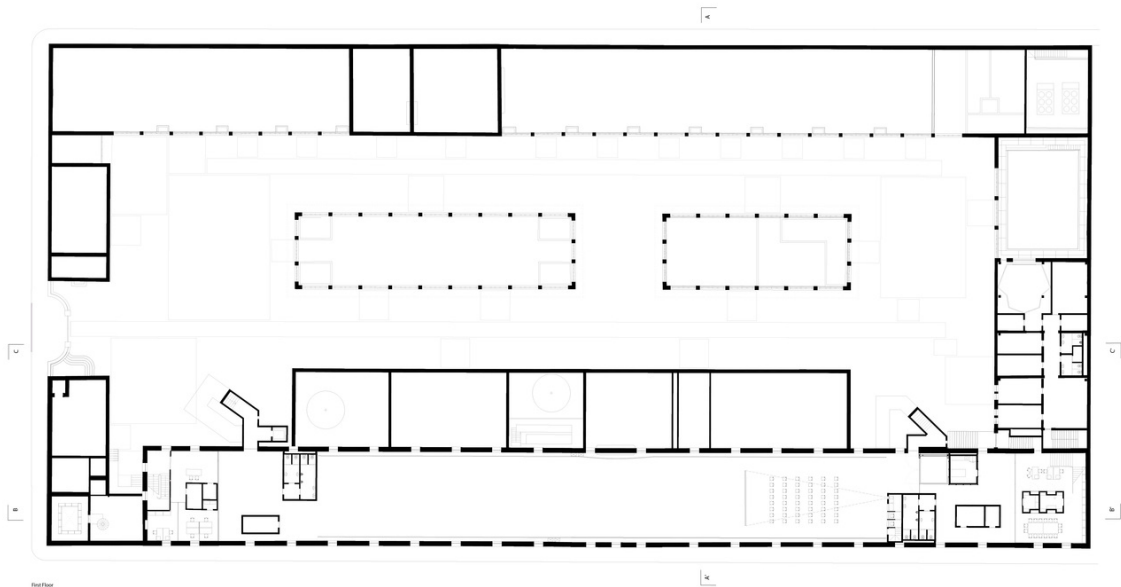


Figura 21- Planta do piso 1 da Casa da Arquitetura (fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

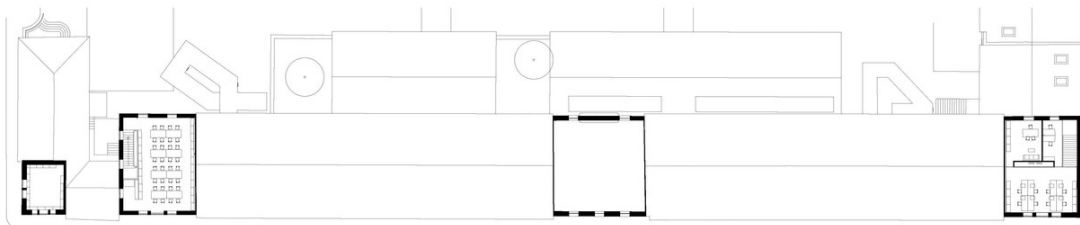


Figura 22- Planta do piso 2 da Casa da Arquitetura (fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

Neste caso, a decisão do arquiteto, foi manter as árvores, como resposta aos longos anos que estas aqui viveram - graças ao abandono do edifício. Neste caso, o arquiteto responde a essa problemática com a inserção de pátios ‘interiores’.

*“Procurou-se desenhar – sempre que possível – de acordo com o projeto original.”*⁷⁵

É visível a preocupação do arquiteto face à preservação dos espaços e dos edifícios. No projeto da casa da arquitetura é notória a preocupação em assumir o pré-existente e tentar, ao máximo, a sua recuperação.

Este cuidado do arquiteto é demonstrado através da recuperação da: *”volumetria exterior”*⁷⁶ e também da preservação da linguagem do edifício.

Porém, em contraste, o arquiteto assume uma posição de contemporaneidade quando é obrigado a responder a algumas questões impostas, seja pelo programa, seja para cumprir com normas legislativas, como é o caso particular da criação das escadas no exterior do edifício.

Estas caixas de escadas, com uma presença tão forte no edifício, deixam a sua marca, não só pela função que desempenham, mas também pela forma escultórica que o arquiteto decide criar. *“Optou-se por não as introduzir no interior devido ao impacto negativo que as mesmas teriam na estrutura de aço da laje que exprime toda a sua beleza na repetição quase infinita do módulo estrutural criado pelos pilares e as vigas”*

⁷⁷ Esta decisão acaba por ser surpreendente, pois o arquiteto assume e cria uma forma contemporânea, quase um objeto escultórico, para um local que ele prevê tão tradicional.

Para além deste momento, tão marcante das escadas, é conhecida a decisão e a necessidade de abrir janelas *“no alçado nascente do quarteirão”*⁷⁸, desta vez e mais uma vez, o arquiteto opta por marcar este gesto como uma intenção contemporânea, assumindo as janelas *“como uma moldura que é encostada à parede”*⁷⁹ em contraste com as demais janelas *“que são massa retirada à mesma”*⁸⁰

⁷⁵ Site oficial Casa da Arquitectura

⁷⁶ Site oficial Casa da Arquitectura

⁷⁷ Site oficial Casa da Arquitectura

⁷⁸ Site oficial Casa da Arquitectura

⁷⁹ Site oficial Casa da Arquitectura

⁸⁰ Site oficial Casa da Arquitectura

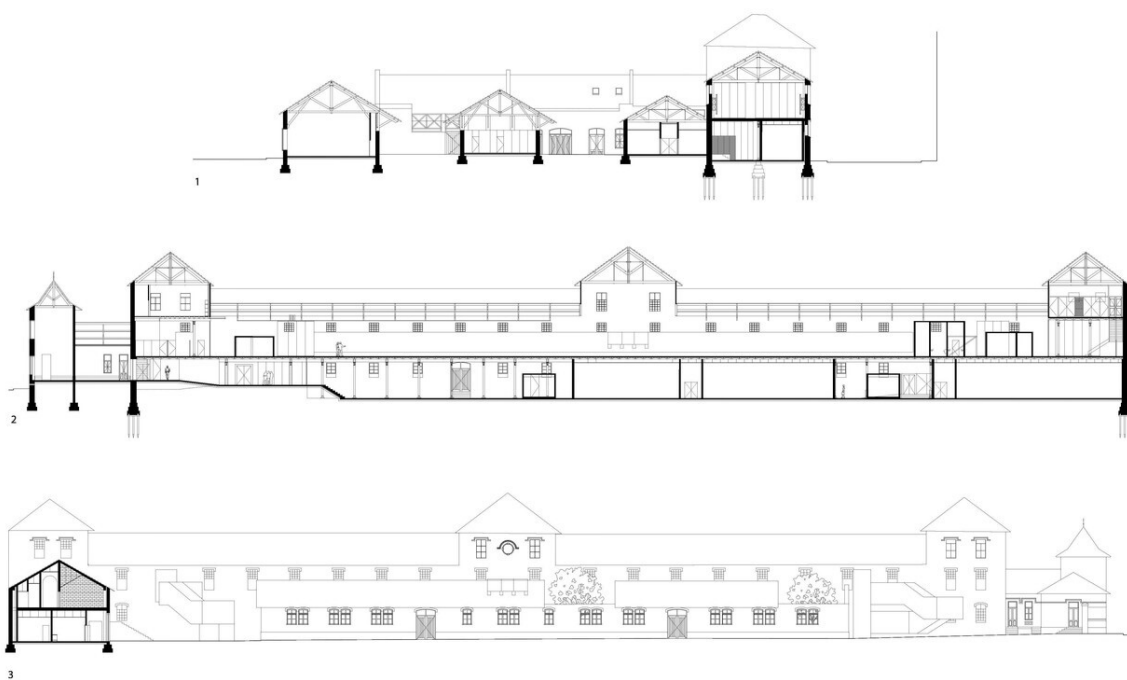


Figura 23- Cortes pelo o edifício da casa da arquitetura (fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitetura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

O edifício da casa da arquitetura abrange vários volumes, com diferentes alturas e destinados a diferentes programas, inserido dentro de um quarteirão na cidade de Matosinhos.

O momento de chegada é marcante para os visitantes pois, desde que se encontram na avenida Menéres, conseguem ter vontade de entrar no edifício e de procurar saber o que acontece no seu interior.

A praça, no interior do quarteirão, faz a distribuição clara dos distintos edifícios que a compõem. Esta visão geral que o visitante tem, compartimenta muito bem o que pretendem explorar pois, de uma forma intuitiva, conseguem compreender o momento de entrada do edifício.

A entrada do edifício, é feita pelo piso 0 e neste espaço consegue-se aceder diretamente a vários lugares, como é o caso da exposição, da loja e também de casas de banho de serviço.

A atmosfera que se vive no interior deste espaço de entrada é protagonizada pelo seu arquivo. Este espaço é visível através de uma janela, inserida atrás do balcão de atendimento, que contém o arquivo pelo qual a casa da arquitetura é tão popularmente conhecida. Este espaço capta a atenção. O arquiteto conseguiu, acima de tudo, fazer com que o mote do edifício fosse protagonizado logo à sua entrada.

O arquivo documental, embora muito visível, é um espaço muito condicionado pois pretende, sobretudo, estar muito protegido pelo valor cultural e histórico que têm e contêm. O arquivo está inserido no piso 0 do edifício e complementa este volume principal do quarteirão.

Para além do arquivo e da entrada, existe também a loja – um espaço que também pode ser visitado pelo exterior, sem necessariamente começar a visita na entrada. A porta principal de acesso a este espaço está voltada para o pátio exterior – momento de chegada ao edifício – dispondo de lembranças do local e também peças de arte de notáveis arquitetos e artistas. Este espaço contém quatro salas, duas delas dedicadas em exclusivo ao comércio e leitura de livros, sobretudo de arquitetura.

Aglomerado e justaposto ao edifício principal do museu, está um pequeno elemento, também visível do exterior, que contém um espaço amplo, mas pequeno, que alberga a galeria da casa.

Este espaço é marcado, essencialmente, pelos seus dois pátios, altamente caracterizados pela natureza e pela ruína.

O arquiteto, na sua entrevista ao *podcast* “*No país dos Arquitetos*”⁸¹ revela a história do local e algumas intenções no momento de projetar:

*“Esse edifício não tinha telhado (...) porque, vim a descobrir, foram roubados ao longo do tempo. (...) Foi um ato de terrorismo arquitetónico, foi um atentado ao património.”*⁸²

Reconhece a história daquele ambiente: *“Esse edifício estava sem telhado, e com o tempo cresceram lá duas árvores.”*⁸³ *“(...) Quando comecei a fazer o projeto esses Olmeiros eram duas árvores de grande porte, que já estavam ali há bastantes anos e, de alguma forma, eu achei que elas já tinham legitimidade para permanecer no seu espaço, no seu lugar. Aquele lugar já era delas.”*⁸⁴

O arquiteto acrescenta a sua intenção no momento de projetar, reconhecendo: *“Por isso, tentei adaptar o edifício às árvores, o que veio revelar-se enriquecedor em termos espaciais.”*⁸⁵

De seguida, explica os dois distintos momentos que a natureza acabou por delinear: *“As árvores permitiram criar dois pátios. Um deles é um pátio de entrada para a galeria da casa.”*⁸⁶ *“O outro pátio seguinte, no fundo, faz a separação entre essa zona expositiva e uma zona de conservação e restauro de documentos da casa da arquitetura. Faz ali uma separação funcional e, ainda permite, criar um espaço técnico”*⁸⁷

Este volume alberga também uma área de tratamento do arquivo e das obras de arte que tem como objetivo a conservação e restauração, quando assim é necessário, das peças de arte.

⁸¹ Guilherme Machado Vaz “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Architectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxScI39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura

⁸² Guilherme Machado Vaz “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Architectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxScI39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura; min: 21:25

⁸³ Guilherme Machado Vaz “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Architectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxScI39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura; min: 21:42

⁸⁴ Guilherme Machado Vaz “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Architectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxScI39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura; min: 21:52

⁸⁵ Guilherme Machado Vaz “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Architectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxScI39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura; min:22:22

⁸⁶ Guilherme Machado Vaz “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Architectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxScI39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura; min: 22:33

⁸⁷ Guilherme Machado Vaz “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Architectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxScI39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura; min: 22:49

O objeto de arte passa por distintos percursos e tratamentos antes de ser exposto. Desde de o processo de carga/descarga no edifício, o supervisionamento do produto, o repouso da peça no local (quando assim é exigido), bem como a observação do produto e o restauro do mesmo. Após este processo, a peça é recolhida, é feito um estudo de como a apresentar, de como a expôr e, só depois, é colocada na sala de exposições.

Perpendicular a este edifício, é representado o espaço da orquestra jazz de Matosinhos, que mantém a mesma leitura que o restante museu – como é o caso das treliças, por exemplo.

Este espaço é fortemente caracterizado pelo espaço de atuação da orquestra, mas conta também com um espaço de chegada, com uma entrada, casas de banho, uma sala e um espaço de régie e camarins.

Do lado oposto ao edifício principal, a delimitar o quarteirão, estão inseridos dois amplos locais de concessão, agora lojas dedicadas também à venda de produtos de design e mobiliário.

Inserido quase no meio deste volume, estão duas salas destinadas a oficinas e espaços de *worshops*, essencialmente educativos. Este conjunto de duas salas faz a separação entre as lojas.

As salas de oficinas são voltadas para dentro do quarteirão, para serem acedidas pelo seu interior, enquanto as lojas são espaços mais vividos fora do quarteirão e, por tanto, são espaços abertos para a rua Mouzinho de Albuquerque, perpendicular à Avenida Menéres.

O primeiro piso do edifício, é vivido intensamente, sobretudo, graças à peça fundamental deste edifício e deste quarteirão: o espaço de exposição.

O espaço de exposição é acedido graças à distribuição vertical que se encontra disposta na entrada do edifício.

Este elemento forte que é o momento de distribuição, ganha maior relevância pelo seu aspeto exterior e interior. Com a sua forma particular, brutalista e, ao mesmo tempo, tão distinta do resto do edifício. Conta com pequenas aberturas que emolduram pequenos fragmentos da paisagem exterior, enquanto se percorre a escada até ao andar superior.

Outro elemento de destaque é a importância cénica que é vivida no local: começando

com a entrada, sendo um espaço muito luminoso, claro e amplo; experienciando, a seguir, a escada, um momento de distribuição mais fechado e apertado, que busca pequenos pontos de luz natural, dando preferência a uma luz branca e artificial, também colocada em espaços estratégicos. No fim, a chegada à zona de exposição, numa primeira instância um local mais amplo, comparativamente com a escada, porém muito mais controlado a nível de luz, sendo vivido essencialmente com luz artificial.

O espaço de exposição vive-se numa nave única e com uma aparência infinita e muito alta, tal como o arquiteto explica no *podcast* “*No pais dos arquitetos*”⁸⁸: “*Quis manter as naves o mais próximo possível daquilo que elas eram originalmente, e manter também uma grande amplitude visual. Uma pessoa entrar e conseguir ver a nave na sua extensão.*”⁸⁹

A nave é fortemente caracterizada pelas treliças que o arquiteto tenta, ao máximo, preservar. No momento em que não lhe é possível conservar algum elemento, tenta fazer uma reprodução da peça, como é o caso de algumas treliças no espaço de exposição.

No final da nave expositiva existe um espaço dedicado à gestão e produção das exposições.

O segundo piso do edifício está inserido no volume da nave expositiva. Este piso é fragmentado em quatro partes e acessível através de dois distintos momentos, evidentes a partir do corte número 2.

1ª parte: Um dos acessos é feito a partir de umas escadas secundárias e interiores, paralelas ao foyer da nave expositiva. Estas escadas aparecem num local, aparentemente, mais privado, no piso 1, tendo em conta que estão incluídas junto a espaços mais pequenos e compartimentados: possivelmente gabinetes.

No segundo piso encontra-se uma sala com mesas e cadeiras e alguma arrumação. É visível que este espaço seja um gabinete maior ou um lugar de convívio.

2ª parte: O segundo acesso encontra-se do lado oposto, no final da nave de exposição. O acesso vertical é feito a partir de escadas. Este 2º piso é dividido em três

⁸⁸ Guilherme Machado Vaz “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Arquitectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxSci39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura

⁸⁹ Guilherme Machado Vaz “12_Guilherme Machado Vaz_Casa da Arquitectura” disponível em <https://open.spotify.com/episode/3oGs9IBS2wxSci39nbL4vB?si=986de08065ad462a> – *podcast* sobre arquitetura; min:19:43

partes que compreendem espaços de gabinetes.

3ª e 4ª partes: Os dois restantes momentos são espaços que preveem o pé direito duplo do primeiro piso. Estes espaços são identificados mais facilmente através do corte número 2.

No interior do quarteirão são visíveis duas construções, também reabilitadas, que dão lugar a dois espaços amplos que estão destinados à realização de eventos e um lugar para café e restaurante.

A importância da memória do local é imperativa para o arquiteto, tanto o edifício em si, como construções pensadas no passado e, da mesma forma, também com a própria natureza que conquista o seu lugar com o passar dos anos.

Elementos relevantes para a nossa proposta

A escolha da Casa da Arquitetura como elemento de estudo, deve-se ao mote desta dissertação: a reabilitação de espaços industriais. A grande premissa para a escolha deste caso de estudo, concentra-se na necessidade de investigar um edifício com uma antiga e diferente ocupação, vindo o volume reabilitado.

Em adição, ver respondidas algumas questões colocadas no desenvolvimento do projeto da antiga Fábrica do Ouro e, desse modo, procurar alguns elementos interessantes para esta temática.

Constata-se, assim, os seguintes componentes:

Elementos por comparação:

1- Ruína: Esta característica está presente nos dois casos de estudo abordados na dissertação e acompanha também o projeto na Central do Ouro.

No caso da Casa da Arquitetura, a ruína é visível logo à chegada do edifício. Este elemento é encontrado na mesma cor, que o restante edifício, porém, sem cobertura.

Vê-se, ao mesmo tempo, dominada pela natureza, contendo uma árvore no seu interior - elemento presente em várias épocas do edifício.

A ruína é vista como uma espécie de ‘vestíbulo’ para um espaço de exposições denominado “*Galeria da Casa*”⁹⁰.

No projeto da Central do Ouro, a preexistência permanece como é encontrada. Um dos edifícios no local encontra-se em ruína. Neste espaço, onde a natureza se expande e sobressai, é construído, no seu interior, sem tocar nas paredes, o restaurante.

⁹⁰ Site oficial Casa da Arquitectura



Figura 24- Fotografia da Ruína (fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitectura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)



Figura 25- Fotografia interior da Ruína (fonte: https://www.archdaily.com/884697/real-vinicola-nil-casa-da-arquitectura-guilherme-machado-vaz?ad_source=search&ad_medium=projects_tab)

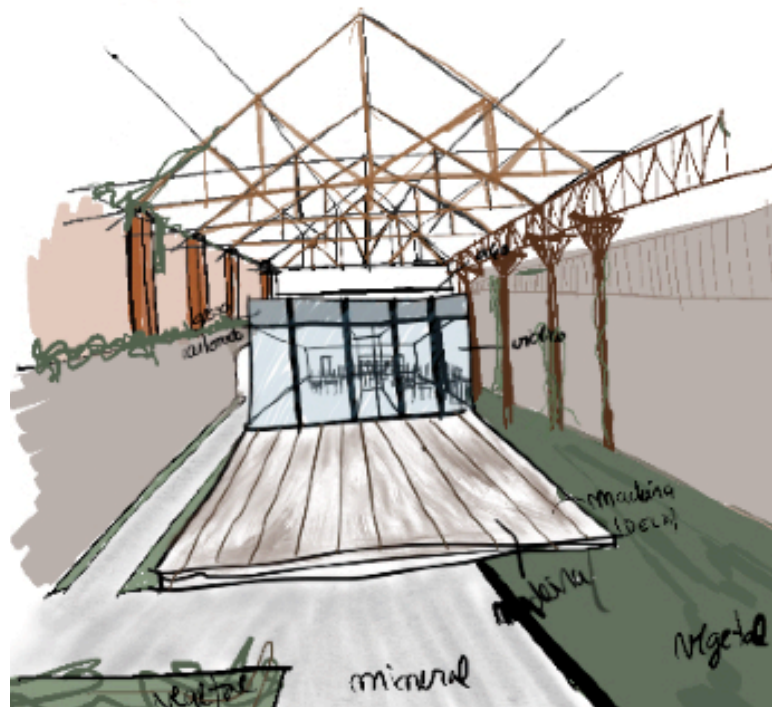


Figura 26- Esboço de estudo da ruína no Clube de Remo (fonte: autora)

2- **Espaços exteriores:** No caso da Casa da Arquitetura, bem como na Fábrica de Ca L’Alier, os espaços exteriores são elementos fortes e são tratados de forma semelhante, embora estejam inseridos em ambientes diferentes.

Nesta situação, o espaço exterior é unitário, porém representado com dois distintos materiais: paralelos de granito – como a calçada portuguesa e lajetas de betão. Esta distinção de materiais provoca a intenção de ver encaminhado o público visitante, criando a ideia de uma praça principal à entrada do edifício.

Este exemplo, influencia o projeto da Central do Ouro, na medida em que é projetado um espaço exterior com uma praça central com ramificações e caminhos direcionados para pontos-chave do projeto.



Figura 27- Fotografia aérea com trajeto pedonal (fonte: Google Maps; editado pela autora)

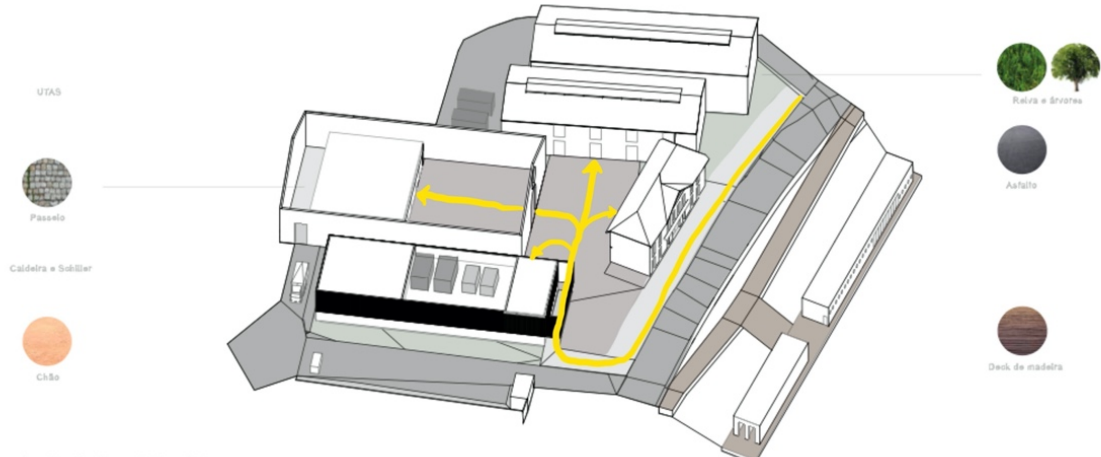


Figura 28- 3D do Clube de Remo com indicação pedonal (fonte: autora)

3- Materialidade e uso de elementos estruturais à vista: Por comparação, ambos os exemplos de casos de estudo, têm em comum algumas escolhas dos arquitetos, como é o caso do elemento estrutural à vista – as treliças.

Na casa da Arquitetura, este tratamento é visível, por exemplo, na sala de exposições.

Dentro da mesma situação, este caso de estudo, influenciou o projeto da Central do Ouro, quer na representatividade do elemento em vista, quer no detalhe construtivo na reabilitação.

O pormenor construtivo da Casa da Arquitetura foi cedido pelo o arquiteto Guilherme Machado Vaz, a pedido da autora.

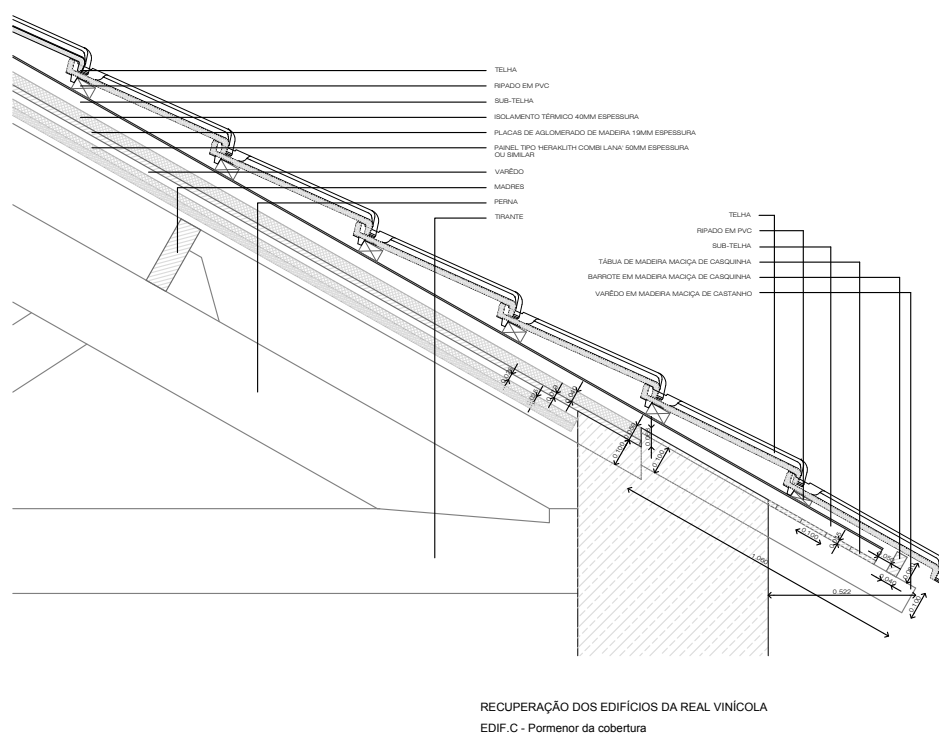


Figura 29- Pormenor construtivo da Casa da Arquitetura (fonte: Arquiteto Guilherme Machado Vaz⁹¹)

⁹¹ Esta dissertação entrou em contacto com o arquiteto Guilherme Machado Vaz que nos cedeu o pormenor construtivo da Casa da Arquitetura

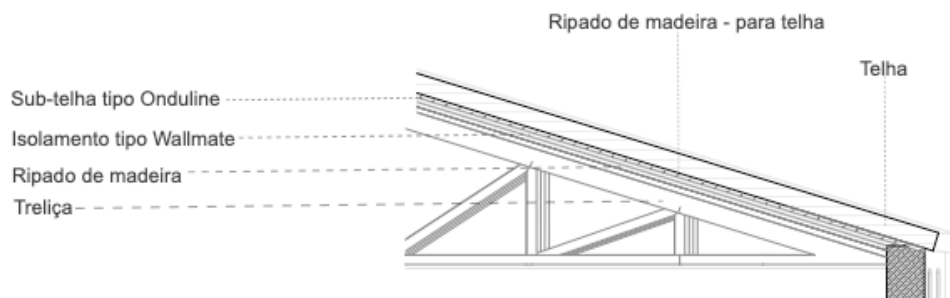


Figura 30- Pormenor construtivo Clube de Remo (fonte: autora)



Figura 31- Fotografia do interior da nave expositiva (fonte: autora)

Elementos de contraste:

4- **Construção contemporânea:** Graças à necessidade de implantar novas normas ou por motivos de programa, nem sempre o edifício existente é capaz de albergar toda a área estipulada.

Na Casa da Arquitetura, há um elemento que se contrasta, face ao restante edifício: as escadas.

Este elemento surge no âmbito de corresponder a uma norma de incêndio e torna-se um elemento essencial. É projetado numa forma abstrata e contemporânea, assumindo uma posição principal, quer no projeto, quer na leitura do edifício.

Este é um elemento de contraste com a Fábrica de Ca L'Alier, porém complementar ao exercício de projeto do 5º ano.

Na Central do Ouro são adicionados dois novos elementos, contemporâneos, ao abrigo da necessidade projetual.



Figura 32- Fotografia das escadas contemporâneas da casa da Arquitectura (fonte: autora)



Figura 33- Fotografia das escadas (fonte: https://3.bp.blogspot.com/-AAjPM7sIL04/W_b7URpOTpI/AAAAAAAAABJQU/N8RETx5cnxgJBPgWzPRBPHytkblHZr6BQCLcBGAs/w640-h324/Casa%2Bda%2BArquitectura%2B1.jpg)



Figura 34- Fotografia da maquete do Clube de Remo (fonte: autora)



Figura 35- Maquete do Clube de Remo (fonte: autora)

3.1.2 Fàbrica de Ca L’Alier

Rua Pere IV, 362, bairro Poblenou, Barcelona, Espanha

Uso anterior

Fàbrica têxtil
Fàbrica de sacos de tecido
Fàbrica de tintas e acabamentos

Ano de construção: 1905

Uso atual

Sede da fundação BIT Hàbitat – Cisco e Schneider Electric

Área: 3.000 m²

Projeto: 2015

Final de obra: 2018

Arquitetos: A+M arquitectes
Jaume Arderiu e Tomàs Morató

Prémios:

*“LEED em el máximo nível PLATINUM
La calificación Energética A++ y edificio NET ZERO
Premio Cataluña Construcción 2019. COAC”*⁹²

⁹² Ariza, Sila “Estudio de cuatro tipologias de rehabilitación y reutilización de edificios industriales em Barcelona” p. 19



Figura 36- Fotografias aéreas da Fàbrica de Ca L'alíer (fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) “Ca l'Alíer: centre de formació i recerca” ETSAB)

Breve contexto histórico

A fábrica de Ca L’Alier é atualmente um centro urbano de inovação tecnológico. No presente, é um edifício privado pertencente às empresas multinacionais “*CISCO and Schneider Electric*”⁹³ que ocuparam este espaço com gabinetes tornando-o num centro de pesquisa.

É importante ressaltar que o edifício da fábrica de Ca L’Alier teve algumas edificações que se foram construindo e demolindo ao longo dos anos, havendo várias intervenções.

A vontade de construir esta fábrica surge do empresário Josep Lucena⁹⁴ que em 1852, muda o seu negócio para uma nova fábrica que constrói, na atual rua Pere IV, a fim de ampliar as suas instalações, dando surgimento a este edifício.

Em 1853, é conhecido a construção de algumas naves interiores, bem como pequenos edifícios à face da rua. Em 1874 é apresentado um projeto que ilustra a vontade de fazer crescer a fábrica com mais naves no interior do quarteirão, que só serão construídas em 1877.

No ano de 1903 dá-se a ocupação de novas máquinas e a adição de chaminés na propriedade de Josep Lucena que acabam por se materializar em duas grandes naves – acabando por compor o que existe na atualidade – representadas na figura 38.

Pere Alier i Vidal, no ano de 1909, compra a fábrica da sociedade Josep Burrul i Gilbert, ficando com a fábrica que Josep Lucena construiu. Parte da fábrica é demolida nessa altura, ficando somente as mais recentes naves, construídas, que correspondem à fábrica de Pere Alier – edifício que se conseguiu manter até aos dias de hoje.

A fábrica, ocupada na altura por Pere Alier, é um local dedicado à produção de material têxtil. Em Outubro de 1923 falece Alier e a fábrica fica vulgarmente conhecida como “*La fàbrica de sacs de la viúva de Pere Alier*”⁹⁵ que, até ao princípio da segunda guerra mundial, integra a cooperativa nacional de têxtis.

⁹³ Site https://ajuntament.barcelona.cat/dretsiversitat/en/noticia/my-new-post-6693_72729

⁹⁴ Vives Sanfeliu, Luis “Ca l’Alier: centre de formació i recerca” p. 3

⁹⁵ Turégano, Patricia “Adaptación y cambio de uso Fábrica "Ca Alier" a un recinto de viviendas tipo dúplex y loft” p. 8



Figura 37 - Primeiros edifícios a serem
construídos. (verde)
(fonte: Vives Sanfeliu, Luis “*Ca l’Alier:
centre de formació i recerca*” p. 3.
Editado pela autora)



Figura 38 - Edifícios adicionados em
1903. (vermelho)
(fonte: Vives Sanfeliu, Luis “*Ca l’Alier:
centre de formació i recerca*” p. 3.
Editado pela autora)



Figura 39 - Edifícios demolidos (a
branco) e naves que ainda hoje existem
(vermelho)
(fonte: Vives Sanfeliu, Luis “*Ca l’Alier:
centre de formació i recerca*” p. 3.
Editado pela autora)

Quase duas décadas depois integra esta fábrica a empresa ATYASA - dedicada a tintas e acabamentos, que junta “*marmoristas, pintores e fabricantes de manequins*”⁹⁶

O ano de 2004 trouxe a ocupação ilegal da fábrica, por uma empresa dedicada aos cromados. Um ano depois, a fábrica estava desocupada e abandonada, havendo um primeiro incêndio.

Seguindo-se de quatro incêndios no ano de 2007, ano após ser integrada no conjunto referente ao “*El PMU de la Ua-11 del Peri diagonal-Poblenou*”⁹⁷ – plano que consiste numa reorganização do bairro *Poblenou*, um bairro industrial.

Este plano é importante porque visa priorizar e introduzir uma grande avenida que separa “*o antigo bairro Poble Nou à margem do centro, com um rico e significativo património industrial*”⁹⁸

Em 2011 a “*Comissió de Govern de l’Ajuntament*”⁹⁹ considera que a fábrica de Ca L’Alier é um equipamento “*cultural i tècnic-administratiu*”.¹⁰⁰

No ano de 2018 a fábrica passa a albergar a empresa Cisco Systems e a multinacional *Schneider Electric*, até aos dias de hoje.

⁹⁶ Vives Sanfeliu, Luis “Ca l’Alier: centre de formació i recerca” p. 3

⁹⁷ Vives Sanfeliu, Luis “Ca l’Alier: centre de formació i recerca” p. 3

⁹⁸ Araujo, A., Abascal, E. H. S., Victal, J., & Sabaté, J. (2021). “O Plano Especial Diagonal-Poble Nou – da importância do protagonismo público na gestão e produção do espaço urbano à emergência do Urbanismo liberal.” p. 1

⁹⁹ Vives Sanfeliu, Luis “Ca l’Alier: centre de formació i recerca” p. 3

¹⁰⁰ Vives Sanfeliu, Luis “Ca l’Alier: centre de formació i recerca” p. 3

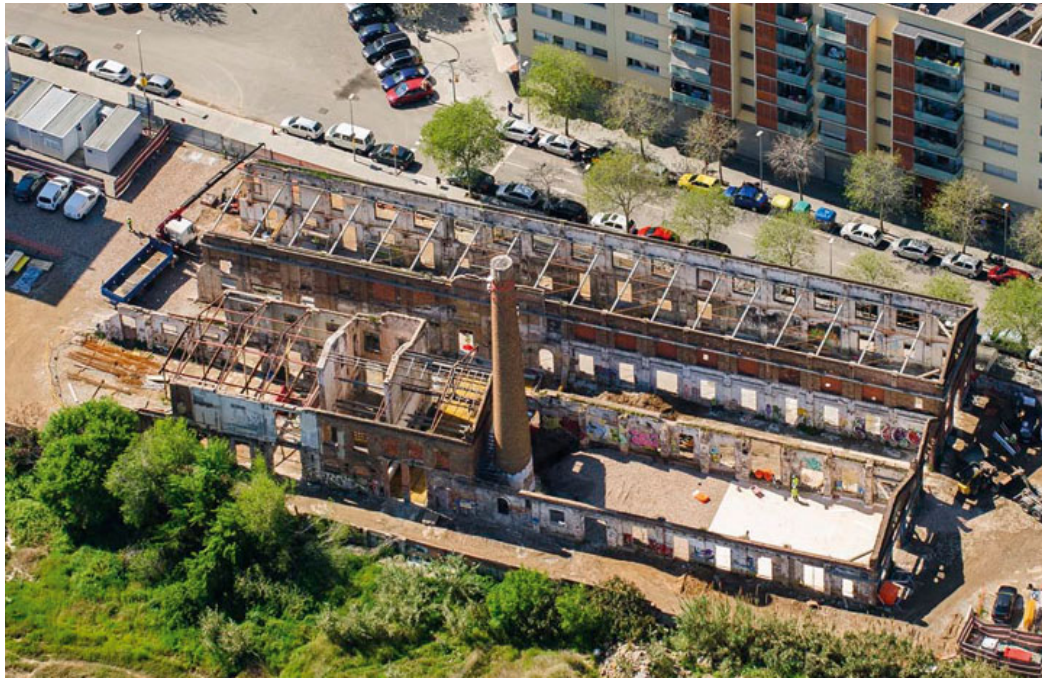


Figura 40- Fotografia aérea da Fábrica de Ca L'alier (fonte: Retirado do vídeo no site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/>)



Figura 41- Fotografias da fachada – antes e depois da reabilitação (fonte: Ariza, Sila Alarcón (2022) “Estudio de cuatro tipologias de rehabilitación y reutilización de edificios industriales em Barcelona” ETSAB; UPC

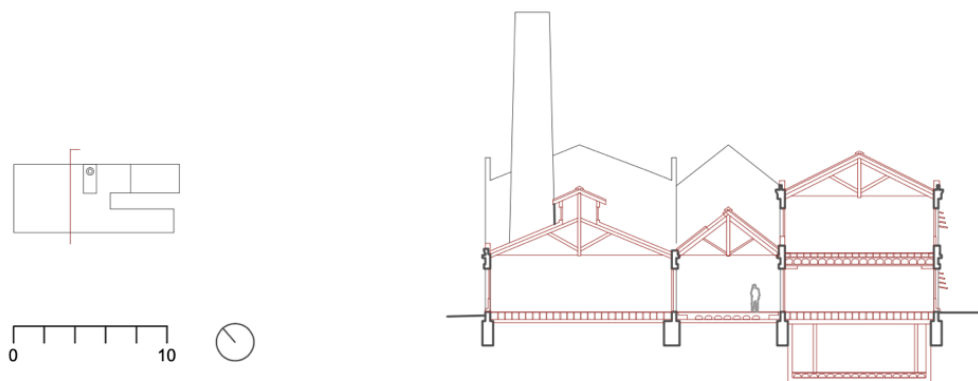


Figura 42- Desenhos da Fábrica de Ca L'alier (fonte: Retirado do vídeo no site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/>)

Intervenção e análise crítica

A fábrica de Ca L’Alier foi uma escolha instantânea para caso de estudo e aconteceu por vários motivos distintos.

Em primeiro lugar: o mote que dá nome a esta dissertação: a reabilitação de um espaço industrial, dando predominância a um programa que contrastasse com o primeiro caso de estudo.

No segundo ponto: a prevalência da ruína como, não só um mote de reabilitação, como também uma prevalência na arquitetura – a ruína como um objeto que consegue criar uma dinâmica, em convivência com um elemento novo.

Numa primeira instância, o que nos fez suscitar uma grande vontade de conhecer e de estudar melhor o caso deste local e deste edifício foi a sua aparência e de tentar perceber como os arquitetos intervieram no local.

Sendo um edifício numa época semelhante ao do nosso projeto, o edifício também tem características em comum, como é o exemplo das grandes naves, das treliças – características muito habituais em edifícios industriais e também de elementos de composição, da fachada, por exemplo – como é o caso do tijolo.

Um ponto fulcral desta dissertação seria abordar o assunto da reabilitação num edifício industrial, gerando um novo programa e desde início que a fábrica de Ca L’Alier fez sentido nesse campo.

Procuramos, sobretudo, tentar evitar os edifícios que tivessem como novo programa um conteúdo cultural – pois já o abordávamos na casa da arquitetura e, também, por ser o mais comum na reabilitação de edifícios industriais, graças às grandes e amplas naves habituais nas fábricas.

A vontade de introduzir uma nova ocupação no edifício era fundamental e, por tanto, a escolha de um programa distinto do original seria óbvio e indispensável. Para além do programa ter de responder a algo distinto, deveria de retorquir de forma díspar comparativamente com o primeiro caso de estudo – procurar um edifício mais compartimentado, por exemplo.

Uma grande questão que se coloca permanentemente neste assunto do novo programa é: Como os espaços se podem metamorfosear? Sobretudo com um novo programa

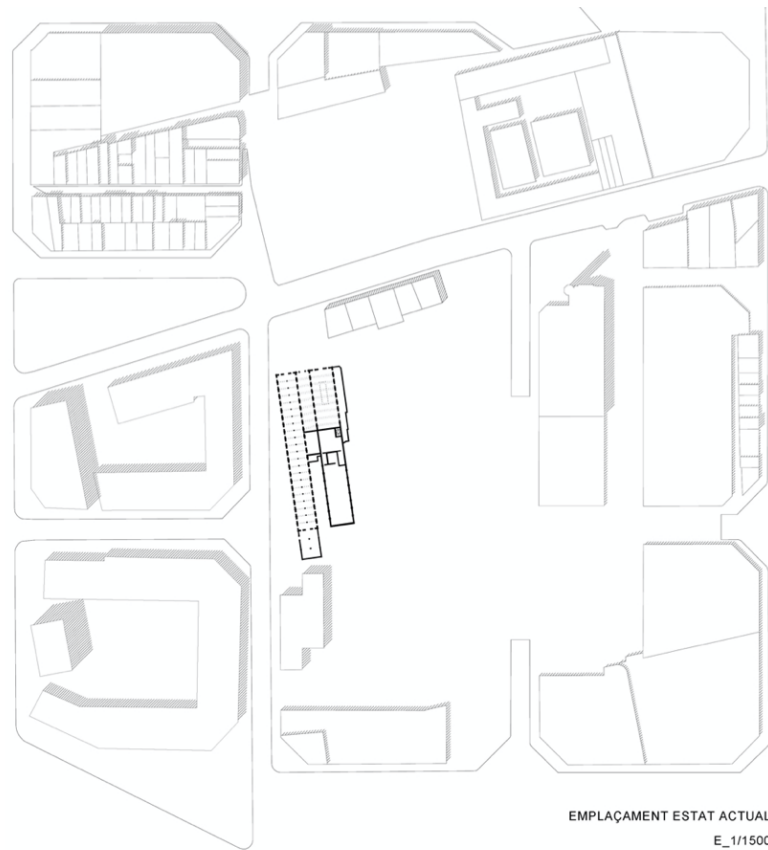


Figura 43- Planta de implantação (fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) “Ca l’Alier: centre de formació i recerca” ETSAB)



Figura 44- Planta das demolições (fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) “Ca l’Alier: centre de formació i recerca” ETSAB)

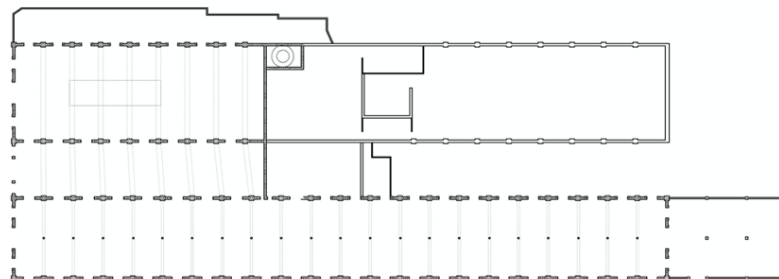


Figura 45- Planta estado original (antes da reabilitação) (fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) “Ca l’Alier: centre de formació i recerca” ETSAB)

inserido no seu interior. Quais as respostas que os arquitetos dão para conviver com a pré-existência com um novo propósito? São sobretudo essas questões que procuramos ter respondidas neste caso de estudo.

A ruína – Este aspeto que parece tão banal, ao mesmo tempo é algo que merece ser valorizado e priorizado.

Um dos pontos que esta dissertação mais apreciou, foi o facto da dupla de arquitetos valorizarem a ruína. Esta valorização é sentida quando *Arderiu* e *Morató* mantem a ruína no projeto, quase como um sinónimo do prolongamento dos tempos vividos naquele espaço.

Ao mesmo tempo, sem esquecer a reabilitação, conseguem introduzir novos materiais no edifício – acabando por dinamizar e valorizar o edifício realçando o presente.

Analisando o projeto da fábrica de Ca L’Alier, os arquitetos privilegiam bastante a reabilitação do edifício, optando por não integrar nenhum espaço anexado ou justaposto ao edifício.

Ao mesmo tempo que tentam, ao máximo, preservar a construção, reabilitando-a, é visível a vontade de a inovar – até porque, à semelhança da empresa proprietária, também os arquitetos quiseram corresponder à vanguarda das inovações.

O próprio bairro Poblenou também tenta visar essa característica, adaptando o bairro a algo mais contemporâneo. O compromisso deste bairro, passa por mudar o seu mote para fábricas mais ecológicas, construções e reabilitações com o propósito principal de inovar o bairro com edifícios associados às smart cities, explorado cada vez mais, ao longo dos anos.

As praças, que estão tão marcadas no edifício, são o primeiro elemento consumido pelo visitante do local. Para além de serem importantes para quem habita o edifício, são essenciais para quem atravessa aquele espaço. Este foi um ponto importante para a definição deste exemplo como caso de estudo.

As praças, visíveis na figura ... são algo que gostávamos de ver abordado na escolha do caso de estudo, pois este é um elemento inserido no projeto da Fábrica do Ouro.

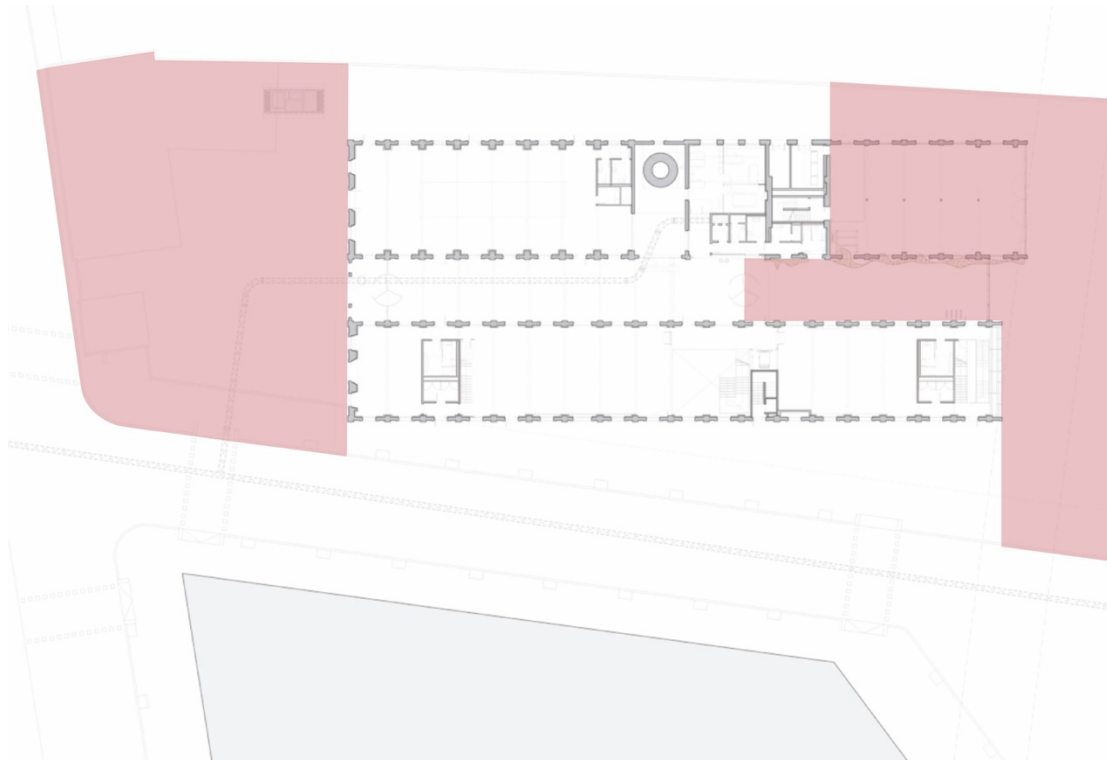


Figura 46- Planta das praças (cor vermelha) (fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/> editado pela autora)



Figura 47- Planta informativa e legenda retiradas de um trabalho académico (fonte: Ariza, Sila Alarcón (2022) “Estudio de cuatro tipologías de rehabilitación y reutilización de edificios industriales em Barcelona” ETSAB; UPC)

Nesta proposta, os arquitetos implementam uma ideia muito clara na reabilitação do edifício: reabilitar o que merece ser reabilitado, não recuperando o que impede o seu parecer original.

De um modo geral, o que a dupla de arquitetos determina neste edifício é o que poderia ser a construção original. Marcando uma posição muito clara da desvalorização de qualquer adição posterior, das muitas ocupações, clandestinas ou não, que se fizeram sentir no edifício. Os arquitetos procuram, sobretudo, a resposta da reabilitação e a procura pelo aspeto original da construção.

Inserida no bairro *Poblenou*, com um forte carisma industrial, é na rua *Père IV* que o edifício da Fábrica Ca L'Alíer se insere. Este local de Barcelona tem vindo a ser alvo de muitas mutações graças ao plano que a cidade implementou apelidado de “22@”¹⁰¹.

“*el 22@ proporciona vivienda nueva, zonas verdes, equipamientos y complejos industriales (...)*”¹⁰² Este programa implementado no distrito de *Sant Martí* tem vindo a mudar a vontade deste bairro. O carisma industrial sobrevive, porém, é fortemente contracenado com usos novos nos edifícios industriais reabilitados.

Este caso de estudo não é exceção neste percurso de adaptação para um bairro inovador.

A reabilitação da Fábrica Ca L'Alíer dá lugar à “*Sede de la fundación BIT Habitat, Centro de innovación urbana*”¹⁰³ das empresas Cisco e Schneider. Tem como objetivo ser “*um edifício de referência em sustentabilidade*”¹⁰⁴ e os arquitetos procuram, para além de inovar, reconhecer o potencial da reabilitação.

O edifício é marcado, não só pela sua construção reabilitada, mas também pelo momento de chegada altamente caracterizado por uma praça principal. A parte de trás do edifício, contém uma praça mais pequena, possibilitando a entrada pelas traseiras da construção.

A praça virada para a fachada principal, alberga um espaço amplo, composto por um

¹⁰¹ Turégano, Patricia “Adaptación y cambio de uso Fábrica “Ca Alíer” a un recinto de viviendas tipo dúplex y loff” p. 10

¹⁰² Lobo, Clara “Centro culinário ca l’alíer” in <http://www.beta-architecture.com/visualization/>

¹⁰³ Ariza, Sila “Estudio de cuatro tipologías de rehabilitación y reutilización de edificios industriales em Barcelona” p. 19

¹⁰⁴ Site: https://ajuntament.barcelona.cat/digital/es/noticia/casa-del-lalier-la-sede-de-la-innovacion-urbana-2_672507 (traduzido pela autora)

piso de pedra de granito. Contém luz artificial, fornecida por postes de eletricidade ligados aos painéis solares do próprio edifício. Existem também algumas árvores, de pequeno porte, implementadas na praça.

A segunda praça é vivida quase no interior do edifício, pois é mais pequena e aloja, sobretudo, um momento de chegada secundário à construção. Esta praça é revestida com o mesmo material e contém um lugar para estacionamento de bicicletas.

Estas duas praças, em conjunto, protagonizam um momento de circulação. É permitido, a partir do uso destes espaços, travessar o edifício. Este percurso é visível na figura 35, retirada de um trabalho académico da instituição ETSAB.

Composta por três naves de diferentes dimensões, os arquitetos buscam a reabilitação incessante das fachadas, das aberturas e também dos próprios materiais, sempre que é possível.

*“As naves têm cobertura de duas águas com treliças de madeira e fachada de alvenaria”*¹⁰⁵ sendo que todas as naves têm dois pisos, embora apenas uma delas insira a mesma área no piso inferior e superior.

Representado nas figuras a baixo, as naves estão organizadas com os nomes: “Nau A”, “Nau B” e “Nau C”.

A entrada principal do edifício é feita pela “Nau C” que se faz sentir como um elemento de distribuição comprido. Este espaço consegue aglomerar um momento de chegada, de distribuição e, ao mesmo tempo, uma passagem entre as praças – elementos exteriores unidos pelo interior.

O balcão de informação do edifício, bem como algumas zonas importantes de distribuição vertical estão destinadas à “Nau C”.

A luz é feita, não só a partir das janelas nas fachadas, mas também, e sobretudo, através da cobertura, que dispõem de claraboias.

¹⁰⁵ Ariza, Sila “Estudio de cuatro tipologias de rehabilitación y reutilización de edificios industriales em Barcelona” p. 19 (traduzido pela autora)

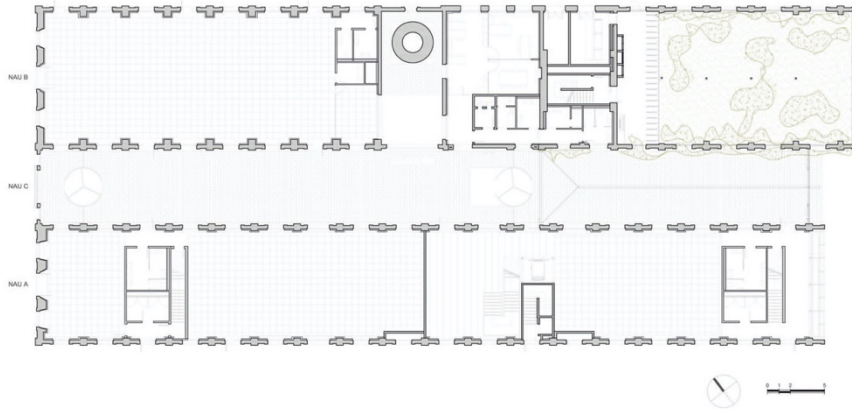


Figura 48- Planta rés do chão da Fábrica Ca L' Alier (fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/>)

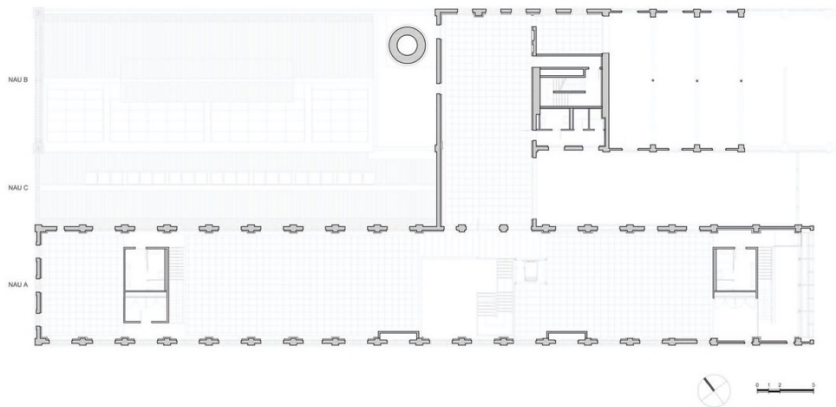


Figura 49- Planta do 1º piso da Fábrica Ca L' Alier (fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/>)

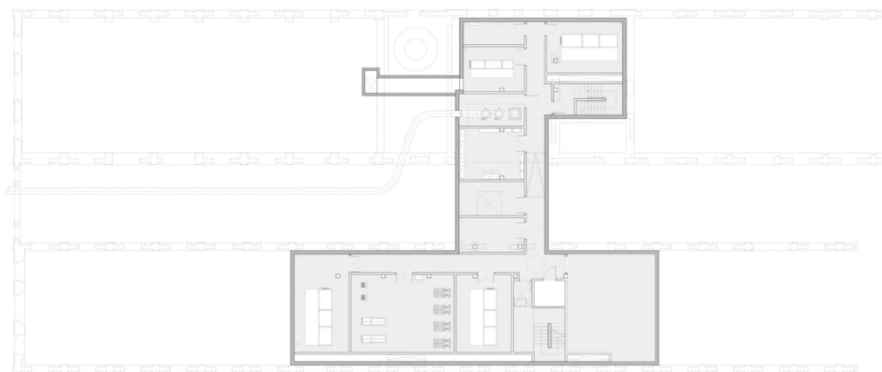


Figura 50- Planta do piso técnico (-1) da Fábrica Ca L' Alier (fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/>)

Embora a entrada principal esteja bem presente na fachada do edifício, por ser um elemento central, existem mais duas portas presentes na “Nau A” e na “Nau B” que se inserem na fachada principal do edifício.

A porta da “Nau A” leva os visitantes da Fábrica Ca L’Alier a conhecerem a cantina do edifício. Este espaço é pequeno, contando apenas com poucas mesas e cadeiras e um pequeno balcão onde se servem as refeições.

Esta nave têm um propósito mais privado pois contém, não só a cantina (que deverá ser só para os funcionários do edifício) como também os laboratórios das empresas Cisco e Schneider assegurados no piso térreo e no primeiro piso.

Os laboratórios aparentam ser espaços bastante versáteis graças às suas dimensões. O mobiliário destes laboratórios são, essencialmente, secretárias e cadeiras, bem como televisões para apresentações. Embora o mobiliário não esteja inserido na planta, é visível através de imagens, que é altamente disciplinado com uma métrica na sua disposição.

A distribuição desta nave é fragmentada em quatro importantes momentos:

- 1- Dois pequenos acessos verticais, nas extremidades do edifício que ligam todos os laboratórios entre si - privado;
- 2- Um acesso vertical, com o objetivo de receber visitantes - público;
- 3- Uma pequena escada – de acesso exterior – que liga ao piso -1, de maquinaria – privado;
- 4- Ascensor que faz a ligação entre,todos, os três pisos – desde do piso subterrâneo, ao primeiro piso. – Público e privado.

A “Nau B” obedece a duas distintas funções: público e privado, separadas por um jardim interior, altamente caracterizado pela chaminé restaurada da fábrica.

A fachada da “Nau B” contém uma porta que dá acesso direto à sala chamada “oficina da cidade”. Esta sala ampla e polivalente tem como objetivo albergar exposições e eventos.

A parte pública desta nave alberga ainda uma zona de casas de banho, ligadas à “Nau C” - que faz a distribuição do edifício.

O momento mais privado desta parte da construção é sentido nas salas de reuniões voltadas a Este – pequenos compartimentos que são acessíveis através da nave C.

Para além destes momentos, esta nave B é fortemente caracterizada por parte do seu volume ser uma ruína. Esta parcela tão característica do edifício, é visível da fachada secundária e alberga um jardim interior altamente dominado pela natureza.

Este jardim é intensamente vivido pois consegue ser um pátio de serviço e, ao mesmo tempo, local de entrada no edifício que liga os visitantes ao primeiro piso da fábrica.

O piso superior do edifício, pode ser dividido em dois propósitos distintos: um mais privado – contendo os laboratórios, e outro mais público – que dá a conhecer a cobertura do edifício.

A parte mais privada, neste piso, contém os laboratórios, ligados ao piso inferior pela sua distribuição vertical.

Os visitantes deste edifício conseguem contemplar a cobertura, sobretudo das naves B e C, que contem painéis solares. A distribuição para este local é feita através de uma escada principal e de um elevador, bem como uma distribuição vertical, mais pequena, que faz a ligação entre o exterior e este piso.

Elementos relevantes para a nossa proposta

A escolha do caso de estudo da Fábrica de Ca L’Alier surge no seguimento do tema desta dissertação: a reabilitação de edifícios industriais. Afirma-se então a importância de ver reabilitado o edifício industrial com o máximo de aproveitamento do edificado e da sua memória.

Para além da intenção de ver abordado o tema anterior, houve uma série de elementos relevantes a ter em questão, que serão analisados segundo dois princípios: Elementos por comparação e elementos de contraste. Comparando e contrastando os dois casos de estudo.

Vêm-se compreendidos os seguintes elementos:

Elementos por comparação:

1- Ruína: Este elemento foi das características mais importantes inseridas na proposta do Centro de Remo.

Em comparação com a Casa da Arquitetura, também a Fábrica de Ca L’Alier faz uma importante ressalva à memória do local, mesmo que esta já esteja em fase de deterioração e obsoleta.

Na Fábrica de Ca L’Alier a Ruína faz parte do edifício, onde alberga um jardim. No projeto do Centro de Remo a ruína que existe à priori, é aproveitada da mesma forma: como um jardim, albergando também um edifício, no seu interior, correspondente a um restaurante.



Figura 51- Interior da ruína da Fábrica Ca L'alièr (fonte: Ariza, Sila Alarcón (2022))



Figura 52- Situação atual Fábrica do Ouro (fonte: Miranda, Fernando (2016))



Figura 53- *Render* ilustrado do projeto do Clube de Remo (fonte: autora)



Figura 54- Ruína da Fábrica Ca L'alier (fonte: <https://bithabitat.barcelona/ca-lalier/>)

2- Espaços exteriores: Tal como na Casa da Arquitetura, também neste edifício se nota um aproveitamento de espaços exteriores. No caso, são feitas duas praças: uma localizada na frente do edifício e outra nas traseiras. O público consegue aceder a ambas e entrar no edifício pelas duas praças.

No Centro de Remo, também há uma praça – central – que destaca, principalmente, a chegada ao interior do terreno, conseguindo fazer uma distribuição para os diferentes edifícios contidos no Centro de Remo.



Figura 57- Praça do Clube de Remo (fonte: autora)



Figura 58- Praça da frente da Fábrica Ca L'alier (fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/>)

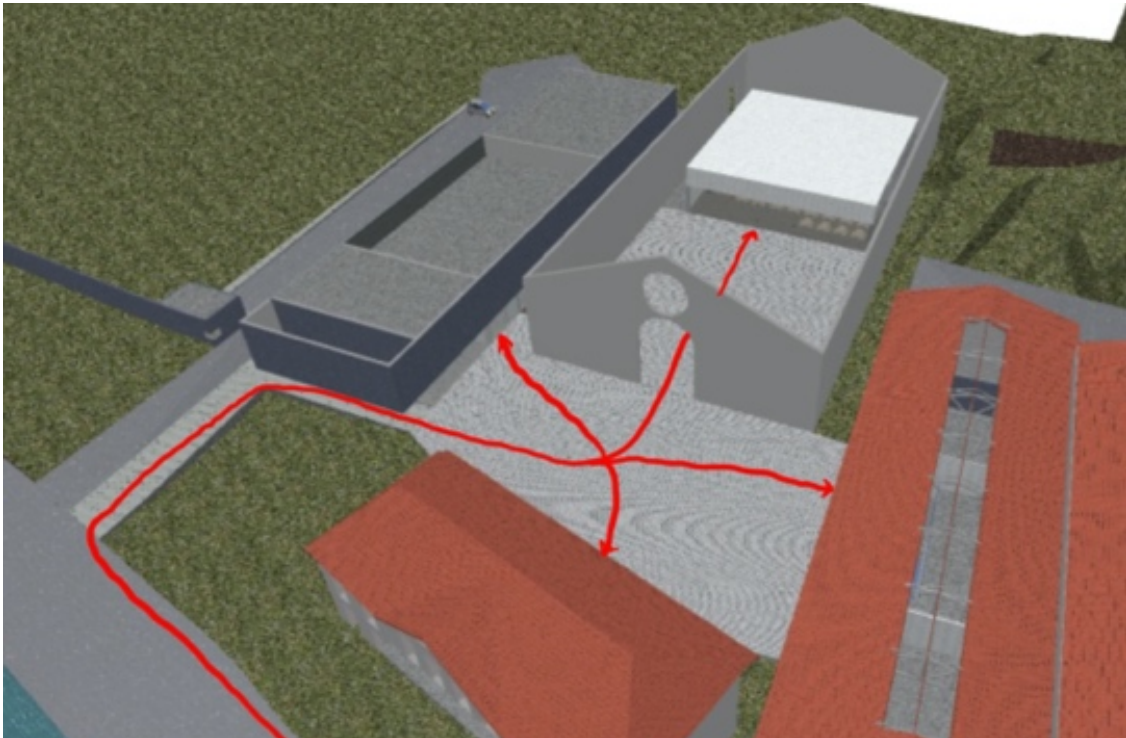
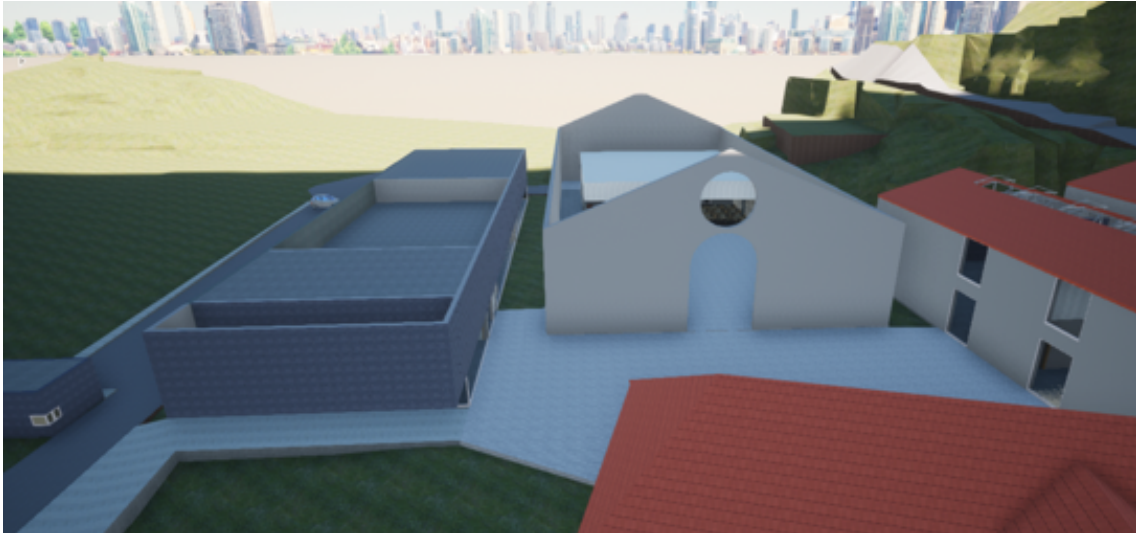


Figura 59- Trajeto pedonal do Clube de Remo (fonte: autora)



Figura 60- Trajeto pedonal da Fábrica Ca L'alier (fonte: Google Maps; editado pela autora)



Praça 61 – Vista aérea da praça do Clube de Remo (fonte: autora)



Figura 62- Praça traseira da Fábrica Ca L'alier – em obras (fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/>)

3- Materialidade e uso de elementos estruturais à vista: Um dos elementos de importante observação e relevante para a minha proposta, foi a materialidade e elementos estruturais visíveis no edifício. Ambos os casos de estudo, têm as treliças como um elemento visível e característico do edifício.

Para além das treliças, elemento estrutural, também o revestimento, neste caso, de tijolo na fachada, foi um elemento de inspiração para a proposta do Centro de Remo, tendo inserido este elemento no edifício da sala polivalente e do auditório, onde já existia vestígios deste material.

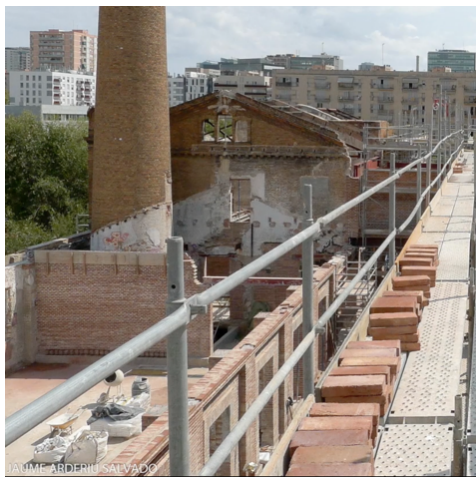


Figura 63- Aproveitamento do material (fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-calalier/>)



Figura 64- Parede exterior da Fábrica Ca L'alier (fonte: <https://bithabitat.barcelona/calalier/>)



Figura 65- Materialidade da parede com tijolo na Fábrica do Ouro (fonte: Miranda, Fernando (2016))

Elementos de contraste:

1- **Entrada/Receção do edifício:** Um dos elementos mais difíceis de resolver no projeto do Centro de Remo, foi o momento de chegada. Graças à forte envolvente da Fábrica de Ca L’Alier, foi um elemento importante de analisar, principalmente porque contrasta com o caso de estudo da Casa da Arquitetura.

Aqui, embora o edifício esteja inserido numa zona consolidada da cidade, como é também o caso da Casa da Arquitetura - não existem muros a delimitar o início e fim do terreno.

Este elemento ajudou a entender como fazer uma distinção entre a cidade e o edifício, sem necessitar de muro.

Este elemento confere-se a partir da observação das figuras presentes na página 66 desta dissertação.

2- **Distribuição do programa:** Este elemento foi dos mais importantes para a proposta do Clube de Remo.

Esta característica, contrasta com a Casa da Arquitetura, e com a grande maioria de reabilitações de edifícios industriais, graças às grandes naves que se evidenciam em edifícios deste género.

Neste caso, e no edifício do Clube de Remo, o programa exigia uma compartimentação. Esse era o objetivo deste elemento: entender como foi feita a distribuição do programa e como os arquitetos abordam o compartimento numa nave grande e única, sem a descaracterizarem.

Os arquitetos usam várias formas de compartimentar: Com “caixas” no meio da nave e através da métrica estipulada a partir das aberturas.

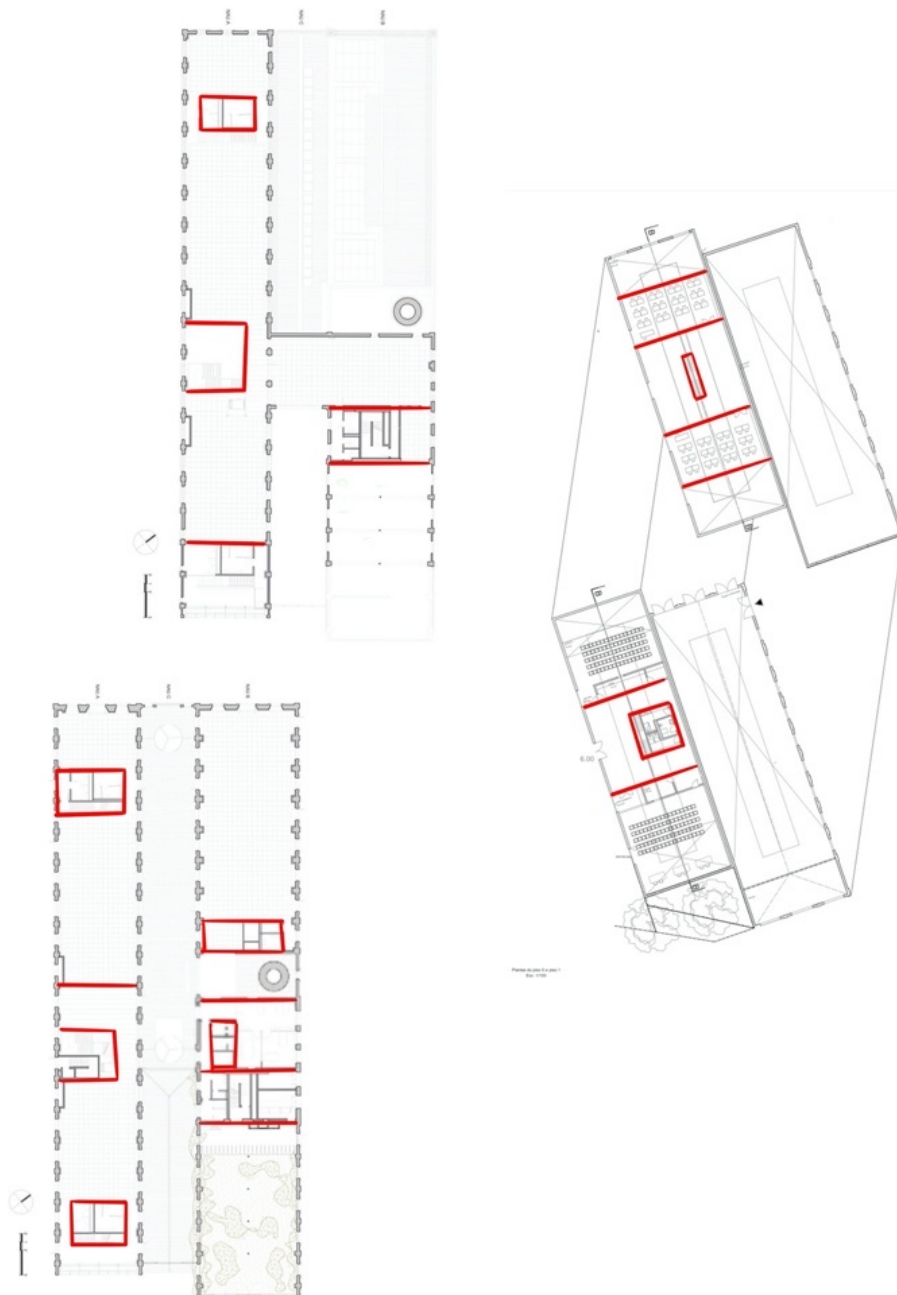


Figura 66- Comparação de Plantas Fábrica de Ca L'alier e Clube de Remo – distribuição do programa

Plantas Fábrica de Ca L'alier: fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/> ; editado pela autora

Plantas Clube de Remo: fonte: autora

3- **Diálogo entre espaços de estar e espaços de passagem:** Com a compartimentação do edifício, graças ao seu programa, o diálogo reconhecido entre espaços de estar e espaços de passagem era um elemento importante a considerar.

Este elemento ajudou, sobretudo, a entender como foi feita esta ligação entre espaços e onde podia haver uma comunhão entre estas duas questões. Por exemplo: na Fábrica de Ca L’Alier o espaço de passagem principal e central consegue distribuir e unir quase todo os espaços de estar, ou seja, as salas no rés do chão e os gabinetes no primeiro piso.

À semelhança dessa abordagem, no projeto da Central do Ouro, na nave onde estão distribuídos a sala polivalente e auditório, há um espaço de passagem, central, onde é feita uma distribuição geral para todos os compartimentos desse edifício, incluindo o primeiro piso – onde existem duas salas de aula.

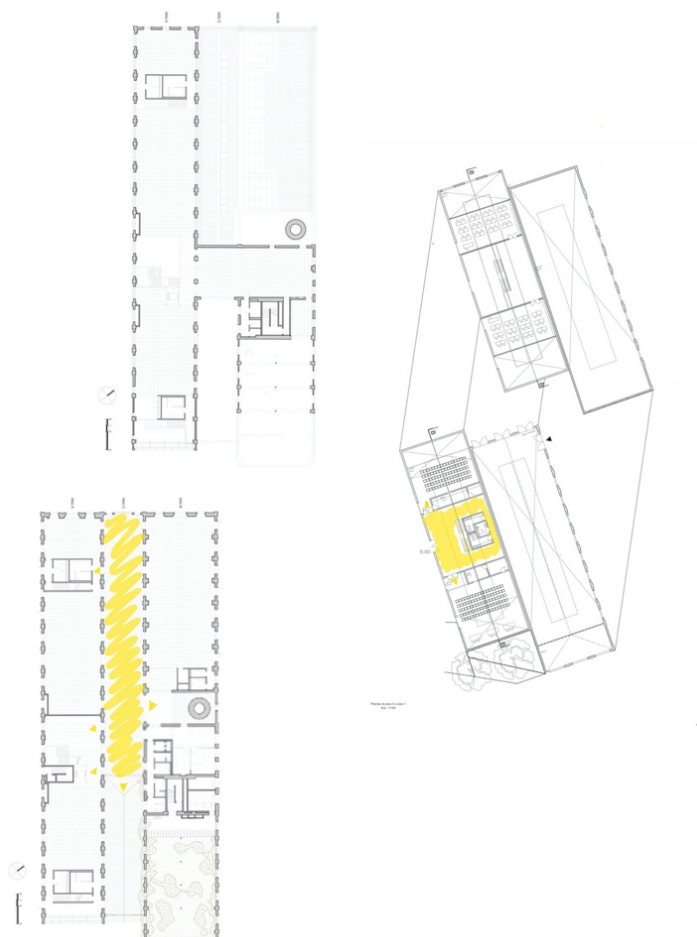


Figura 67- Comparação de Plantas Fábrica de Ca L’alier e Clube de Remo – distribuição e acesso

Plantas Fábrica de Ca L’alier: fonte: Site oficial dos arquitetos autores do projeto: <https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/> ; editado pela autora

Plantas Clube de Remo: fonte: autora

CAPÍTULO IV
PROJETO NA CENTRAL DO OURO

4.1 Significado da reabilitação dos espaços industriais - transposição para o exercício do projeto

Área social		Áreas no rio	
Átrio	200	Armazém	200
Recepção	40	Cafeteria	110
Wc públicos	95	Balneários	95
Sala de estar	80	Wc	30
Sala de refeições	100		
Cozinha de apoio	50	Áreas exteriores	
Bar	30	Estacionamento público	400
Copa de apoio ao bar	30	Estacionamento privado	40
		Plataforma flutuante	900
Áreas administrativas		Áreas exteriores	1400
Gabinete da administração	20		
Gabinete administrativo	40	Área técnica	
Arquivo	25	Chiller	50
Wc	30	UTAS	80
		Central térmica	30
Espaços principais		Grupo de bombagem	40
Auditório	180	Quadros de energia elétrica	6
Sala polivalente	160	Gerador de Emergência	30
Sala de apoio	20	Posto de transformação	30
Tanques de treino	270		
Ginásio	130	Área útil (au) TOTAL	5.921
Salas de aula	100	Área bruta de construção	7.401
Espaços complementares			
Armazém	500		
Balneários	160		
Oficina geral	100		
Gabinete médico	40		
Arrumos e serviço	30		
Cargas e descargas	50		

PROGRAMA DE PROJETO

O programa apresentado nesta dissertação corresponde ao plano da unidade curricular de projeto do 5º ano de Mestrado Integrado em Arquitetura. Este programa propõe a elaboração de um centro de remo no local de intervenção, localizado na Rua do Ouro.

O centro de remo será direcionado para uma temática sobretudo desportiva, mas conterá espaços culturais, um restaurante e locais de armazenamento.

O objetivo será incorporar nesta zona da cidade, um espaço direcionado para a prática desportiva, aproveitando a frente de rio. Conectado com o desporto, de forma a proporcionar espaços adicionais à cidade, são também organizados e idealizados lugares dinâmicos e culturais.

O grande desafio do projeto passa pela regeneração do local de intervenção com novas funções de apoio à urbe.

A estratégia delimitada tem o intuito de ver utilizado este espaço, não apenas por desportistas e associados, mas também por visitantes do local e turistas.

Deste modo, o tratamento das áreas impostas no programa e a importância das zonas verdes e locais ao ar livre, traçam as principais preocupações da projeção do clube de remo.

Sendo um local com uma presença muito forte da sua envolvente, é uma preocupação impetuosa restaurar este espaço. Não apenas a nível de edifícios, mas também na construção de cidade, face aos espaços verdes.

No intuito de corresponder a estas necessidades, o clube deve abranger diversos espaços necessários. Estes lugares, servem para abrigar a prática desportiva, mas também espaços culturais e polivalentes, bem como um restaurante e zonas de armazenamento ligadas ao rio e à aprendizagem da modalidade.

Desse modo, o clube de remo deve beneficiar de espaços necessários à prática do desporto, como por exemplo: Tanques de treino, ginásio, balneários e salas de aula. Oferecer igualmente espaços junto do rio, incorporados num cais, que acrescentem valor à prática desportiva, como é o caso de: armazéns para os barcos e balneários para

os atletas.

Do ponto de vista do visitante do clube, sem ser sócio ou desportista, é atraído para o restaurante, para o auditório, para a sala de estar ou para a sala polivalente que se prende em albergar atividades lúdicas. No espaço do cais há que conter uma cafetaria e casas de banho para auxiliar o apreciador da modalidade e visitante do clube.

Os armazenamentos dos barcos, para a prática da atividade, têm de ser feitos no cais e também no edifício, em terra. O armazém deverá contar com espaço de oficina e zona de cargas e descargas para os barcos.

A zona administrativa deverá abarcar gabinetes, arquivo, arrumos e casas de banho para o pessoal.

A elaboração do programa de projeto começou a ser definido segundo uma estratégia que conseguisse delinear uma solução mais coesa e lógica. As dúvidas que foram surgindo, no início do trabalho, careciam de análise aos casos de estudo de modo a servirem de charneira para a solução do problema.

Neste sentido, tornou-se categórico encontrar estratégias possíveis de intervenção, que sugerissem a forma de intervir no local e que definissem uma boa postura interventiva.

O primeiro objetivo a ser traçado é a forma de intervenção e as diferentes valorizações feitas ao nível da pré-existência.

A solução encontrada e incorporada no projeto prende-se com a valorização da pré-existência, sobretudo dos edifícios há mais tempo construídos - a construção de raiz, ou muito aproximada à da construção inicial. A adição de construções veio com a necessidade de corresponder ao novo programa, visando melhorar e atualizar o que existe atualmente. A demolição de alguns elementos foi necessária para a leitura do espaço primitivo da Central do Ouro.

Houveram distintas fases do desenho do projeto. No início, o tratamento da pré-existência não era tão claro e sucinto. No final, por uma questão de pensamento e reflexão do próprio projeto e da sua envolvente, tornou-se mais nítido.

Através das distintas fases e dos elementos apresentados, procura-se delinear uma estratégia e uma reflexão acerca do projeto. Pretende-se esclarecer acerca da implantação de forma a responder ao programa e, ao mesmo tempo, elucidar acerca da

linguagem utilizada.

Esta proposta abriga um novo uso para a Central do Ouro que procura salvaguardar os edifícios e a memória do local, alterando, ao mesmo tempo o seu programa e melhorando as condições do local.

4.2 Fases de desenvolvimento

As intenções de intervenção foram sendo adquiridas ao longo da realização do projeto e em conformidade com algumas ideologias dos casos de estudo, bem como exemplos de outros projetos e reflexões ao longo dos semestres.

Apesar da implantação final ter sido encontrada de forma muito intuitiva, houve uma fase no desenvolvimento do projeto em que se colocaram muitas questões.

Esta fase do trabalho serve para evidenciar algumas das propostas dadas ao longo dos semestres. Dessa forma, ser capaz de responder ao programa, elucidando sobre as dúvidas que foram sendo esclarecidas.

O desenvolvimento destas fases do projeto será organizado em várias propostas, sintetizando algumas características do trabalho.

Numa primeira fase, serão organizadas, por etapas, algumas mudanças na implantação, utilizando esquemas, esboços, plantas e maquetes.

Na segunda fase do trabalho, serão mostradas as várias organizações interiores das diferentes etapas do projeto, esclarecendo quais as ideias de organização do programa. Esta etapa deverá consistir na apreciação de plantas, esboços e organigramas.

Por último, a consolidação do projeto, esclarecendo e refletindo acerca do processo e dos pontos que se mantiveram ou não ao longo do trajeto. Esta etapa compreende uma linguagem mais consolidada dando preferência a plantas, cortes e alçados.

Planta do terreno



Figura 68 - Planta de implantação com pré-existências e limite do terreno (fonte: autora)

Legenda:

— Limite do terreno

O terreno deste projeto localiza-se na Rua do Ouro na freguesia de Lordelo do Ouro. Este lugar tem a particularidade de ter uma vista privilegiada sobre o rio Douro situando-se na marginal da cidade do Porto.

Ao redor do terreno, é notório a diversidade de lugares e edifícios instalados neste local.

De frente para o terreno, é visível, por um lado, edifícios recentes – nomeadamente um edifício em altura plurifamiliar e uma grande escarpa; o lado oposto é marcado por um palacete devoluto, presente no final de um terreno baldio que separa o antigo palacete, do local onde se inserirá o projeto.

Dentro do terreno do projeto, do que foi possível conhecer, inserem-se vários edifícios com várias datas de implantação e uso.

Todos os edifícios, dentro do terreno, estão em diferentes estados de conservação.

O terreno do projeto tem uma área aproximada de 10346.7 m² e a parte situada no

rio conta com uma área aproximada de 2705.77 m².

A zona do rio, embora no projeto seja proposto um cais para os barcos, atualmente é um espaço livre e sem qualquer tipo de construção.

Serão apresentadas, de seguida, as várias propostas tidas durante este ano letivo.

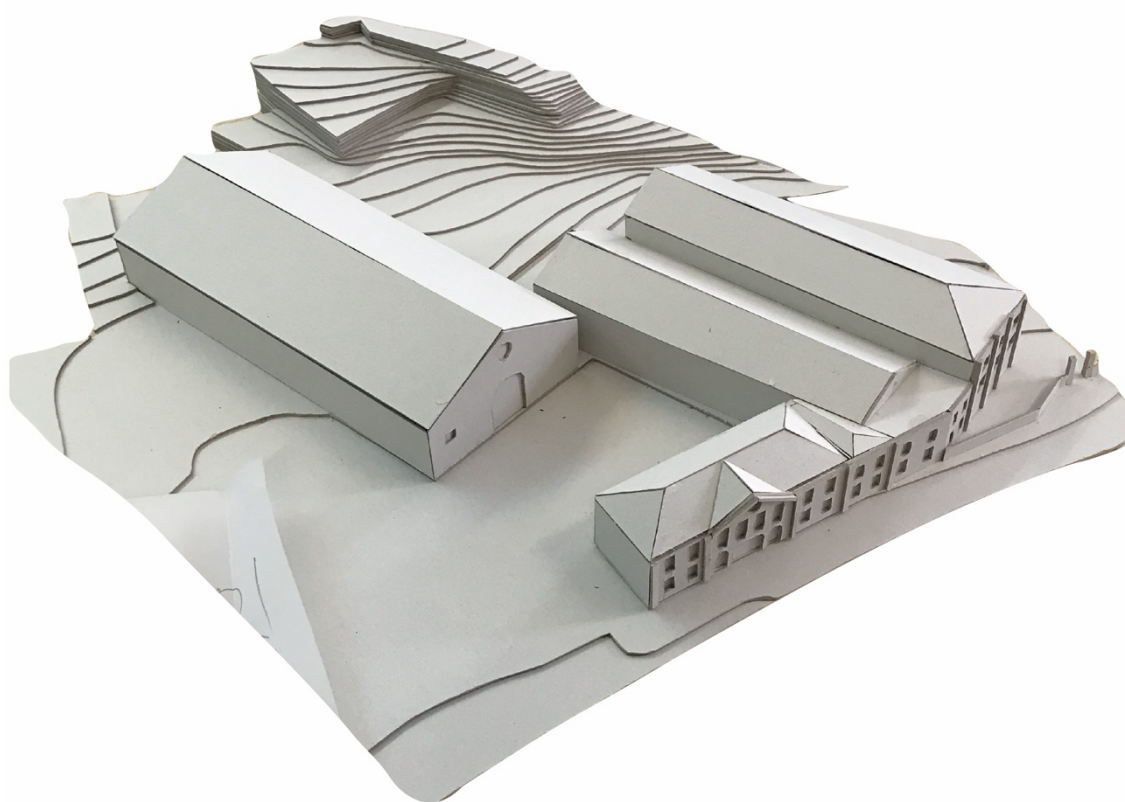


Figura 69 - Fotografia da maquete – Pré-existências

Primeira proposta



Figura 70 - Planta da primeira proposta (fonte: autora)

Legenda:

■ Pré-existências

■ Novas construções

Na primeira proposta do projeto, verifica-se a demolição de alguns elementos presentes no terreno e a implantação de novas construções.

Nesta primeira abordagem, foi feita a demolição dos volumes B e C, permanecendo os elementos A e D, constando também a ruína E.

As construções demolidas foram substituídas por um novo elemento entre o volume A e D que fizesse a ligação entre eles. Esta nova construção tinha como objetivo fazer com que as pré-existências comunicassem e se unissem.

O que distinguiria esta proposta, da construção existente anteriormente (volume B), seria: construir um elemento menos invasivo que não estivesse à face da rua – em contraste do que existia. Ao mesmo tempo, conseguir desenhar uma ‘passagem’ entre as construções existentes.

A ruína, (volume E), não é demolida nem definida com programa - ficando apenas ruína.

Nesta etapa, é também projetado um novo elemento. Esta construção previa ser um edifício quase ‘camuflado’, graças à inclinação do terreno.

Esta construção tinha como programa um auditório – acessível pela rua secundária e perpendicular ao terreno.

O objetivo desta nova construção, seria o fácil acesso dos visitantes do auditório, tornando-o, ao mesmo tempo, mais apelativo – graças ao seu desmembramento face ao restante edifício.

No rio, sem definir concretamente o programa, é já feito um esquema de desenho do que poderá ser um espaço para o cais ou, até mesmo, um armazém flutuante – para abrigo dos barcos.

O método usado para a criação das primeiras propostas do trabalho são, essencialmente, plantas e maquetas.

No entanto, acabam por surgir algumas questões que não são compatíveis com o avanço desta proposta:

Um dos fatores, que leva à interrupção de desenvolvimento desta implantação, é o facto do programa não conseguir estar todo contemplado, devido à falta de área que esta proposta manifesta.

A par com esta grande problemática, existe também a questão em relação à demolição de dois edifícios (volumes B e C). Neste caso, as construções demolidas, poderiam continuar a existir visto que no desenho proposto é feito um esforço para unir, de igual forma, dois edifícios pré-existentes.

Por fim, o auditório, embora aparentasse ser de fácil acesso, acaba por ficar um elemento um pouco deslocado do resto do edifício – não se percebendo a coerência de o desenhar naquele lugar.

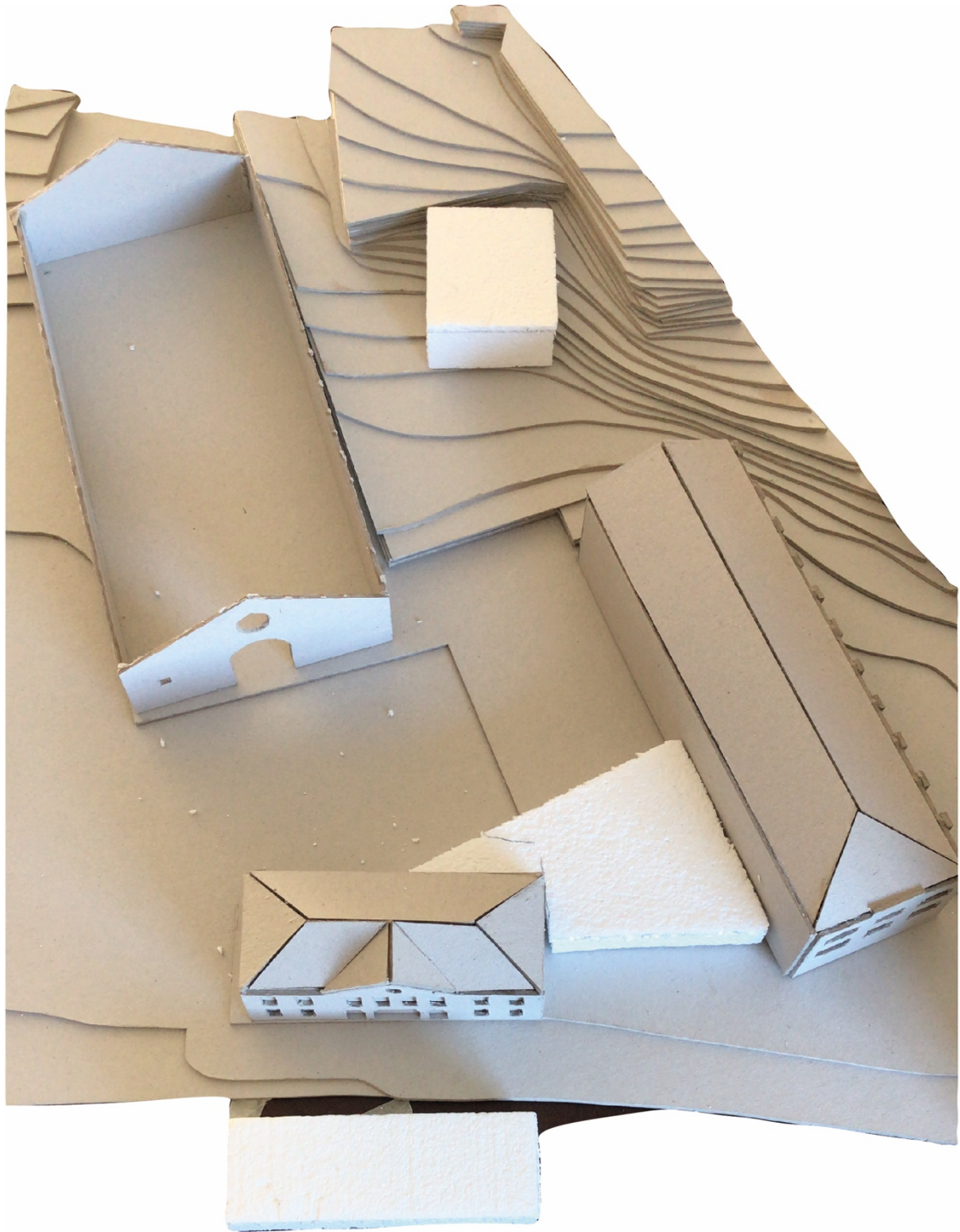


Figura 71 - Fotografia da maquete – 1ª proposta

Segunda proposta



Figura 72 - Planta da segunda proposta (fonte: autora)

Legenda:
■ Pré-existências
■ Novas construções

Neste ponto, o método de trabalho concentra-se no mesmo âmbito: trabalhar à base de maquetas e planta – sistematizando o processo, porém, é já apresentado uma tentativa de organização de planta.

Na segunda proposta, apresentada neste ano letivo, é já visível a ponderação em relação à demolição de edifícios, contando apenas com a desistência do volume B.

Na proposta atual persiste a tentativa de albergar uma espécie de ‘ponte’ entre os volumes A e, neste caso, C e D.

Esta tentativa de ligação, entre as diferentes construções, é um ponto que persiste desde do início do trabalho. Esta inquietação surge da dificuldade de assumir um edifício com vários elementos dispersos, sem terem de comunicar entre si.

Em contraste com a proposta anterior, o volume E, alberga agora um edifício no seu interior – deixando a ruína em prevalência, sem ser reabilitada.

No espaço do rio, a proposta é a mesma, não contando com nenhuma alteração desde a proposta anterior.

Neste ponto, é já considerada uma área maior – conseguindo albergar quase todo o programa pedido – algo que não acontecia na última proposta apresentada.



Figura 73- Planta piso 0 – 2ª proposta



Figura 74- Planta piso 1 – 2ª proposta (fonte: autora)

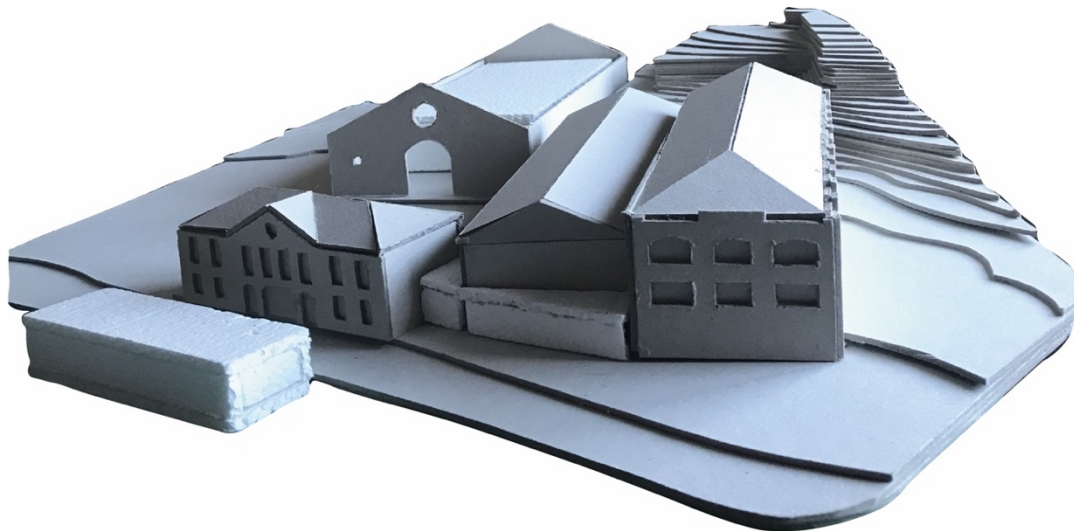


Figura 75 - Fotografia da maquete – 2ª proposta

Desta vez, embora haja um planeamento mais acertado do programa, conseguindo inseri-lo no terreno, há ainda algumas questões de espaço que devem ser melhor definidas e conseguidas:

- 1- O caso do espaço de entrada: não ser um elemento muito evidenciado, sendo até ‘camuflado’ pois está inserido naquele elemento criado para unir os três volumes.
- 2- O restaurante, embora seja um espaço importante para o edifício, não está no local mais apropriado – está inserido no volume A – que poderá albergar um programa mais de entrada no edifício, por se apresentar num sítio estratégico.
- 3- A par com esta questão anterior, o volume A, não está dividido da melhor forma. Embora não seja conhecida a divisão original da construção, reconhece-se que a fragmentação utilizada não se enquadra, por exemplo, na fachada do edifício, principalmente no rés do chão.
- 4- Os espaços que serviriam para tratamento e armazenamento dos barcos, como é o caso de: armazém, espaço de cargas e descargas e a oficina estão, nesta proposta, no edifício C.

A área que ocupam está num local pouco adequado e o seu pátio de serviço insere-se num espaço exterior que poderia ser mais privilegiado e cuidado.

- 5- O volume D podia estar organizado de forma diferente, utilizando também métodos diferentes de inserção de programa.

Na Casa da Arquitetura, por exemplo, em alguns momentos, adapta um sistema de ‘caixas’ para dividir espaços amplos. – Esta podia ser uma das alternativas – evitando colocar espaços ultra compactados numa nave ampla e única.

6- No volume E, embora não estivesse errada a ideia da nova construção dentro do devoluto, este novo elemento também não está projetado da melhor forma: a entrada está no sítio oposto e, conseqüentemente, mais longe da abertura da ruína. O que torna o percurso até ao átrio um pouco penoso.

Os edifícios C e D, no geral, contém uma divisão pouco lógica, com uma sistemática divisão dos edifícios – em contraste com o que foi idealizado inicialmente para estas construções – que deveriam ser amplos e pouco divididos.

Por fim, a questão anteriormente abordada da colocação de um espaço para unir, neste caso, três volumes: A, C e D, continua a não fazer sentido visto que se demoliu um volume pré-existente sem nenhuma razão de maior importância.

Esta foi uma das grandes dificuldades neste projeto: a divisão de construções e espaços. Não compreender, à priori, que o edifício podia ser fragmentado foi uma das mais complexas questões a resolver.

Terceira proposta



Figura 76 - Planta da terceira proposta (fonte: autora)

Legenda:
■ Pré-existências
■ Novas construções

Nesta terceira proposta, faz-se a aceitação das mais complicadas críticas até agora apresentadas e começa-se a descobrir novos caminhos.

Neste exemplo, o mais aproximado da proposta final da cadeira de projeto, é considerado, finalmente e definitivamente, os edifícios que permanecerão no projeto: os volumes A, C, D e E, que até a este momento, sempre foram os mais considerados.

A única construção demolida é o volume B, subtraído por aparentar ser uma adição mais 'recente'. Crê-se não ser um elemento genuíno nas primeiras fases da implantação.

Nesta proposta, é visível a construção de dois elementos:

Dentro da ruína – volume E – onde está inserido o restaurante e tudo o que este precisa para funcionar bem, dispendo de áreas como: sala de refeições, bar, zonas de refrigeração, copa, e casas de banho públicas e privadas.

A segunda construção nova, está inserida paralelamente à ruína, com as proporções similares – largura e comprimento - aos edifícios C e D e alberga: os tanques, os balneários, o gabinete médico e o ginásio.

Nesta proposta, visível essencialmente na maquete, começa a ser questionada a posição do muro: se deve ou não existir. Nesta proposta, é considerado o muro como um elemento fundamental.

A alteração nos edifícios pré-existentes, face à proposta anterior, relaciona-se, essencialmente, com o programa do projeto.

Nesta proposta, há uma melhoria na clarificação da organização dos espaços interiores e na coerência de algumas opções, tais como:

- 1- A escolha do local para a entrada do projeto e a sua receção é repensada e melhor posicionada. Através desta melhoria, a entrada posiciona-se num local mais evidente e convidativo a visitar, inserindo-se no volume A.
- 2- Os gabinetes e toda a parte administrativa está no local mais conveniente, ficando no piso superior do edifício A. Desta forma, os visitantes poderão ser auxiliados mais facilmente, buscando informação no sítio mais apropriado e hábil.
- 3- A ruína passa a albergar um espaço mais convidativo para os visitantes do edifício: o restaurante.

Esta alteração fez com que o estado de ruína do edifício, dominado pela natureza, fosse mais prezado, não sendo apenas um espaço de passagem, como seria anteriormente. Nesta proposta, o edifício poderá ter espaço de refeições ao ar livre, por exemplo, bem como um jardim que poderá ser usado antes ou depois de uma refeição.

Para além de ser um espaço mais apelativo para os visitantes, é também mais funcional para os trabalhadores do restaurante – havendo a possibilidade de um pátio de serviço nas traseiras do restaurante.

- 4- Embora ainda dividido os edifícios C e D, houveram algumas alterações no seu interior. A programação dos edifícios foi alterada, havendo uma melhoria no seu posicionamento.

O edifício C alberga, neste momento, um programa mais direcionado para o público e o volume D, contém uma parte mais privada e direcionada para o armazenamento e tratamento dos barcos – com um pátio de serviço mais apropriado e com dimensões para transportes pesados, mais conveniente.

5- A criação de um novo volume, paralelo à ruína, foi a escolha mais harmoniosa até ao momento. Este espaço alberga áreas mais direcionadas para os atletas e, por tanto, seria conveniente ficar mais perto do rio e perto da entrada do edifício. A escolha do posicionamento desta construção deve-se à observação dos edifícios inseridos no terreno. A par com este olhar, a necessidade de criar uma espécie de ‘pátio’ no meio do conjunto de volumes que já existiam. Este pátio era o conceito que o projeto carecia para haver uma distribuição mais coerente, sem a exigência de uma ligação de volumes intencional e coagida.



Figura 77 - Planta piso 0 – 3ª proposta – com indicação dos espaços (fonte: autora)



Figura 78 - Planta piso 1 – 3ª proposta – com indicação dos espaços (fonte: autora)

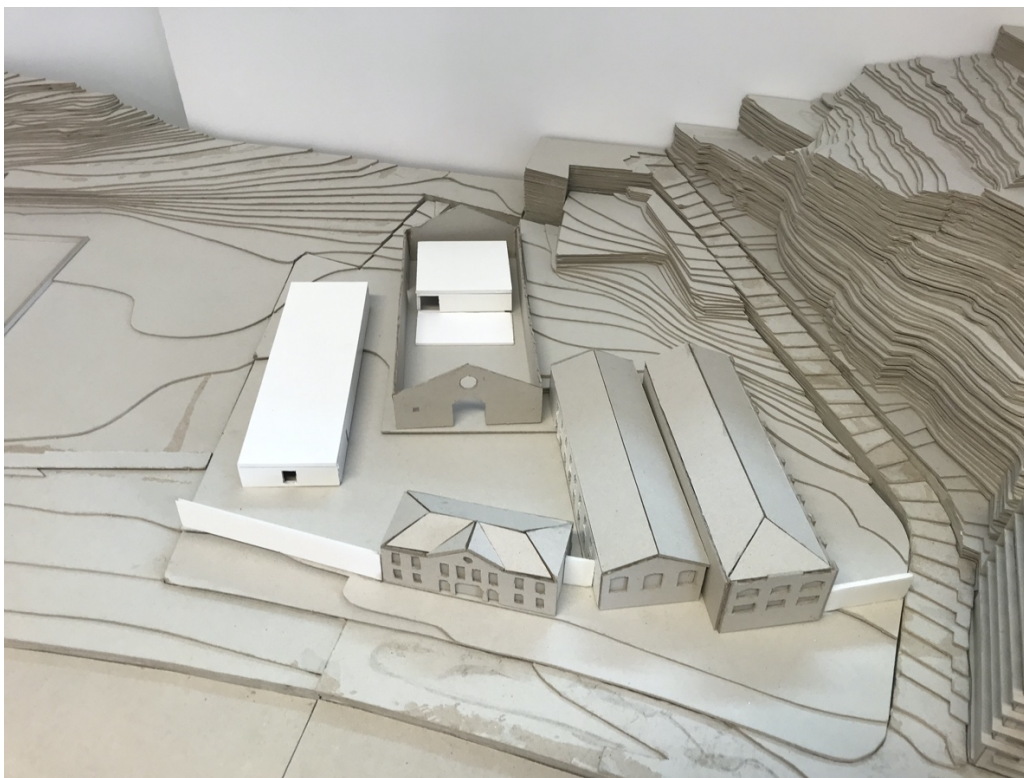


Figura 79 - Fotografia da maqueta – 3ª proposta

Embora a implantação já estivesse praticamente definida houveram algumas questões ainda por resolver:

- 1- A questão do cais, neste momento, não se vê resolvida. O programa exige um espaço para armazenamento de barcos e nesta proposta ele não consta.
- 2- As aberturas dos edifícios, principalmente dos novos volumes criados, deveriam ser repensadas e definidas com mais coerência.
- 3- O reconhecimento do muro nesta proposta foi das questões mais relevantes e também das mais exploradas – principalmente nos casos de estudo, que ajudaram bastante a resolver este problema.
- 4- Embora houvesse uma preocupação inicial do planeamento do espaço exterior – com passeios e espaço para estacionamento – poderiam ser projetados de melhor forma, principalmente os passeios.

A par com estas questões levantas acerca da implantação e questões de percepção do edifício no geral, houveram outras críticas relevantes relacionadas com o interior dos espaços:

- 1- O edifício C foi a construção mais contestada nesta proposta. Devido, principalmente, à zona das salas de aula e da sala de estar. A ideia seria haver, pelo o menos, duas entradas no edifício: a primeira seria na zona entre o auditório e a sala polivalente e a segunda na sala de estar. O problema que se coloca nesta segunda entrada será a dificuldade de separar o momento de chegada, a zona de estar e a entrada para as salas de aula. Principalmente esta última dinâmica será difícil de dominar pois as salas de aula têm a entrada virada para a sala de estar.
- 2- O restaurante, embora estivesse em conformidade com o programa e implantado no local mais apropriado até agora, ainda carecia de algumas mudanças na projeção do seu interior: As zonas direcionadas para os funcionários deveriam ser repensadas. A entrada dos funcionários deveria ser única, ao contrário do que é visível nesta proposta. Neste momento, é visível que há uma entrada de serviço que se liga ao espaço de preparação de refeições e uma entrada direta para o WC privado – para os funcionários.
O espaço para armazenamento dos produtos poderia ser maior e haver uma divisão mais definida do espaço de entrada e do espaço de conservação dos alimentos.
A WC dos visitantes do restaurante poderia ser mais pequeno.



Figura 80 - Planta piso 0 – 3ª proposta (fonte: autora)



Figura 81- Planta piso 1 – 3ª proposta (fonte: autora)

Quarta proposta



Figura 82- Planta da quarta proposta (fonte: autora)

Legenda:

- Pré-existências
- Novas construções

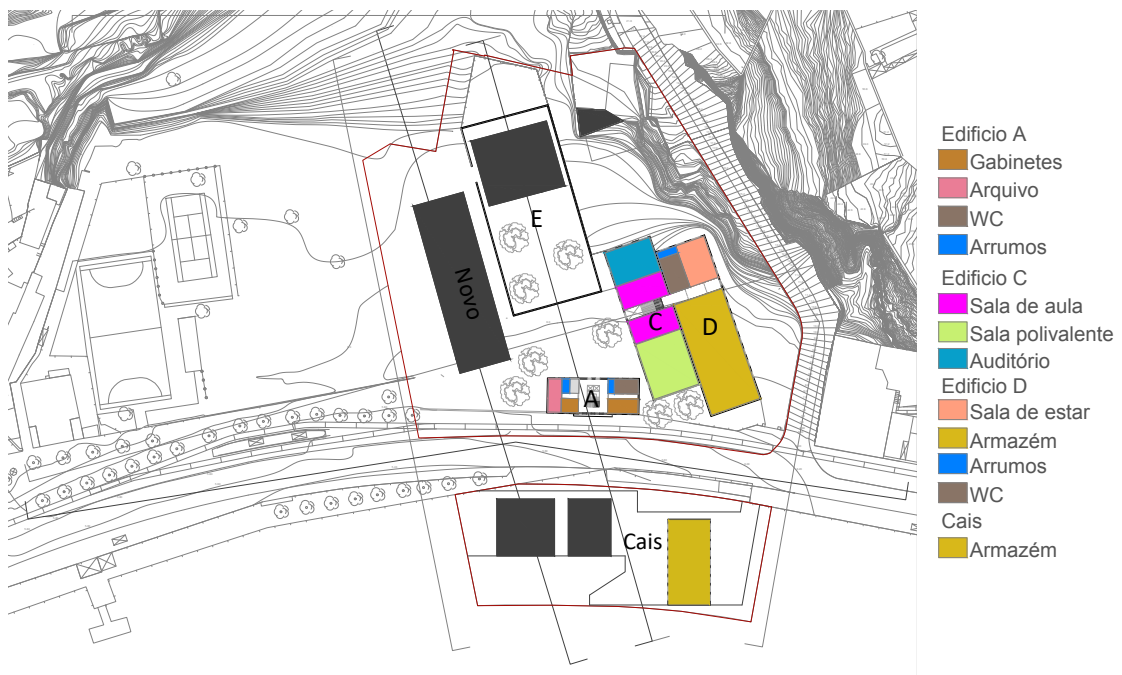
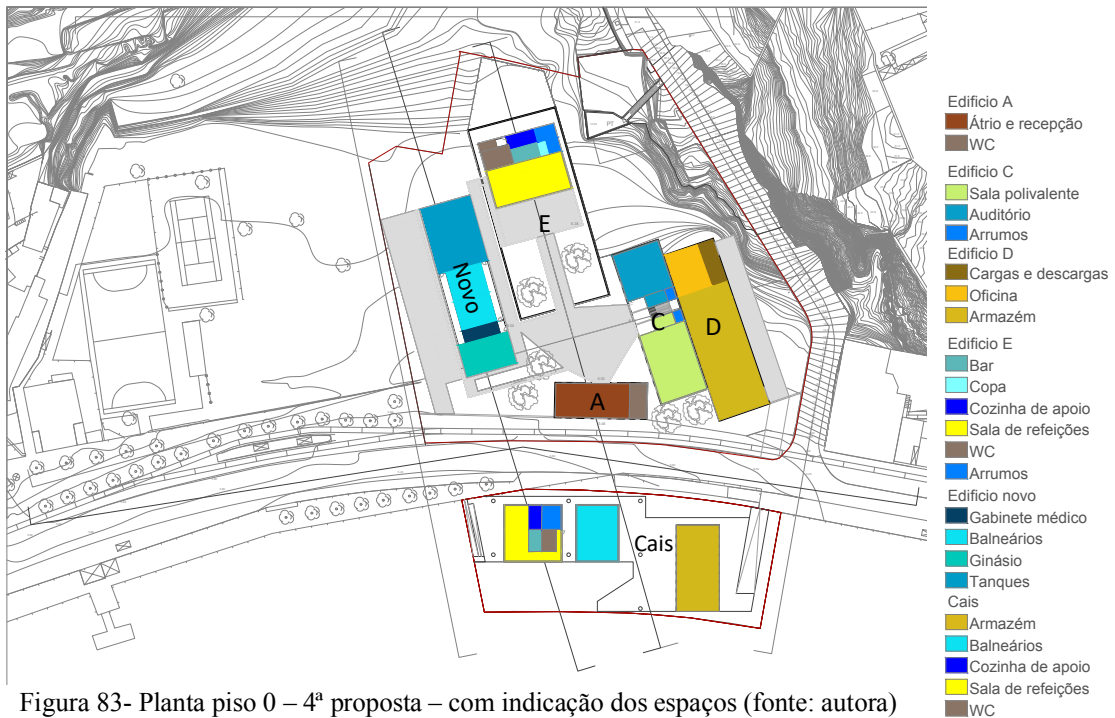
Após a implantação de maior parte dos volumes estar consolidada, nesta quarta proposta faz-se a projeção do cais no rio Douro.

Neste ponto, mantém-se a implantação discutida anteriormente: Os volumes mantidos e reabilitados no projeto são A, C e D. O volume E mantém-se, como ruína, contendo uma nova construção no seu interior. Há também a adição de uma nova construção – anteriormente mencionada – colocada paralela à ruína.

O elemento diferencial desta proposta está inserido no cais.

A proposta para este momento do projeto, passa por inserir uma grande plataforma incorporando, por cima desta, diferentes volumes. A ideia surgiu após algumas pesquisas sobre plataformas flutuantes, sobretudo no estrangeiro.

O propósito desta ideia seria mais relacionado com a plataforma que, graças ao seu desenho, teria uma forma abstrata. O conceito permitiria criar uma espécie de ‘lago’ para entrar mais facilmente com o barco. Este espaço seria criado perto do armazém e junto aos balneários, pois os atletas fariam esse percurso: balneário – armazém – rio / rio - armazém – balneário.



Na quarta proposta do projeto houveram algumas alterações feitas, sobretudo, no interior dos edifícios. Estas mudanças foram executadas conforme as críticas feitas na proposta anterior e, da mesma forma, realizadas as transformações em conformidade com as carências sentidas ao longo do projeto.

Os edifícios que sofreram alterações foram: os edifícios A, C, E e o piso superior do volume D.

- 1- No edifício A, a maior alteração foi feita a nível organizacional. Anteriormente referido, um dos pontos com mais urgência em ser resolvido concentrava-se na posição das escadas e, conseqüentemente, nos corredores e nos espaços desenhados no edifício.
A solução para este problema passou pelo ‘desmembramento’ das escadas face à parede. As escadas, bem como o elevador, ocupam agora um espaço central, não se apresentando fixas à parede.
- 2- Graças à mudança referida anteriormente, o primeiro andar do edifício foi organizado novamente contendo agora: dois gabinetes com vista para o rio, dois espaços de arrumos, o servidor do edifício, o arquivo e uma casa de banho que auxilia apenas este piso.
- 3- Ainda no volume A houve alteração no rés-do-chão, onde foram criadas casas de banho públicas. Esta mudança foi crucial, principalmente por se tratar de um edifício com carácter público no rés do chão e privado no primeiro piso. Não seria adequado partilharem este espaço.
- 4- O edifício C, nesta proposta, foi planeado de forma diferente. O objetivo desta planificação, surge no sentido de tentar diminuir as divisões do edifício, fazendo com que ele fosse o mais singular possível. Na proposta atual, o rés do chão do volume contém apenas a sala polivalente e o auditório, a par com as respetivas régies e espaços de apoio. Além desses espaços é projetada a escada para o piso superior.
- 5- Os edifícios C e D são unidos pelo o piso superior, graças à escada mencionada anteriormente, que auxilia três diferentes momentos no primeiro piso. As salas de aula, que se encontram logo à chegada deste piso superior; a sala de estar, criada com vista sobre o armazém – com a intenção de ‘relacionar’ estes dois espaços; e a casa de banho, bem como a parte da arrumação.

- 6- O edifício D, embora tivesse sofrido alterações no seu piso superior, manteve-se com os espaços mencionados na última proposta.
 - 7- O restaurante, a funcionar na nova construção inserida no volume E, também teve alterações, sobretudo, nas proporções dos espaços.
- O trabalho realizado, face à proposta anterior, é visível sobretudo na sala de refeições que deixou de ser menos larga, a ter proporções mais equilibradas e harmónicas. Esta transformação refletiu-se também nos outros espaços – sobretudo na copa e na arrecadação – agora com proporções diferentes.
- 8- O espaço exterior foi repensado, graças à falta de coerência nos ‘caminhos’ criados na última proposta. Desta vez, o que se tentou fazer foram passeios maiores e, quando possível, a criação de espaços comuns com maiores dimensões com o que é o caso do pátio central.
 - 9- O cais foi pensado, circunscrito na ideia referida anteriormente, e contempla espaços como: armazém (com pé direito duplo), balneários e um café com: sala de refeições, balcão, cozinha de preparação, arrumos e casas de banho. O armazém, os balneários e o café são volumes autónomos, podendo comunicar entre si graças à plataforma do cais.
 - 10- O muro, nesta proposta, ainda existe, com a alteração de altura. Nesta fase, o muro tem a altura da nova construção, paralela à ruína. A intenção seria que o muro se relacionasse mais com o interior do terreno e não ficasse apenas um objeto de divisão entre a rua e a área do projeto. Esta alteração reflete-se, essencialmente, no perfil 4.

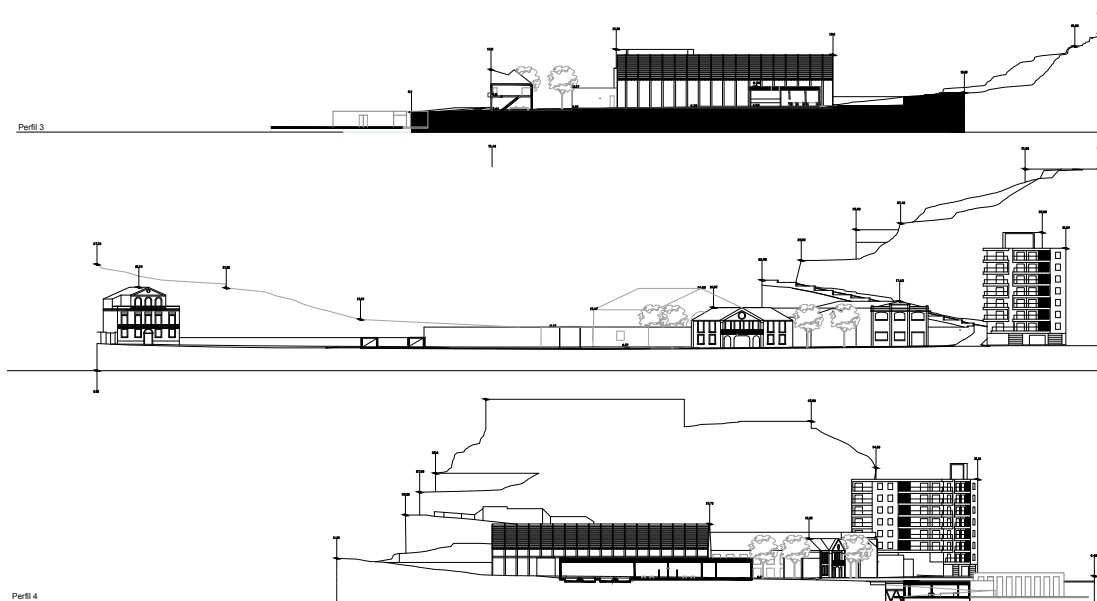


Figura 85- Cortes e alçado – 4ª proposta (fonte: autora)

Em implantação já estivesse praticamente definida houveram algumas questões ainda por resolver:

As questões que se levantaram nesta proposta foram, principalmente, a nível de organização do espaço. Além desta questão, houveram ainda muitas críticas em relação ao cais.

- 1- No volume A, a questão mais pertinente prende-se em torno das escadas do edifício que, por consequência, conseguem influenciar toda a dinâmica envolvente.

Esta questão coloca-se graças ao espaço que as escadas deixam à sua volta, desprovido de um propósito, ocupando demasiado espaço desnecessário.

- 2- No piso de cima do edifício A, graças à situação anterior, torna-se complexo definir uma planta e organizar os espaços mais harmoniosamente. Esta adversidade cria um imenso espaço central e corredores numa tentativa de disposição mais conveniente.

- 3- A dificuldade mais intensa desta proposta, prende-se nos edifícios C e D e nos respetivos pisos superiores. Embora as salas de aula até se consigam enquadrar neste local, há coisas que carecem de alguma coerência:

Em primeiro lugar, a falta de espaço, no momento de chegada ao piso superior.

Este espaço é necessário ser maior ou, até mesmo, diferente, para que seja conveniente aos alunos. Este espaço precisará de ser congruente e adequado para que os estudantes tenham um espaço de espera, antes de entrar na sala de aula.

A segunda grande dificuldade prende-se na questão da relação entre os dois edifícios. Até que ponto é que os volumes são coerentes juntos? Será que, no passado, eles estiveram unidos?

A terceira, e última observação, prende-se com o piso superior do edifício D que, nesta proposta, é encontrado um pouco desolado e sem vínculo do resto do edifício, carecendo de uma melhor organização.

4- O restaurante do projeto, na ruína, também precisa de uma melhor proporção e, consequentemente, de espaços mais harmónicos e relacionados com o seu uso.

A situação da entrada de serviço, bem como a casa de banho para os visitantes e as zonas de refrigeração, são situações que se devem resolver melhor. Não estão mal posicionadas, apenas com espaços pouco interessantes que deveriam ser repensados.

5- A questão do espaço exterior está em constante mutação e, embora já estivesse mais consolidado comparativamente à proposta anterior, ainda carece de uma maior simplificação.

6- O cais também é um elemento em debate devido à complexidade desnecessária que existe nesta proposta.



Figura 86- Planta piso 0 – 4ª proposta (fonte: autora)



Figura 87- Planta piso 1 – 4ª proposta (fonte: autora)

Quinta proposta

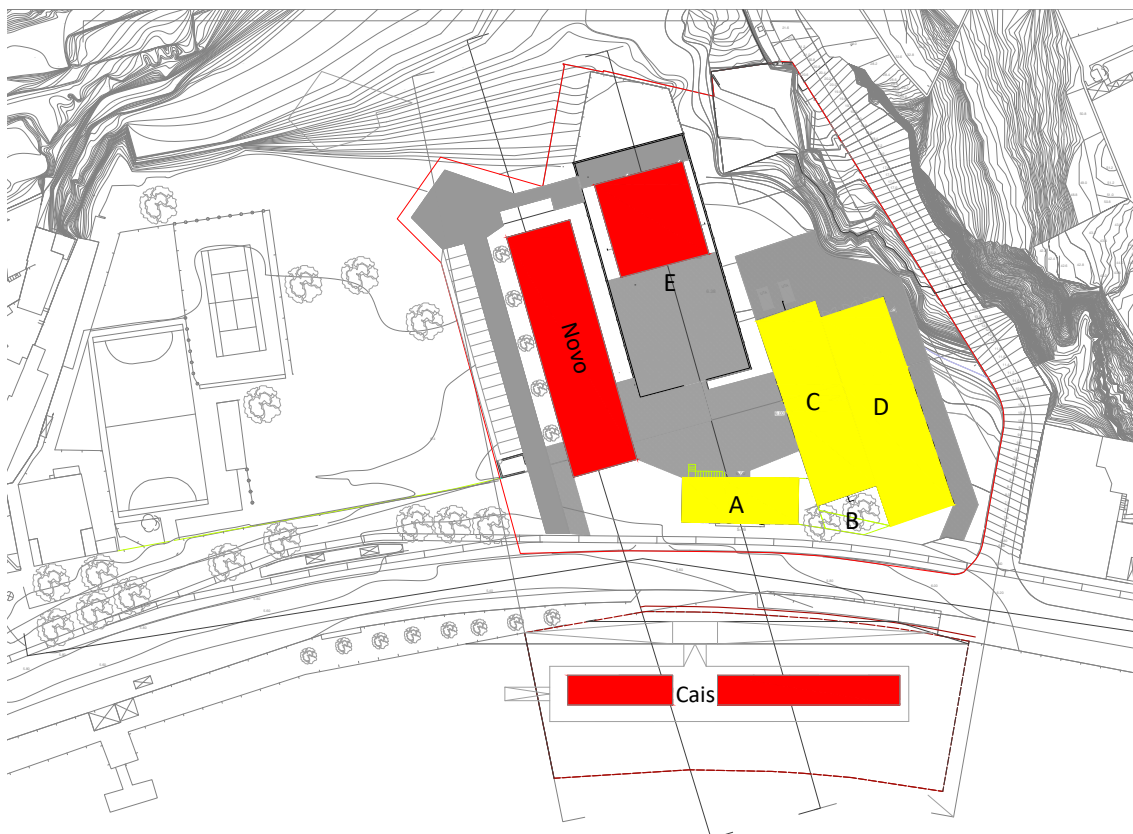


Figura 88 - Planta da quinta proposta (fonte: autora)

Legenda:
■ Pré-existências
■ Novas construções

Após alguns exemplos até aqui apresentados, a par com as suas críticas, surge a quinta e última proposta.

Esta proposta é o culminar de todos os passos dados até aqui e da solução da maior parte das críticas proferidas durante o exercício do projeto.

Na quinta proposta veem-se alicerçados os seguintes edifícios: edifício A, C, D, a ruína E com a nova construção inserida no seu interior, a construção projetada paralela à ruína e o cais que, nesta proposta, se vê diferente relativamente ao que foi apresentado anteriormente.

Na presente proposta, também se nota uma diferença relativamente ao tratamento paisagístico. Neste momento, quer no exterior do edifício, quer no interior, procurou-se responder às questões com mais clareza e simplicidade.

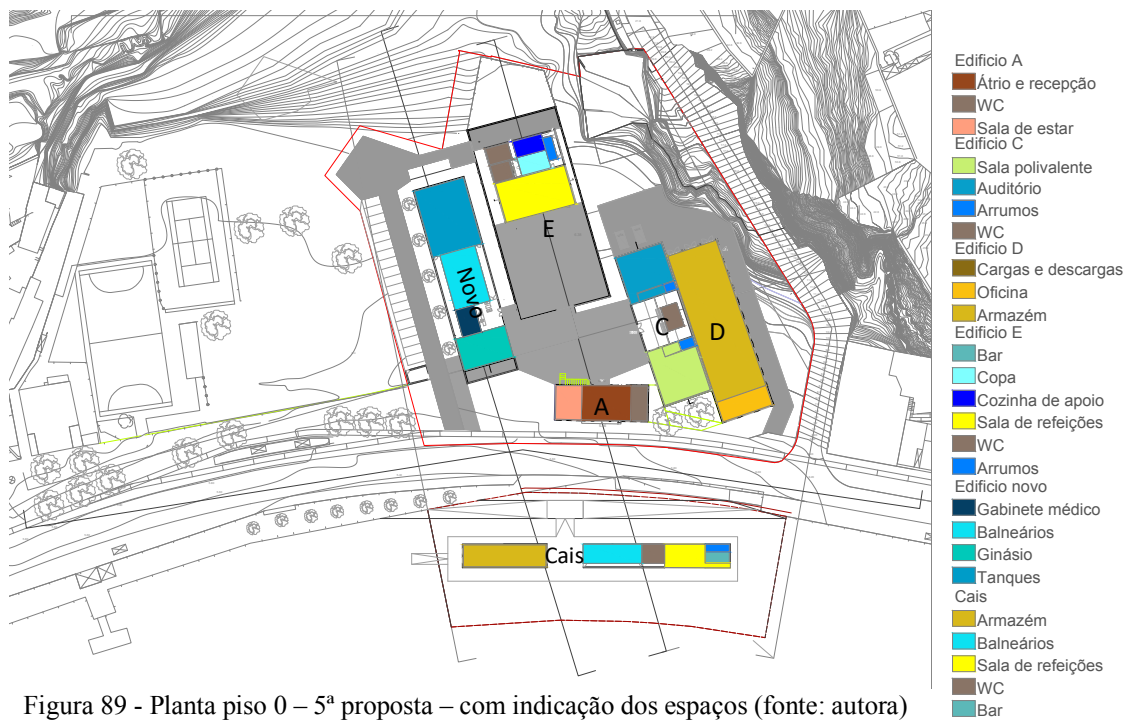


Figura 89 - Planta piso 0 – 5ª proposta – com indicação dos espaços (fonte: autora)

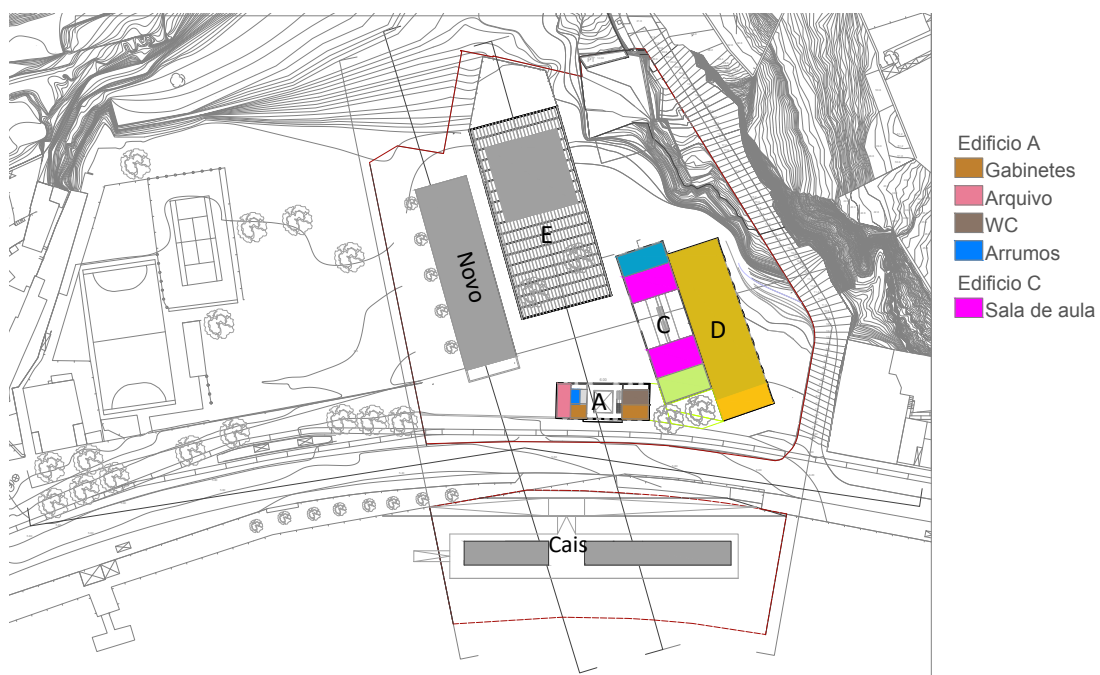


Figura 90- Planta piso 1 – 5ª proposta – com indicação dos espaços (fonte: autora)

Esta proposta, apresenta diferenças em todos os edifícios do projeto, seja a nível interior ou de implantação. A par com as construções, também os espaços exteriores foram tratados de forma diferente, completando alguns requisitos até agora em falta no desenho, como é o caso dos dispositivos necessários no edifício.

1- No volume A, esclareceu-se os espaços interiores e a sua organização. No rés-do-chão do edifício estão inseridos e organizados: o momento de chegada com a entrada, átrio e receção; uma sala de estar e casas de banho públicas.

No piso superior estão organizados: os gabinetes, casas de banho privadas, arrumos, o servidor do edifício e também o arquivo.

Neste edifício, o que foi melhorado, face à proposta anterior, prende-se a nível organizacional dos espaços, sobretudo devido à mudança de estratégia na escada.

O procedimento aplicado neste momento, foi a alteração do espaço de implantação da escada que ocupa agora um lugar mais lateral. Esta mudança fez com que a organização se visse mais consolidada, sendo mais fácil determinar o piso superior, aplicando uma métrica mais cuidadosa.

2- No volume C foi feita uma simplificação do espaço, bem como o ‘desmembramento’ da escada e a adição das casas de banho no piso inferior.

Este volume deixou de estar ligado ao edifício D. Aprumou-se as áreas existentes anteriormente, como é o caso da sala polivalente e do auditório, bem como as suas régies.

Foi adicionado a escada no centro do edifício, escondendo as casas de banho necessárias.

3- No edifício D foi feita a subtração de elementos no piso superior, bem como a simplificação, ao máximo, dos espaços existentes no rés do chão.

A ideia seria haver um espaço quase único, que se conseguisse organizar sem nenhum elemento como paredes ou janelas. Este espaço projetou-se amplo, com um pé direito duplo e com as asnas à vista, como no edifício C – em que elas aparecem nas salas de aula.

4- O edifício do restaurante, inserido na ruína, foi modificado a nível das suas proporções. Isto aconteceu, devido aos alinhamentos e também em termos de módulos no seu interior.

Havendo esta mudança de proporções, também os espaços se tiveram de alterar, principalmente os mais limitados como é caso de: os espaços de armazenamento, a

parte da cocção e preparação das refeições e as casas de banho.

Nesta proposta, foi feita a alteração do momento de entrada de serviço, conseguindo agora comunicar com todas as partes direcionadas aos funcionários. O espaço de despensa e refrigeração, têm uma entrada singular, para cargas e descargas.

O bar consegue comunicar com a cozinha de preparação, com a copa e, ao mesmo tempo, com o espaço de refeição – fazendo um circuito de prato limpo e sujo – como é pedido.

Ao mesmo tempo, a sala de refeições tem acesso ao exterior e também uma casa de banho pública.

- 5- O edifício novo, paralelo à ruína, também sofreu alterações por consequência do fraco momento de chegada que continha anteriormente.

Neste ponto do projeto, os tanques, os balneários e o ginásio mantiveram-se. O gabinete médico diminuiu, para dar lugar a uma entrada no edifício mais ampla e espaçosa.

No exterior do edifício, foi adicionado uma espécie de “pala”, a Norte e Sul da construção, para que o sol se mostrasse menos intenso no interior do edifício.

- 6- No cais, os elementos foram simplificados. Houve a substituição da plataforma complexa, para uma plataforma única e extensa. A plataforma atual contém uma rampa de acesso a meio dos dois edifícios e uma outra que liga a plataforma ao rio.

As construções no cais albergam um volume relativo ao armazém e um outro que alberga: a cafetaria, casas de banho e balneários.

- 7- O espaço exterior do terreno foi alterado com vista nas últimas críticas.

Foi criado um espaço mais amplo no centro das edificações – criando uma praça que une as construções.

O espaço de parque de estacionamento público foi alterado e ampliado, com um espaço de manobra maior, contando agora com um estacionamento reservado a cargas e descargas.

A rua, para o transporte dos barcos, foi ampliada, criando um parque maior e direcionada para a limpeza de barcos e para a implantação de alguns dispositivos que alimentam o edifício como é o caso das UTAS.

Os espaços verdes foram mais valorizados, principalmente, na ruína e no parque de estacionamento público.

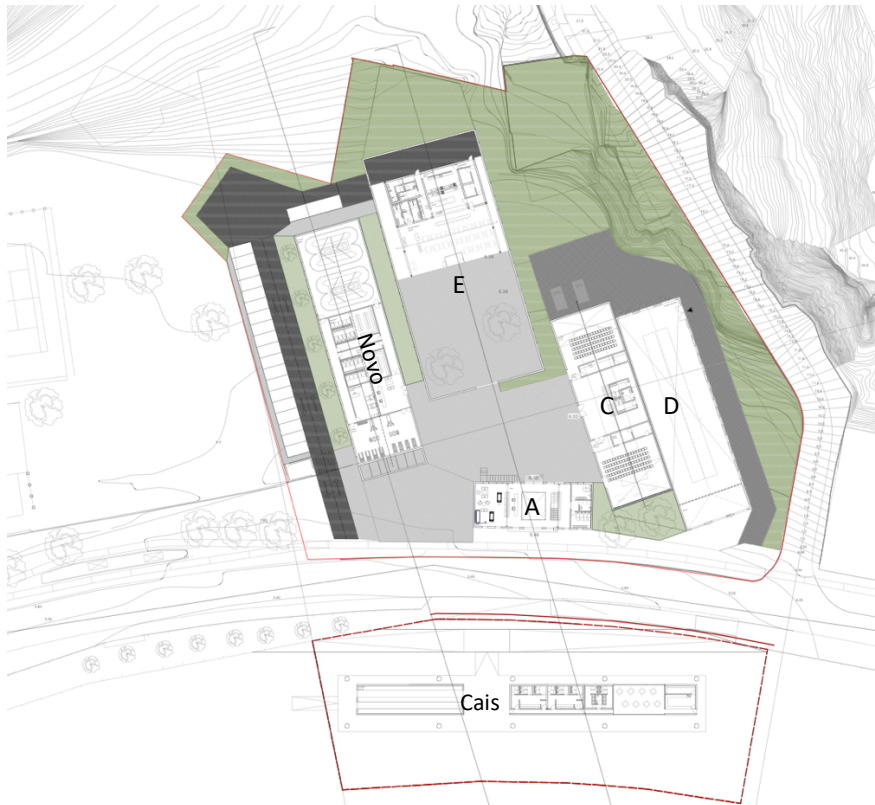


Figura 91- Planta piso 0 – 5ª proposta (fonte: autora)

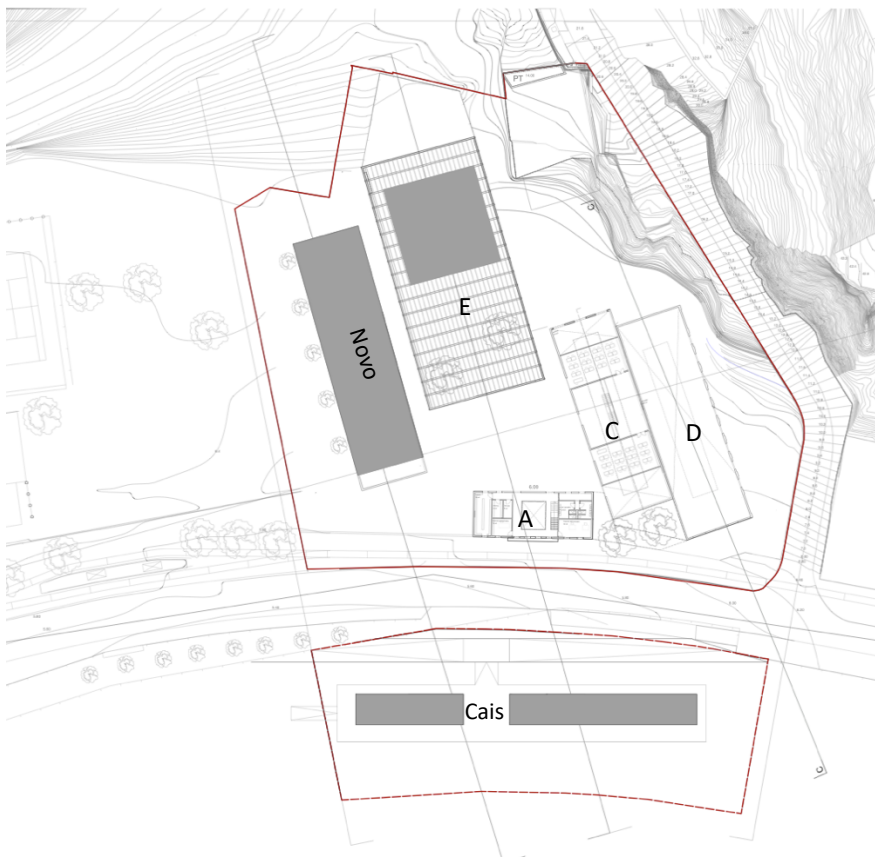


Figura 92- Planta piso 1 – 5ª proposta (fonte: autora)

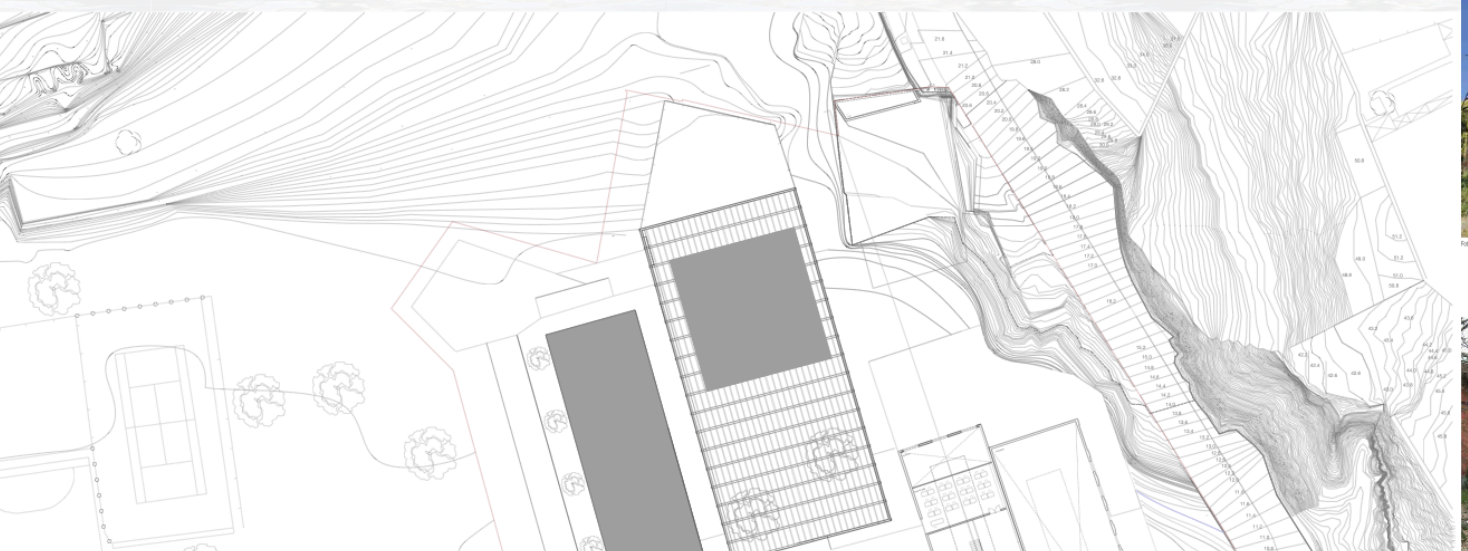
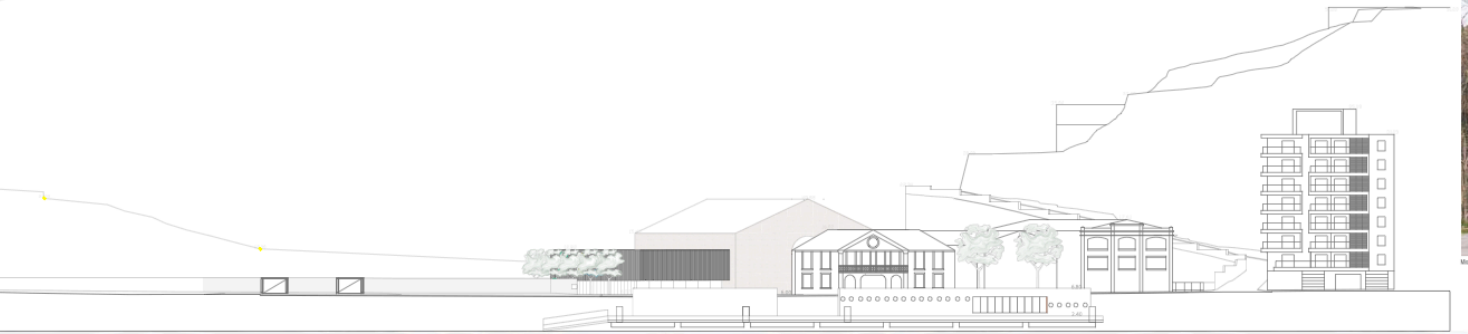


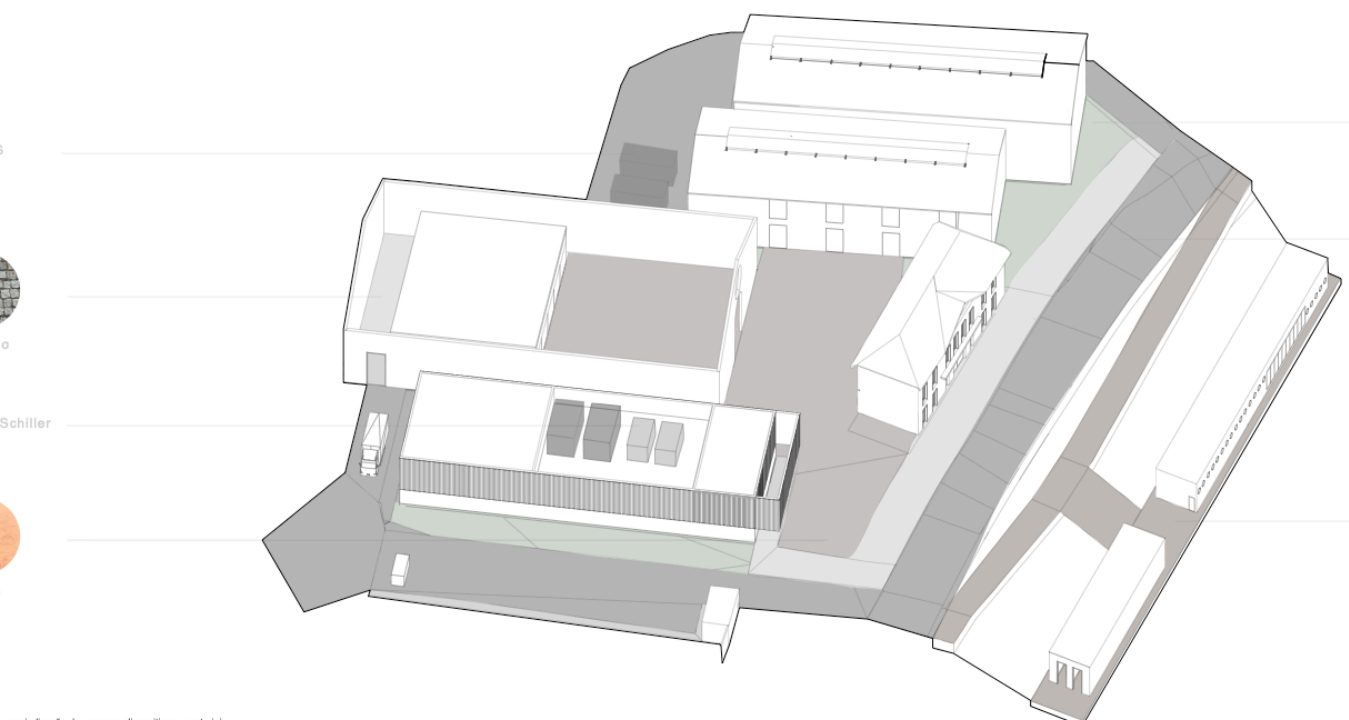
Figura 93- Fotografia da maquete – 5ª proposta

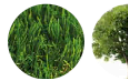




Figura 94- Fotografia da maquete – com cais - 5ª proposta

4.3 Peças desenhadas



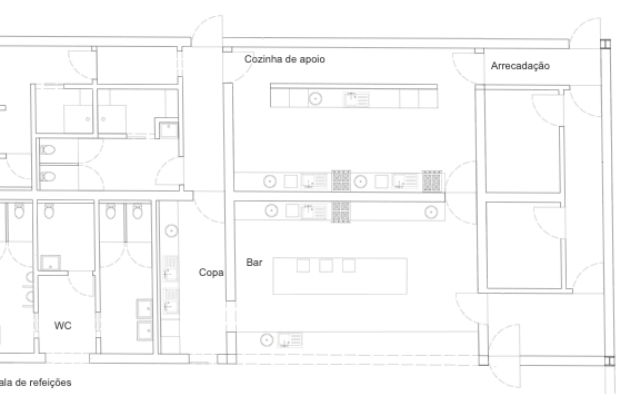


-  Relva e árvores
-  Asfalto
-  Deck de madeira

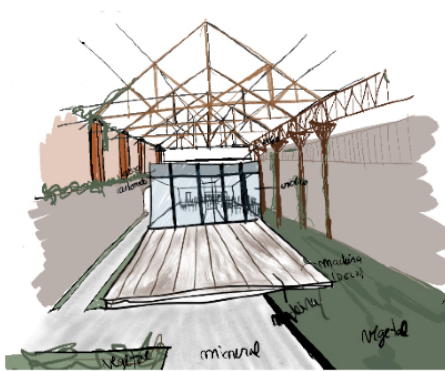
com indicação de espaços, dispositivos e materiais



ligião de fotografias da maquete



ala de refeições

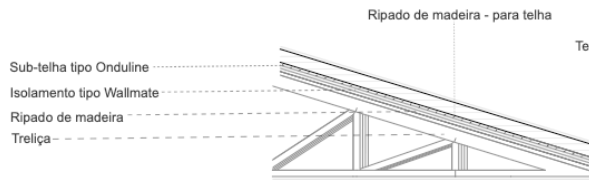
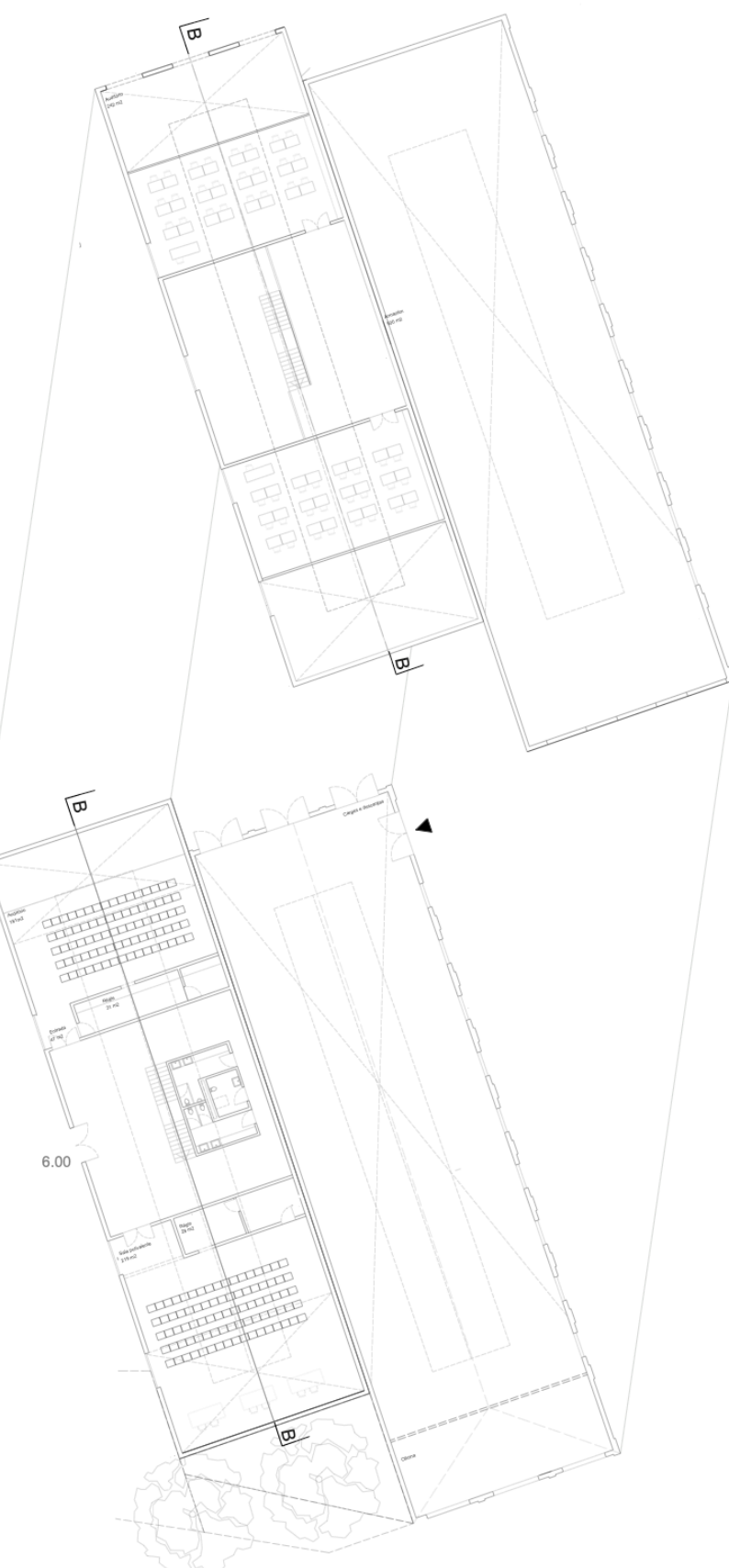


Esquisso de processo de trabalho

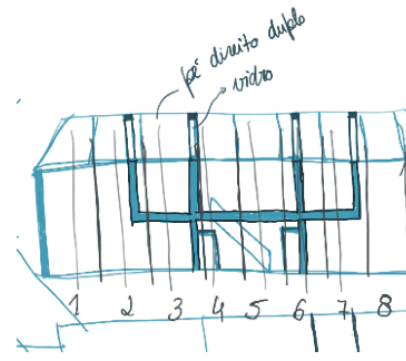
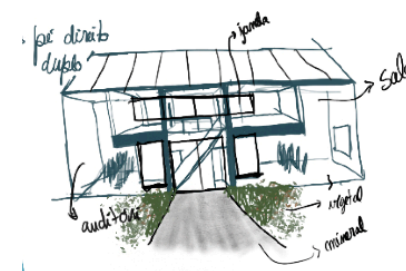


Indicação do restaurante na planta geral do Cube de Remo

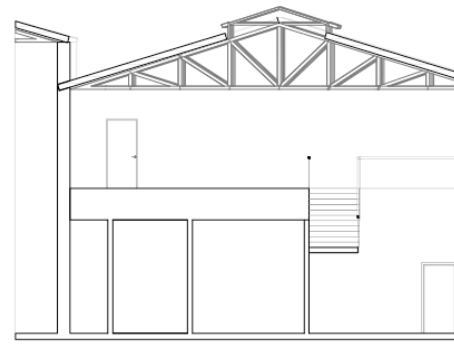




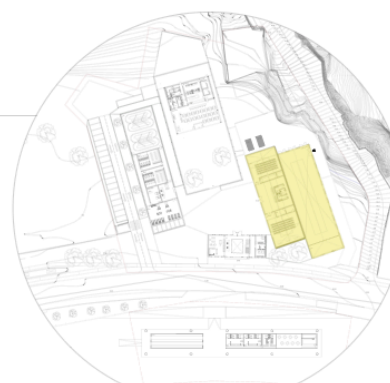
Corte pela cobertura
Esc: 1/5



Esquissos de traço



Corte pelo o edifício
-Sala polivalente e





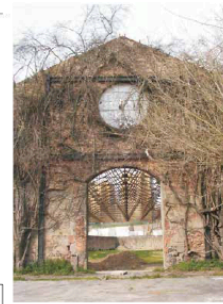
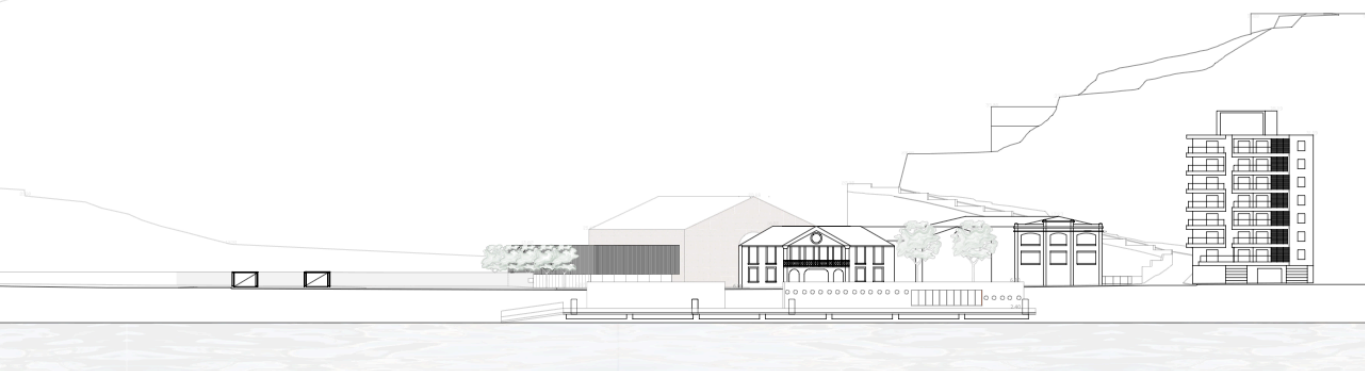
Fotografia do autor



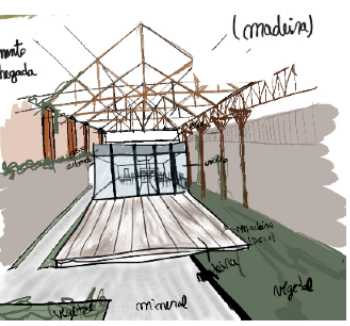
Fotografia do autor



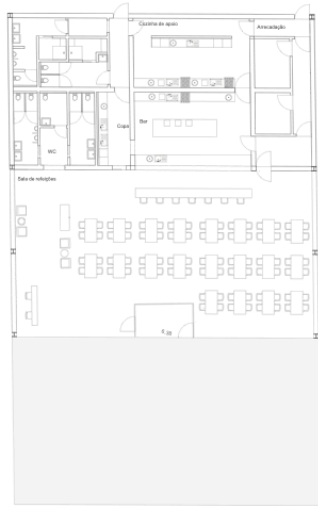
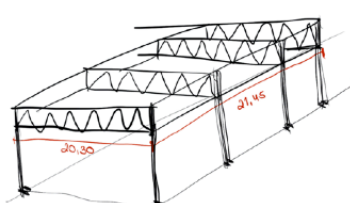
Fotografia de Carl Lina



Marcelo Perazzo Centro empresarial de qualidade - habitação de elite (tubo de 20')



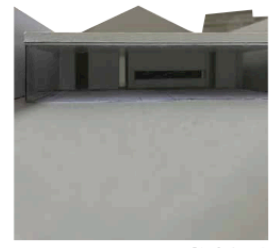
Etapa do processo de trabalho



Planta do restaurante Esc. 1/200



Fotografia do autor



CAPÍTULO V
CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo fundamental apresentar uma proposta para a antiga Fábrica do Ouro em Massarelos, procurando a reflexão acerca da reabilitação em edifícios industriais. Através da demonstração de importantes teorias e dois exemplos de reabilitação, aplicamos conhecimentos adquiridos na projeção de um Clube de Remo para a disciplina de projeto V. Este trabalho pretende, sobretudo, ampliar conhecimentos pessoais e consciencializar o leitor para a sensibilidade no momento de projetar numa preexistência.

Numa primeira parte, através da leitura e análise da obra de *Françoise Choay*, concluiu-se que não há uma posição singular em relação à reabilitação numa preexistência. Através do conhecimento das distintas teorias de intervenção, apresentadas pela autora, relacionamo-nos com as doutrinas de *Camillo Boito* e *Alois Riegl*. Ambos protagonizam ideias mais moderadas, em relação aos casos anteriores.

Por um lado, admiramos a consciência sensibilizadora de *Riegl*, graças à sua lista de leis. Em contrapartida, partilhamos da mesma opinião de *Boito*, em relação ao restauro e aos meios de salvaguarda, apresentados anteriormente na dissertação.

Em suma, esta obra, fez-nos concluir que não há uma resposta concreta para a reabilitação. Porém, fez-nos relacionar melhor, com um posicionamento mais respeitador da preexistência, menos intrusivo e com menor voz autoral.

Ademais, podemos constatar que não existe um final na abordagem do tema, permitindo uma constante alteração do nosso ponto de vista fase a este assunto. Se cada preexistência é diferente, o modo de intervir também poderá ser.

A leitura da obra de Maria da Luz Sampaio, permitiu-nos observar o tema da reabilitação de um prisma mais técnico e prático. Conseguimos concluir que precisamos de ser conscientes não só em relação ao edifício, mas também ao seu espólio.

Esta obra sensibilizou-nos para a presente desvalorização do tema do património industrial pelo o público em geral. Fomos alertados para a importância dos objetos encontrados *in situ* e concluímos que devemos considera-los importantes aquando de uma reabilitação.

Após uma análise detalhada dos dois casos de estudo de reabilitação com uma preexistência industrial, concluímos que ambos os exemplos foram uteis para os aspetos referenciados anteriormente no trabalho.

Numa visão mais ampla, podemos referir que o tratamento de reabilitação feito na

Casa da Arquitetura, se apresenta com valores mais cruciais.

Embora haja uma valorização da preexistência, em ambos os casos referidos anteriormente, a Fábrica de *Ca L'Alie*, privilegia a articulação com outros temas, como é o caso da valorização tecnológica. Os arquitetos sobrepõem, algumas vezes, esta temática em detrimento do valor da pré-existência.

Através do conhecimento obtido nesta investigação, em conjunto com a análise de dois casos de estudo, foi possível a realização de um projeto de reabilitação num edifício industrial.

Nesta dissertação foram apresentadas várias propostas de intervenção, tendo sido implementado, na solução final, a última proposta.

A resposta ao projeto no Clube de Remo, foi alcançada através da valorização e do respeito da preexistência, com o cuidado de considerar os edifícios mais antigos, desvalorizando as construções anexas à *posteriori*. A postura adotada na reabilitação tenta ser, ao máximo, silenciada.

Por imposição de programa, houve a necessidade de criar novas construções. Procuramos responder a esta exigência através de uma postura que coadunasse com as preexistências, correspondendo, ao mesmo tempo, a uma resposta contemporânea.

Concluimos assim que o projeto da antiga Fábrica do Ouro alicerçou-se numa postura de reabilitação e valorização das preexistências.

Em suma, esta dissertação, procurou aferir o significado de reabilitação, respondendo à questão de como intervir num espaço com uma preexistência. Este trabalho, clarificou a dúvida de como os espaços se conseguem metamorfosear à luz de uma intervenção responsável e sensível.

Este tema escolhido para concluir o percurso académico, possibilitou novas noções e enriquecimento pessoal que auxiliarão para uma futura prática e experiência da Arquitetura.

CAPÍTULO VI
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

6.1 Bibliografia

Lobo, H. (1985). “A arte e a revolução industrial nos séculos XVIII e XIX”, Coleção Movimento. Nº37. Lisboa: Livros Horizonte. Consultado em 8 de Abril de 2022

Ferreira, C. A. (1972). “A importância da arquitetura industrial na Prevenção”. A Prevenção e o Desenvolvimento Industrial . Lisboa. Consultado em 3 de Abril de 2022

Kong, M. (2013). “Central Tejo - Uma abordagem à arquitetura industrial”. Lisboa: Insidecity, Lda. Obtido em 13 de Maio de 2022

Hobsbawm, E. (2000) “Da revolução industrial inglesa ao imperialismo”. São Paulo: Editora Forense Universitária. Consultado em 8 de Abril de 2022

Neves, J. (2015) “O impacte da terceira revolução industrial num processo fabril – o caso da boa safra”. FEUP – Faculdade de Engenharia Universidade do Porto. Consultado em 8 de Abril de 2022

Goitia, J., Magro, A. (1998) “Grande história universal – O mundo napoleónico; A revolução industrial”. Alfragide: Ediclube. Consultado em 25 de Maio de 2022

Takahashi, Beatriz (2019) “Arquitectura em *vão* – Estágio na Casa da Arquitectura (Matosinhos)” FLUP – Faculdade de Letras da Universidade do Porto Consultado em 9 de Junho de 2022

Miranda, Fernando (2016) “Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro” FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Consultado em 22 de Fevereiro de 2022

Rossi, Aldo (2001) “A arquitetura da Cidade” Lisboa, Edições Cosmos. Consultado em 26 de Setembro de 2022

Maculan, Michela (2017) “Reabilitação de património industrial no Alto Vicentino – do percurso de arqueologia industrial à intervenção no *Lanificio Ferrarin*” FAUP – Faculdade de Arquitectura Universidade do Porto. Consultado em 4 de Julho de 2022

Matos, Ana Cardoso de; Sales, Telma Bessa (2018) “Conversando sobre Património Industrial e outras histórias: palavras, espaços e imagens” Campus de Betânia – Sobral: Edições UVA. Consultado em 1 de Abril de 2022

Luís, Ana Rita Rosa (2016) “A arquitetura no espaço agrícola: Intervenção na Quinta da Mesquita” FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Consultado em 7 de Julho de 2022

Francisco, Miguel (2021) “O património industrial do rio Nabão: Contributo para a salvaguarda da antiga Fábrica de Fiação de Tomar” FAUP – Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Consultado em 25 de Fevereiro de 2022

Viollet-Le-Duc, Eugène-Emmanuel (2000) “Restauração”, vol 1, Coleção Artes e Ofícios, São Paulo: Editora Ateliê. Consultado em 15 de Junho de 2022

Ruskin, John (1956) ”The seven lamps of architecture” Londres. Consultado em 20 de Junho de 2022

Boito, Camilo (1883) “Congresso dos Engenheiros e Arquitectos Italianos” Consultado em 14 de Julho de 2022

Choay, Françoise (1925) “As questões do património”, Lisboa: Edições 70. Consultado em 23 de Agosto de 2022

Choay, Françoise (1999) “A alegoria do património”, Lisboa: Edições 70. Consultado em 11 de Agosto de 2022

Rodrigues, Rui Calejo; Rocha, Patricia; Póvoas, Rui; Ramos, Rui; Ferreira, Teresa Cunha (2017) “Saber manter os edifícios – Pensar, desenhar, construir”, Porto: Edições Afrontamento. Consultado em 24 de Maio de 2022

Custódio, Jorge (jan./jun. 2017) “Políticas públicas para a salvaguarda e conservação do Património Industrial – Omissão ou desconsideração?”, P&C 62. Consultado em 12 de Julho de 2022

Ruskin, John (2008) “The lamp of memory” Londres, Penguin books Ltd. Consultado em 10 de Agosto de 2022

Coutinho, Andreia Sofia Canetas (2009) “Património (In)tocável” FCTUC – Faculdade de Ciências e tecnologia da universidade de Coimbra – departamento de arquitetura. Consultado em 18 de Agosto de 2022

Costa, Tiago Filipe Mavigné de Sousa Nunes da (2011) “Património industrial português da época do movimento moderno – das experiências modernistas às novas necessidades contemporâneas” FCTUC – Faculdade de Ciências e tecnologia da universidade de Coimbra – departamento de arquitetura. Consultado em 29 de Agosto de 2022

Ariza, Sila Alarcón (2022) “*Estudio de cuatro tipologias de rehabilitación y reutilización de edificios industriales em Barcelona*” ETSAB – Escola Superior d’Arquitectura de Barcelona; UPC – Universitat Politècnica de Catalunya. Consultado em 15 de Junho de 2022

Turégano, Patricia Gómez (2011) “*Adaptación y cambio de uso Fábrica “Ca Alier” A um recinto de vivendas tipo duplex y loft*” ETSAB – Escola Superior d’Arquitectura de Barcelona; UPC – Universitat Politècnica de Catalunya. Consultado em 6 de Julho de 2022

Garrell, Anna Viñals (2015) “*Ca l’Alier: centre de formació i recerca*” ETSAB – Escola Superior d’Arquitectura de Barcelona. Consultado em 12 de Setembro de 2022

Lopes, Alice Peixoto (2019) “*Casa da Arquitectura – Centro Português de Arquitectura Coleção, Arquivo e Exposição*” FBAUP – Faculdade de Belas Artes Universidade do Porto. Consultado em 22 de Julho de 2022

Artázcoz Garcia, Xabier (2009) “*Ca l’Alier : fábrica permanente de producción temporal*” ETSAB – Escola Superior d’Arquitectura de Barcelona; UPC – Universitat Politècnica de Catalunya. Consultado em 2 de Agosto de 2022

6.2 Webgrafia

<https://www.wook.pt/autor/francoise-choay/26000> visitado pela última vez dia 28 de Setembro de 2022 às 13:15

<https://www.wook.pt/autor/john-ruskin/44233> visitado pela última vez dia 30 de Setembro de 2022 às 17:11

<https://www.ebad.info/ruskin-john> visitado pela última vez dia 30 de Setembro de 2022 às 17:15

<https://www.e-cultura.pt/efemeride/312> visitado pela última vez dia 30 de Setembro de 2022 às 17:19

<https://vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/08.086/3049> visitado pela última vez dia 30 de Setembro de 2022 às 21:08

<https://www.almedina.net/autor/alois-riegl-1564157646> visitado pela última vez dia 2 de Outubro de 2022 às 20:40

<https://www.trenfo.com/pt/historia-pt/biografias-pt/georges-eugene-haussmann-6> visitado pela última vez dia 3 de Outubro de 2022 às 08:42

<https://upcommons.upc.edu> visitado pela última vez dia 13 de Outubro de 2022 às 13:16

<http://cargocollective.com/lledogas/Centro-de-intercambio-artistico> visitado pela última vez dia 13 de Outubro de 2022 às 13:48

<https://bithabitat.barcelona/ca-lalier/> visitado pela última vez dia 18 de Outubro de 2022 às 18:13

<https://amarq.net/ca/portfolio/antiga-fabrica-ca-lalier/> visitado pela última vez dia 18 de Outubro de 2022 às 18:13

<https://www.almedina.net/alegoria-do-patrim-nio-1563808594.html?gclid=CjwKCAjwvsqZBhAIEiwAqAHEIUE->

YP4rAaNcpj3Re3xoIbTzWDc5kbUWTmIYyCteg_rfsYJSR1hISRoCc-oQAvD_BwE
visitado pela última vez dia 26 de Outubro de 2022 às 15:15

<https://repositorio-aberto.up.pt/> visitado pela última vez dia 27 de Outubro de 2022 às 12:05

<https://recil.ensinolusofona.pt/> visitado pela última vez dia 27 de Outubro de 2022 às 12:12

ANEXOS

NOTA INTRODUTÓRIA

Para uma melhor organização e coerência, a dissertação intitulada “*Proposta para a antiga Fábrica do Ouro em Massarelos – Reflexão acerca da reabilitação de edifícios industriais*”, é dividida em duas partes – dissertação e anexos.

O presente documento é composto por figuras complementares à dissertação e está dividido em quatro partes: Fábrica do Ouro; Fábrica Ca L’Alier; Casa da Arquitetura e Clube de Remo.

Este anexo é composto por: plantas, fotografias, esquiços, páginas de jornais e revistas.

ÍNDICE DE FIGURAS - ANEXOS

Anexo 1: Planta Central do Ouro (1908)	8
Fonte: http://portoarc.blogspot.com/2016/07/companhia-do-gas-e-companhia-de-luz.html 30/10/22	
Anexo 2: Planta Central do Ouro (1908)	9
Fonte: http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2011/01/fabrica-do-gas-cidade-do-porto.html 30/10/22	
Anexo 3: Companhia do gás	9
Fonte: http://monumentosdesaparecidos.blogspot.com/2011/01/fabrica-do-gas-cidade-do-porto.html 30/10/22	
Anexo 4: Fotografia do rio e da Central do Ouro	9
Fonte: http://portoarc.blogspot.com/2016/07/companhia-do-gas-e-companhia-de-luz.html 30/10/22	
Anexo 5: Corte e planta de um dos edifícios da Fábrica do Ouro	10
Fonte: Miranda, Fernando (2016) " <i>Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro</i> " p. 198	
Anexo 6: Vista da margem de Gaia para a margem do Porto – estado atual da Fábrica do Ouro	11
Fonte: Autora	
Anexo 7: Fotografia do estado atual	11
Fonte: Luís Lima	
Anexo 8: Interior da ruína	12
Fonte: Miranda, Fernando (2016) " <i>Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro</i> " p. 209	
Anexo 9: Treliças	13
Fonte: Miranda, Fernando (2016) " <i>Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro</i> " p. 209	
Anexo 10: Vista geral da pré-existência	13
Fonte: Miranda, Fernando (2016) " <i>Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro</i> " p. 209	
Anexo 11: Materialidade da pré-existência	13
Fonte: Miranda, Fernando (2016) " <i>Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro</i> " p. 209	
Anexo 12: Interior de uma das naves (situação atual)	14
Fonte: Miranda, Fernando (2016) " <i>Centro contemporâneo de arquitetura – reabilitação da antiga fábrica do Ouro</i> " p. 208	
Anexo 13: Fachada atual	15
Fonte: Autora	
Anexo 14: Fábrica do Ouro e rua	16
Fonte: Autora	
Anexo 15: Vista da ruína (exterior)	16
Fonte: Luís Lima	
Anexo 16: Fachada de um dos volumes	17
Fonte: Autora	

Anexo 17: Pormenor do óculo da ruína (exterior)	18
Fonte: Autora	
Anexo 18: Folha de jornal sobre a família <i>Alier</i>	20
Fonte: https://cloud10.todocoleccion.online/coleccionismo-revistas-periodicos/tc/2020/02/17/19/194330641.jpg 23/09/22	
Anexo 19: Imagem retirada do projeto académico intitulado “ <i>Ca l’Alier: centre de formació i recerca</i> ”	21
Fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) “ <i>Ca l’Alier: centre de formació i recerca</i> ” ETSAB – Escola Superior d’Arquitectura de Barcelona	
Anexo 20: Imagem retirada do projeto académico intitulado “ <i>Ca l’Alier: centre de formació i recerca</i> ”	22
Fonte: Julià Xercavins, Carla (2011) “Escola d’Arts Escèniques a l’antiga fàbrica de Pedro Alier: Poblenou, Barcelona” ETSAV	
Anexo 21: Painel retirado do projeto académico intitulado “ <i>Ca l’Alier: centre de formació i recerca</i> ”	23
Fonte: Garrell, Anna Viñals (2015) “ <i>Ca l’Alier: centre de formació i recerca</i> ” ETSAB – Escola Superior d’Arquitectura de Barcelona	
Anexo 22: Imagem retirada do site RIARTE	24
Fonte: https://www.riarte.es 30/10/22	
Anexo 23: Página retirada do site RIARTE	25
Fonte: https://www.riarte.es 30/10/22	
Anexo 24: Imagem do interior	26
Fonte: https://www.riarte.es 30/10/22	
Anexo 25: Imagem da fachada	26
Fonte: https://www.riarte.es 30/10/22	
Anexo 26: Imagem do interior antes da reabilitação	26
Fonte: https://www.riarte.es 30/10/22	
Anexo 27: Fotografia das traseiras do edifício	27
Fonte: https://www.riarte.es 30/10/22	
Anexo 28: Imagem da fachada da ruína	27
Fonte: https://www.48hopenhousebarcelona.org/wp-content/uploads/2020/10/ca-alier-03.jpg 08/06/22	
Anexo 29: Cartoon sobre a reabilitação da fábrica de Ca L’Alier	28
Fonte: https://estaticos-cdn.elperiodico.com/clip/308f7523-7baf-4c38-b9f8-1a743bdc3c05_alta-libre-aspect-ratio_default_0.jpg 16/05/22	
Anexo 30: Imagem da Real Companhia Vinícola Portuguesa	30
Fonte: https://www.flickr.com/photos/zerrodrigues/20482230339	
Anexo 31: Edifício da Real Vinícola Portuguesa no site SIPA	31
Fonte: http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4967 19/04/22	
Anexo 32: Janelas	32
Fonte: SIPA http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4967 19/04/22	
Anexo 33: Entrada	32

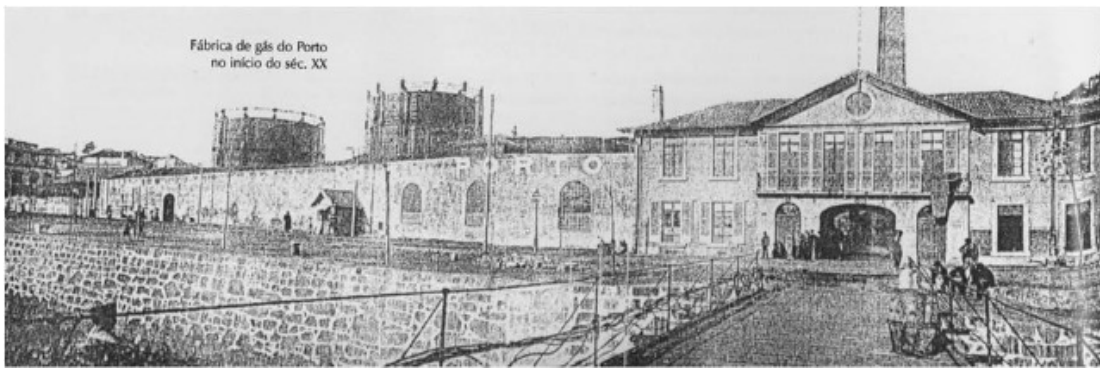
Fonte: SIPA	
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4967	
19/04/22	
Anexo 34: Interior do quarteirão	33
Fonte: SIPA	
http://www.monumentos.gov.pt/Site/APP_PagesUser/SIPA.aspx?id=4967	
19/04/22	
Anexo 34: Entrada da Casa da Arquitetura	34
Fonte: Autora	
Anexo 35: Entrada do quarteirão – Casa da Arquitetura	35
Fonte: Autora	
Anexo 36: Fotografia de uma planta informativa	36
Fonte: Autora	
Anexo 37: Rampa de acesso à loja	37
Fonte: Autora	
Anexo 38: Imagem no interior das escadas	38
Fonte: Autora	
Anexo 39: Fotografia das janelas circulares das escadas	3
Fonte: Autora	
Anexo 40: Interior da nave expositiva	40
Fonte: Autora	
Anexo 41: Treliças da Nave	41
Fonte: Autora	
Anexo 42: Pormenor	42
Fonte: Autora	
Anexo 43: Pormenor da nave	42
Fonte: Autora	
Anexo 44: Esboço de espaços	44
Fonte: Autora	
Anexo 45: Primeiros esboços de definição de programa	45
Fonte: Autora	
Anexo 46: Programa	46
Fonte: Autora	
Anexo 47: Estudo de materiais	47
Fonte: Autora	
Anexo 48: Definição de alturas (esboços)	47
Fonte: Autora	
Anexo 49: Esboço do edifício dos tanques	48
Fonte: Autora	
Anexo 50: Apontamentos e esboço de volume	48
Fonte: Autora	
Anexo 51: Páginas de esboços (volumes e interiores)	49
Fonte: Autora	
Anexo 52: Colagens de esboços e imagens de material	50
Fonte: Autora	
Anexo 53: Maquete de estudo de posição das escadas (edifício do auditório e sala polivalente)	50

Fonte: Autora	
Anexo 54: Estudo de áreas privadas e públicas	50
Fonte: Autora	
Anexo 55: Desenhos do interior do restaurante (estudos)	51
Fonte: Autora	
Anexo 56: Esboço de treliças para o restaurante	52
Fonte: Autora	
Anexo 57: Desenho do restaurante	52
Fonte: Autora	
Anexo 58: Fotografia da maquete (1)	53
Fonte: Autora	
Anexo 59: Fotografia da maquete (2)	54
Fonte: Autora	
Anexo 60: Fotografia da maquete (3)	54
Fonte: Autora	

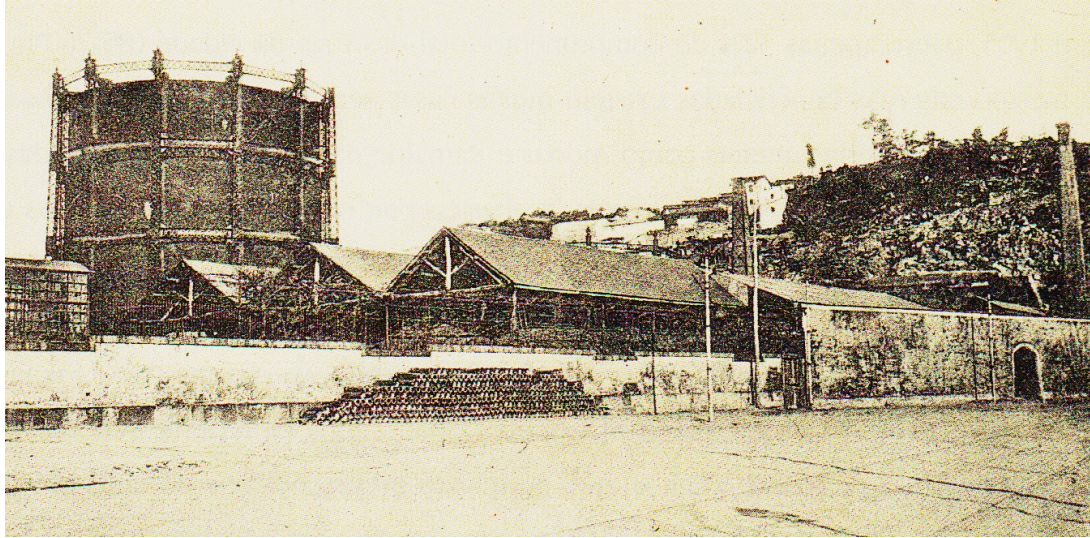
Fábrica do Ouro



Anexo 1 – Planta Central do Ouro (1908)



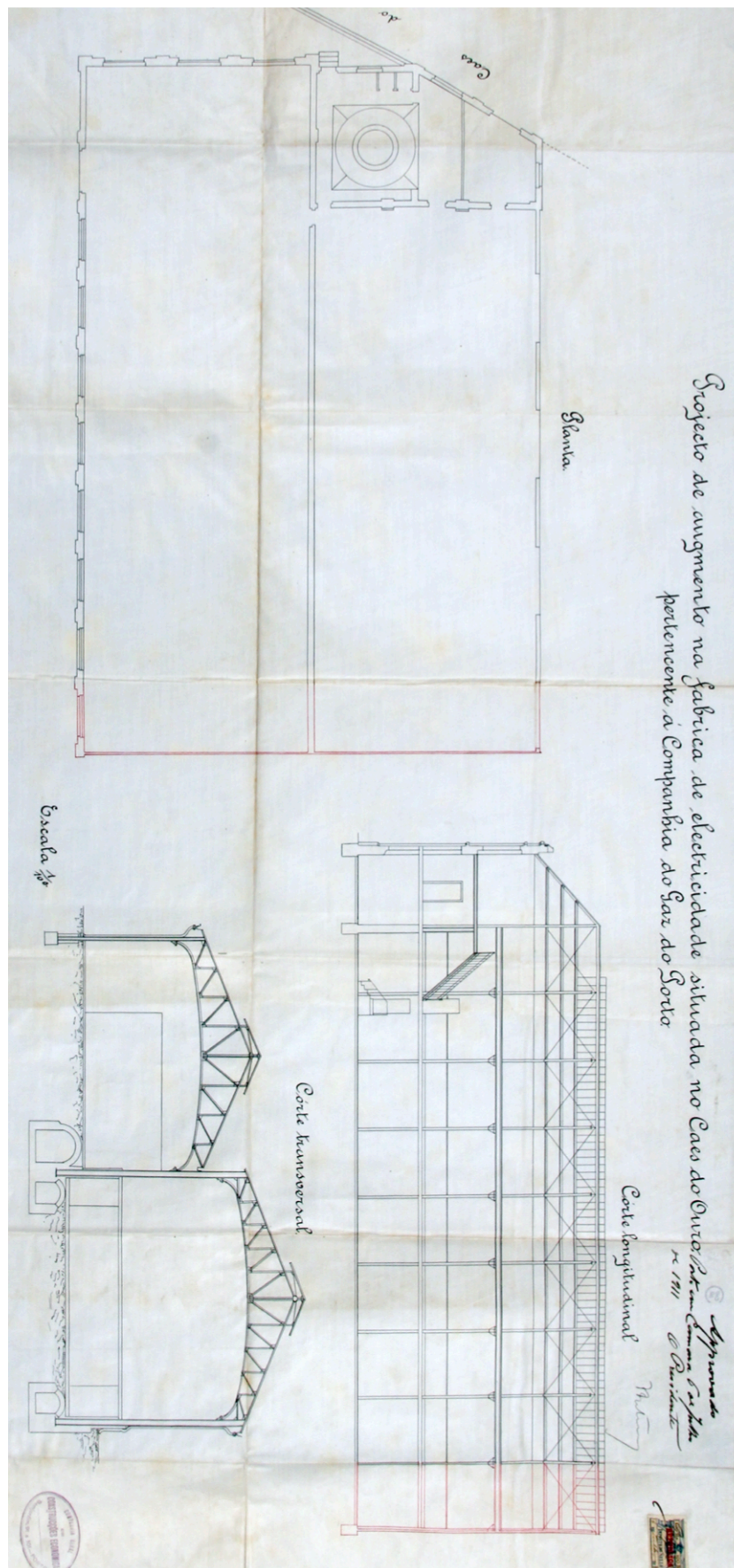
Anexo 2 – Edifício da Central com passagem para o rio



Anexo 3 – Companhia do gás



Anexo 4 – Fotografia do rio e da Central do Ouro



Anexo 5 – Corte e planta de um dos edificios da Fábrica do Ouro



Anexo 6 – Vista da margem de Gaia para a margem do Porto – estado atual da Fábrika do Ouro



Anexo 7 – Fotografia do estado atual



Anexo 8 – Interior da ruína



Anexo 9 – Treliças



Anexo 10 – Vista geral da pré-existência



Anexo 11 – Materialidade da pré-existência



Anexo 12 – Interior de uma das naves (situação atual)



Anexo 13 – Fachada atual



Anexo 14 – Fábrica do Ouro e rua



Anexo 15 – Vista da ruína (exterior)



Anexo 16 – Fachada de um dos volumes



Anexo 17 – Pormenor do óculo da ruína (exterior)

Fábrica de Ca L'Alier



Valencia.—Llegada de Pablo Iglesias, Pí y Arzuaga y Rodrigo Soriano para asistir al meeting de la Conjuración Republicano-Socialista, celebrado el domingo último en el Salón Escalante FOT. GÓMEZ DURÁN

Los funerales celebrados en la parroquia de Santa María del Mar, de Barcelona, por el alma del ilustre filántropo D. Pedro Alier y Vidal, revistieron gran solemnidad y se vieron muy concurridos, como prueba de las muchas simpatías que el finado supo granjearse en vida. El Sr. Alier fué un prestigioso industrial que estableció la primera fábrica en las poblaciones de Granollers y Capdevánol, fundando también muchas sociedades benéficas. Presidió el duelo de señoras la viuda, Excmo. Sra. D.^a Rosa Amar, delegada de la Cruz Roja, y el



D. PEDRO ALIER VIDAL
Distinguido y benemérito compatriota catalán, fundador de la industria fabril en las poblaciones de Granollers y Capdevánol, por cuyo eterno descanso se han celebrado solemnes funerales en la iglesia de Santa María del Mar, de Barcelona

de caballeros D. Pedro Alier, hijo del finado, quienes, en unión de las demás personas de la familia, recibieron sentidas muestras de pesar por parte de los asistentes al religioso acto.


Elbar ha celebrado con la solemnidad de costumbre sus tradicionales fiestas en honor de San Juan Bautista. Entre los números del programa merece reseñarse la inauguración de la lápida en honor del ilustre artista nacido en aquel pueblo D. Plácido Zuloaga, cuyo nombre adquirió fama universal, debido á sus notabilísimas obras de grabado.



Elbar.—Aspecto de la plaza de Alfonso XIII durante uno de los conciertos celebrados por la banda de Vergara, con motivo de las fiestas de San Juan, con gran brillantez



Elbar.—El alcalde D. Francisco Muñoz leyendo su discurso en el acto de la inauguración de la lápida en honor del insigne cibarés D. Plácido Zuloaga

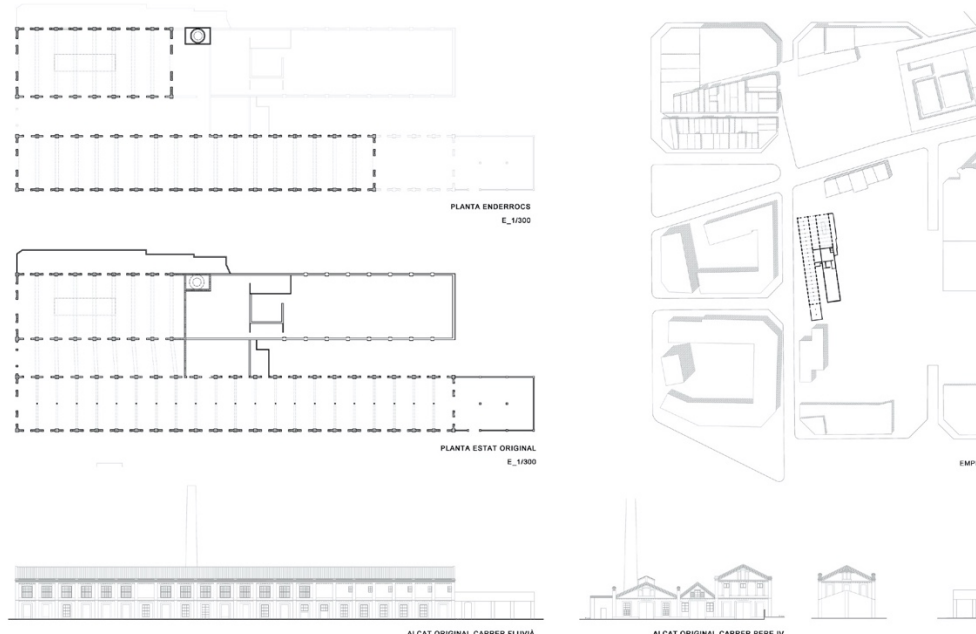
<p>1840 A propòsit de la obra de Josep Lluena, projecte per a construir una porta al recinte d'entrada a la fabrica i 2 naus. Les naus que actualment es conserven van ser construïdes cap al 1877. Les obres les va executar Francesc Salvat, el qual va signar una carta de pagament l'any 1878.</p> <p>1850</p>  <p>1850 El bon funcionament del negoci obliga, a Josep Lluena i el seu fill Joan Miquel, a ampliar-se amb un altre edifici construït per la família fora del recinte emmurallat de la ciutat al carrer Pere IV.</p>	<p>1874 Es documenten diferents expedients d'instal·lació de calderes de vapor. I el 1903 el seu propietari Avel·lí Torres Lluena sol·licita permís per a la construcció d'unes noves naus amb façana al carrer Pere IV i carrer l'any 1878.</p> <p>1903 Finalment s'enderroca gran part de la fabrica i es construeix una nova part dels naus que són dissenyats i construïts per Cristòbal de Maura i Fluvia.</p> <p>1909 La Societat formada el 1905 per Pere Allet i Vidal amb el seu curjer Josep Bonall i Gibert, compra la fabrica de Josep Lluena i s'instal·la en ella cobrint la seva fabricació a productes de la canya.</p> <p>1900 En aquest moment s'inicia un llarg procés entre la legalització de les construccions existents donada la seva manca d'ajornament amb el regne d'Espanya.</p>	<p>1911 Finalment s'enderroca gran part de la fabrica i es construeix una nova part dels naus que són dissenyats i construïts per Cristòbal de Maura i Fluvia.</p> <p>1930 L'empresa s'integra a la cooperativa nacional de teixits de jutó S.A, societat que continuarà amb la producció fins a principi de la regió Guerra Mundial l'any 1943.</p> <p>1923 El 6 d'octubre, amb la mort de Pere Allet, l'empresa passa a ser coneguda com la fabrica de saca de la vidua de Pere Allet, seguit amb la fabricació de saca i lesa de la.</p> <p>1950 La societat ATYASA d'acabats, fets i aprestos s'estableix a la fabrica.</p> <p>2005 L'any 2005 va haver-hi un incendi i la fabrica va quedar força malmesa. Actualment només resta encara el mur de maó massís, la xemena i algunes encarnallades.</p> <p>2004 Fins a aquest any part de les restes de la fabrica d'Allet van ser ocupades i llegades per una empresa dedicada a la realització de roba, sones i cromats.</p> <p>2000 Finalitza tota l'activitat industrial i la fabrica queda totalment oblidada.</p>
--	--	---



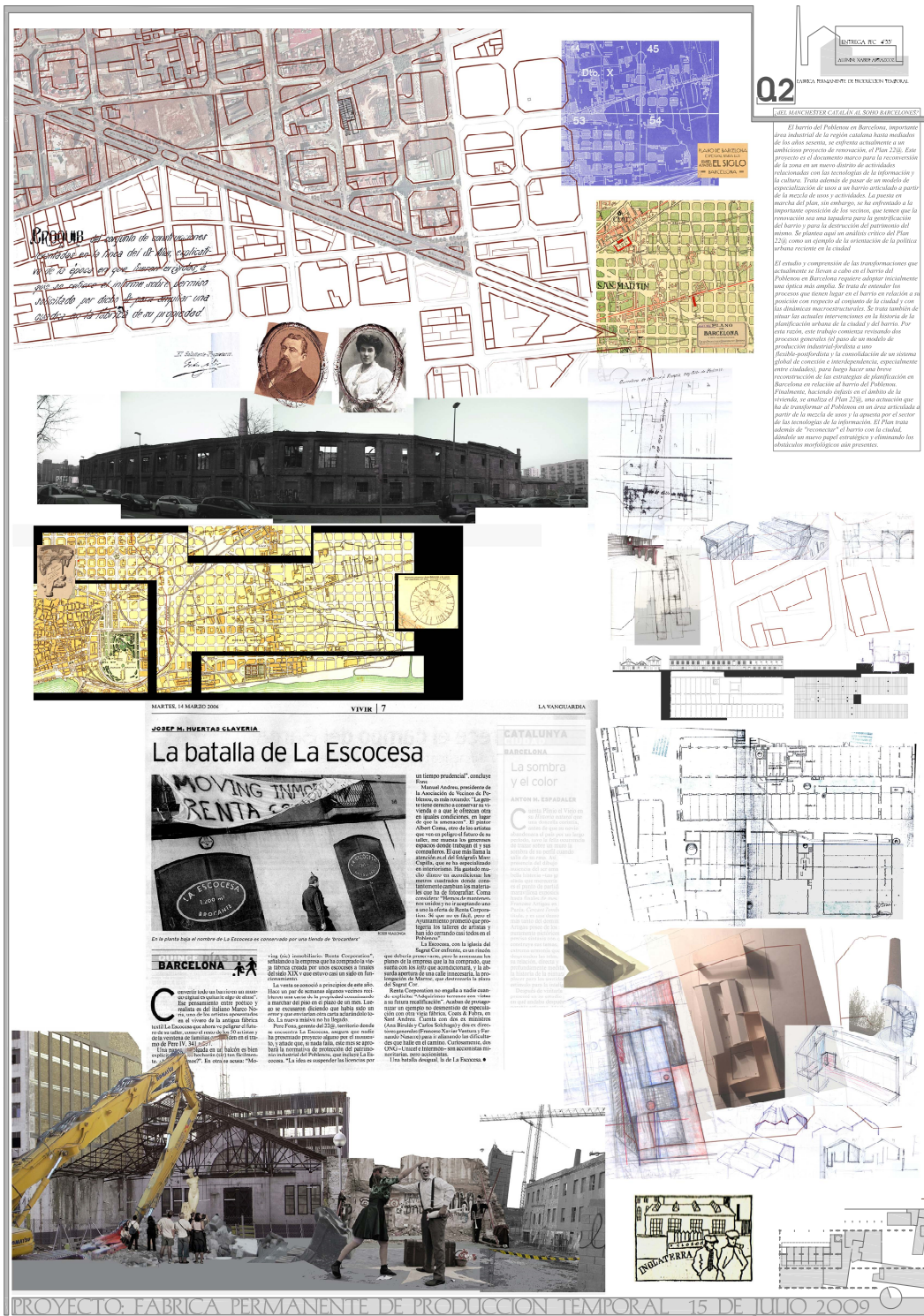
ESTIL
La fabrica segueix un model estètic anglès però amb solucions constructives i materials catalans. Cal destacar de la façana, la composició rítmica de les pilastres, l'amarcament de les obertures mitjançant l'acomodació dels brancals i les línies respectives en un pla lleugerament desplaçat del general de la façana. A la part superior de la façana hi ha 3 finestres geminades amb arc. Una línia de cornises, d'obra vista, unifica el conjunt de les tres naus, remarcant el caràcter i la voluntat unitaria de l'operació.

USOS
Nau 1, La més llarga actualment i la única amb doble alçada, és on s'hi produïa la roba de sac. La distribució rítmica de les finestres fan evident que aquesta estructura acollia la disposició dels telers, a més, pel bon funcionament, els tancaments aeren de fusta en l'interior del sac per tal de permetre la ventilació.
NAU 2, La nau central o d'entrada de magatzem i d'entrada i sortida de mercaderies, per això té la obertura més gran i superior. L'entrada principal històrica era per aquesta nau pel carrer Pere IV, on hi ha una plaça d'embarda.
NAU 3, De només planta baixa, contenia la maquinària de calderes connectades a la xemena.

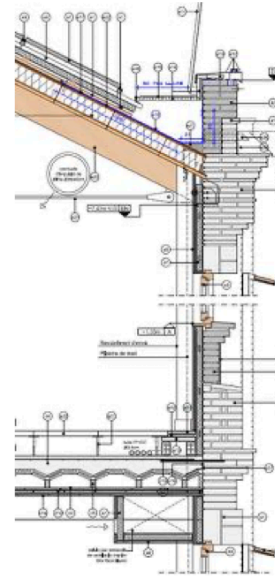
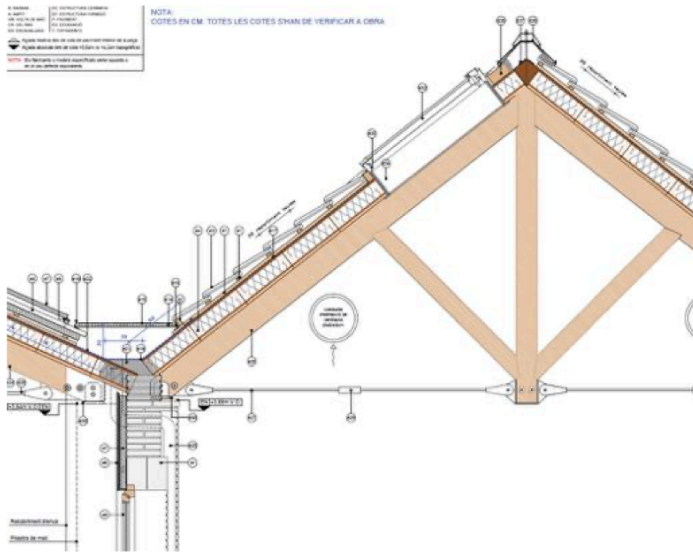
SISTEMA CONSTRUCTIU I ESTRUCTURA
Originalment l'estructura de la fabrica està conformada per una caixa de parets de maó massís d'obra vista, on es recolzen unes encarnallades que aien de fusta amb un tirant interior d'acer per a armar-les les parets. La nau 1 és la única que un tirant interior de fusta amb brancals de maó. Per disminuir la llum entre parets una fila de pilars de fusta ajuda a suportar el forjat.
La formació rítmica de pilastres visible tant des de l'exterior com des de l'interior amb mòduls cada 3,7m. Totes les cobertes són a dues vessants acobant directament la teula plantada sobre les lloses de forma visible des de l'exterior. La coberta de la nau 3 incorpora un llumant.
Actualment només es conserven les parets.



Anexo 19 – Imagem retirada do projeto acadêmico intitulado “Ca l’Alier: centre de formació i recerca”



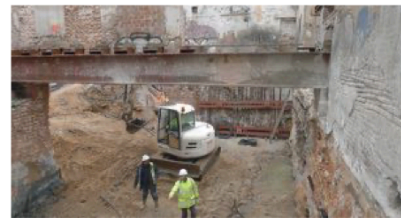
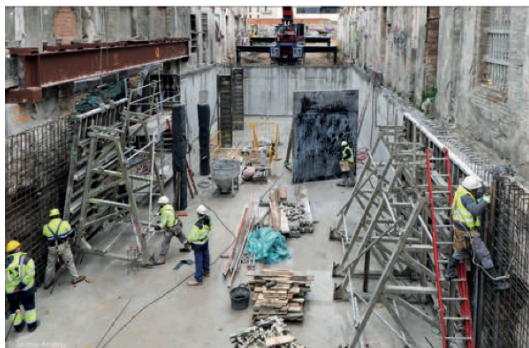
Anexo 21 – Painel retirado do projeto académico intitulado “Ca l’Alier: centre de formació i recerca”



Fressat dels fonaments originals per aconseguir un sol plànel amb el terreny consolidat



Armadura de la llosa inferior del soterrani.



Encofrats del mur del soterrani i estintolament del mur de façana per a pas de l'estructura del soterrani.

L'INFORMATIU DEL CAATEEB
Març 2020 **61**

Anexo 22 – Imagem retirada do site RIARTE

Dedicació intensa i execució impecable

L'èxit de l'edifici Ca l'Alíer es fonamenta en la dedicació, professionalitat i gestió de l'equip de *construction management* amb marca de la casa i segell QESTUDI. La implicació diària, per part de l'equip d'obra, ha garantit un resultat final de qualitat de l'edifici en tots els seus aspectes més representatius: materials i acabats, confort, funcionalitat, sostenibilitat, etc, que ha fet possible gaudir d'un edifici únic a la ciutat de Barcelona.

Tanmateix, gran part del resultat obtingut ha estat gràcies a la magnífica gestió dels diferents tècnics, dels representants de la propietat i usuaris finals i dels organismes públics. Conjuntament amb els tècnics de QESTUDI han fet possible un ambient ideal per al desenvolupament dels treballs en temps, preu i qualitat, requeriments imprescindibles per a garantir un bon resultat en un edifici de rehabilitació catalogat, com és Ca l'Alíer.

■ Correcta evolució dels treballs

QESTUDI vol remarcar la intensa dedicació que ha hagut d'implementar en aquestes obres, atès que s'han anat succeint diversos esdeveniments



Façana del carrer Pere IV abans de la rehabilitació.
A baix, imatge de l'obra finalitzada

derivats de la mateixa complexitat dels treballs i de canvis continus.

També cal fer menció especial de la importància de poder recolzar-se en el gestor, BIMSA en aquest cas i en els seus representants, cosa que ha permès focalitzar i solucionar els problemes que es generaven durant les obres amb l'agilitat i rapidesa necessàries, facilitant la correcta evolució dels treballs tant en preu, temps i qualitat, com hem esmentat abans. ■

L'autor: Albert Peñarando, arquitecte tècnic de QESTUDI





Anexo 24 – Imagem do interior



Anexo 25– Imagem da fachada



Anexo 26 – Imagem do interior antes da reabilitação



Anexo 27 – Fotografia das traseiras do edifício



Anexo 28 – Imagem da fachada da ruína



Anexo 29 – Cartoon sobre a reabilitação da fábrica de Ca L'Alier

Casa da Arquitetura



Anexo 30 – Imagem da Real Companhia Vinícola Portuguesa



Anexo 131– Edifício da Real Vinícola Portuguesa no site SIPA

SIPA FOTO.00007561



Anexo 32 – Janelas

SIPA FOTO.00007557



Anexo 33 – Entrada



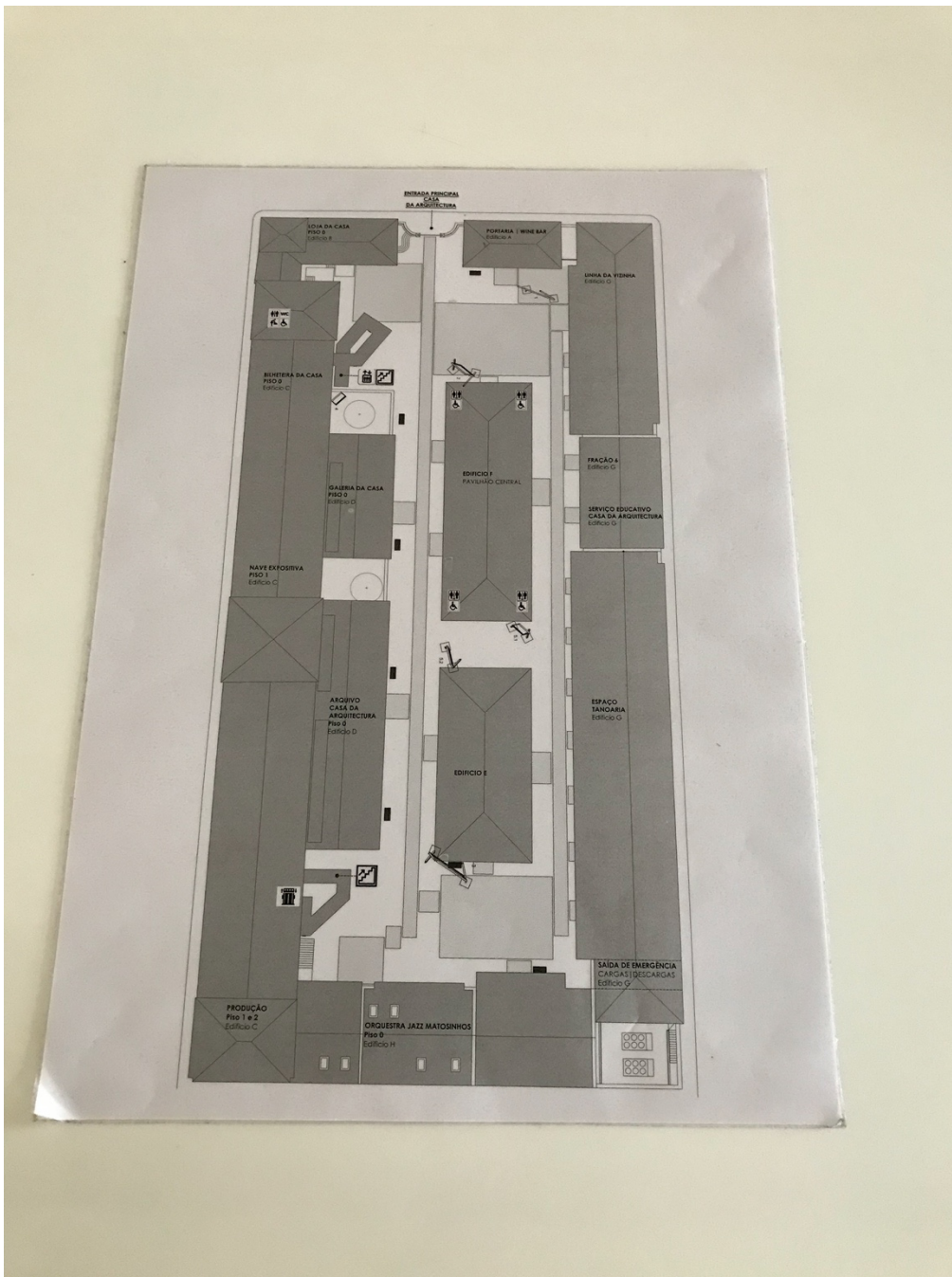
Anexo 34 – Interior do quartirão



Anexo 35 – Entrada da Casa da Arquitetura



Anexo 35 – Entrada do quartirão – Casa da Arquitetura



Anexo 36 – Fotografia de uma planta informativa



Anexo 37 – Rampa de acesso à loja



Anexo 38 – Imagem no interior das escadas



Anexo 39 – Fotografia das janelas circulares das escadas



Anexo 40 – Interior da nave expositiva



Anexo 41 – Treliças da Nave



Anexo 42 – Pormenor

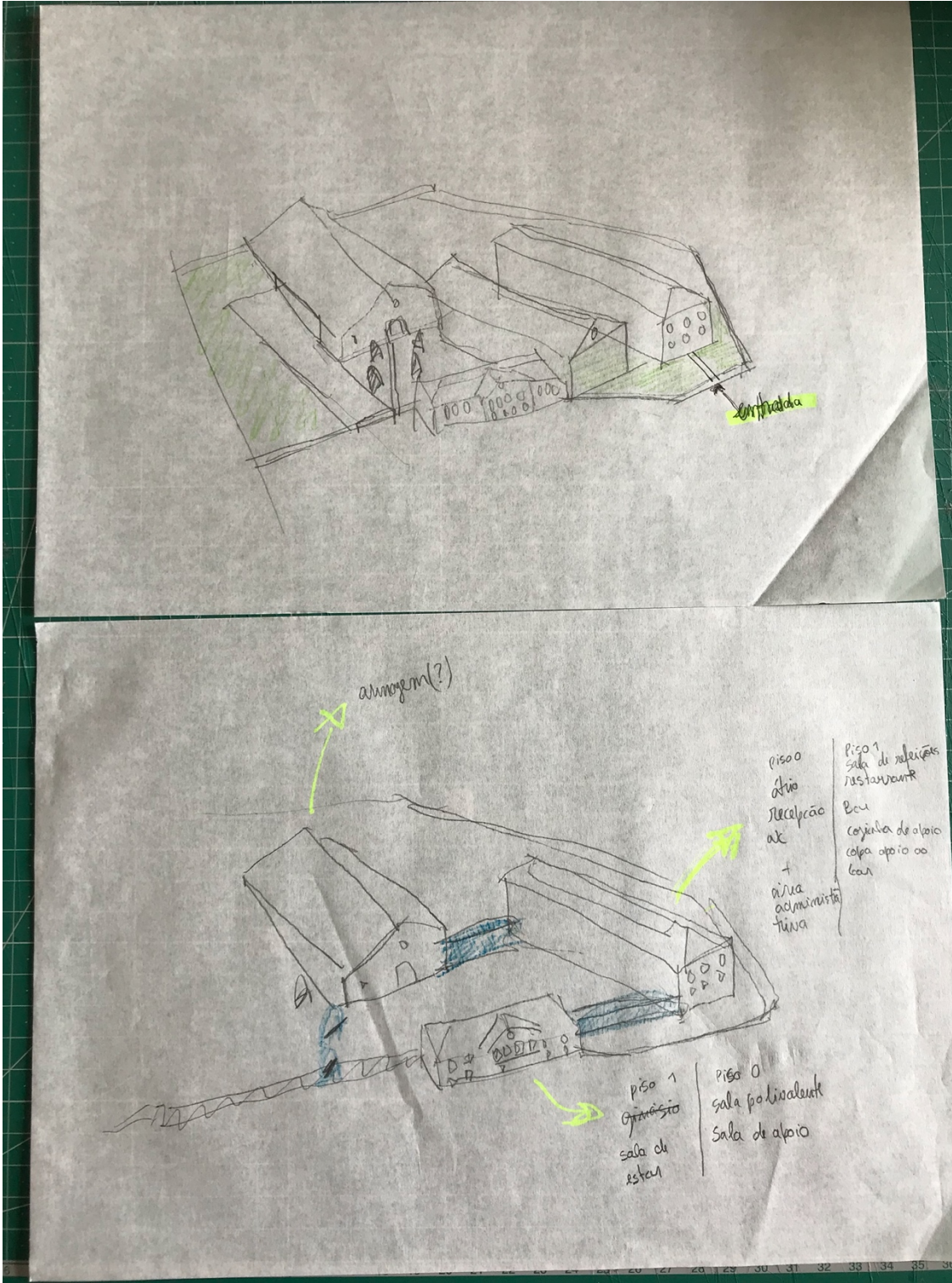


Anexo 43 – Pormenor da Nave

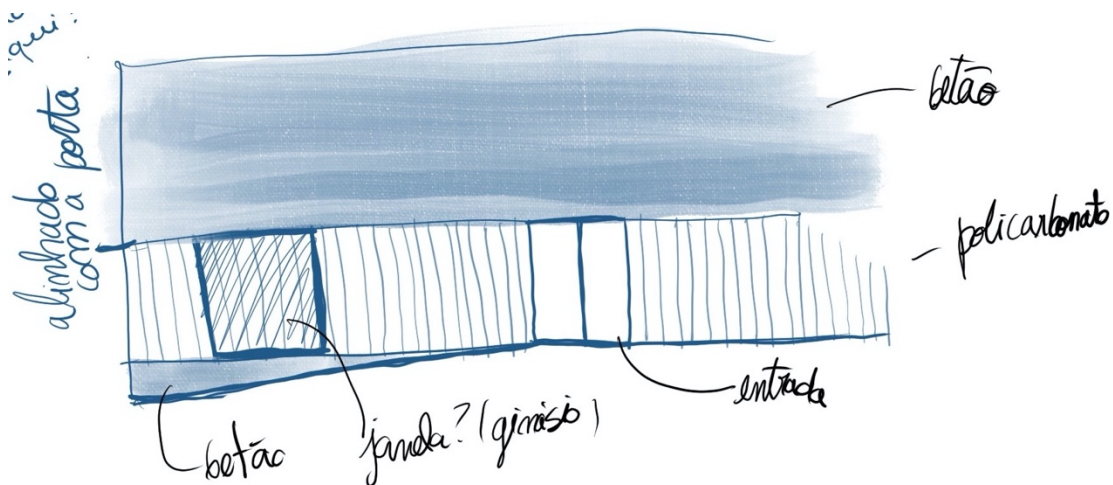
Clube de Remo



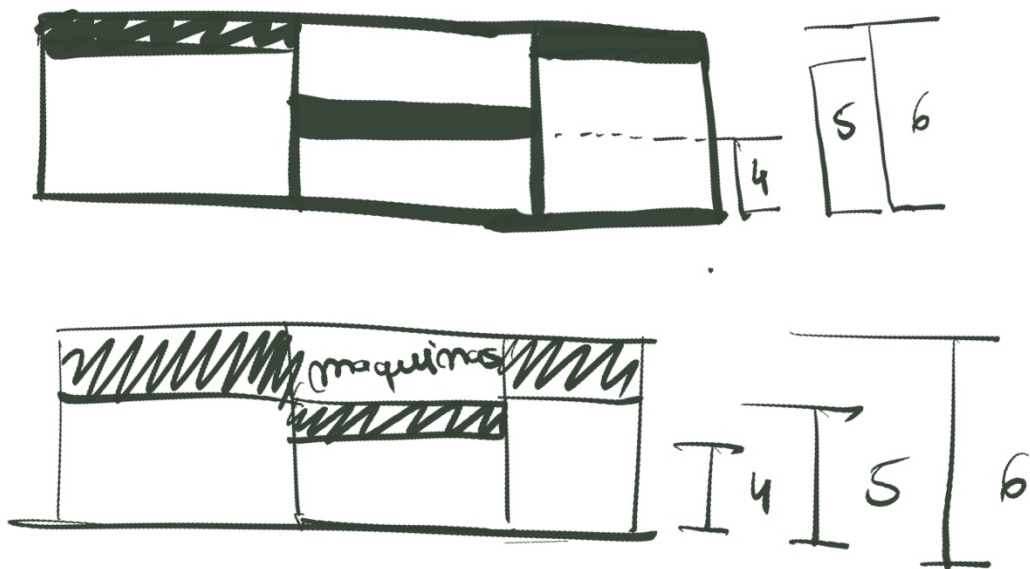
Anexo 44 – Esboço de espaços



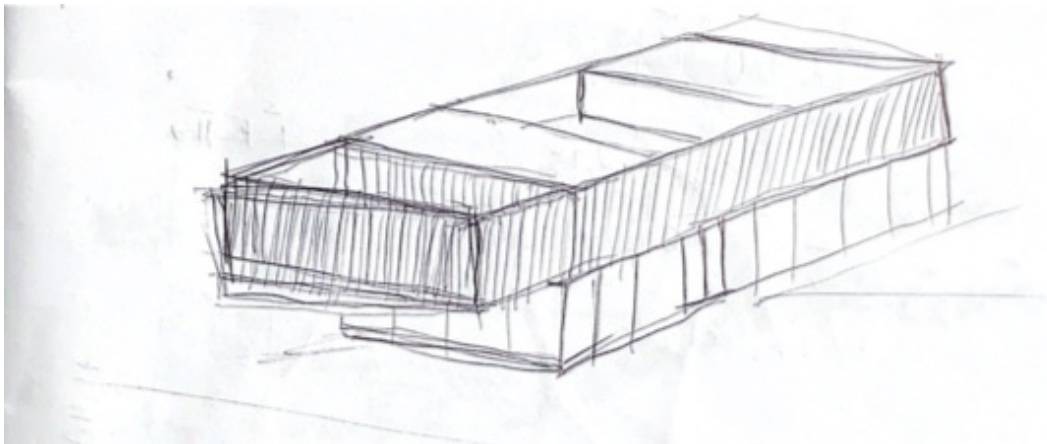
Anexo 45 – Primeiros esboços de definição de programa



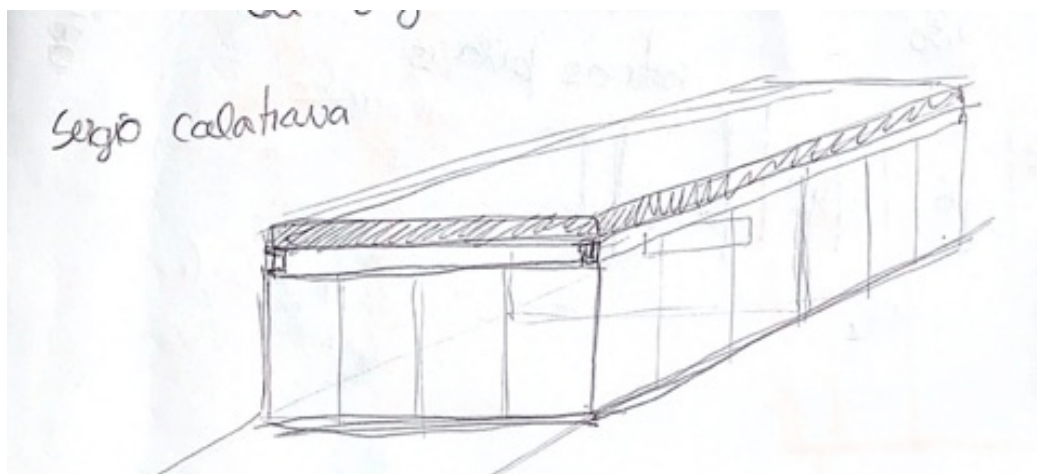
Anexo 47 – Estudo de materiais



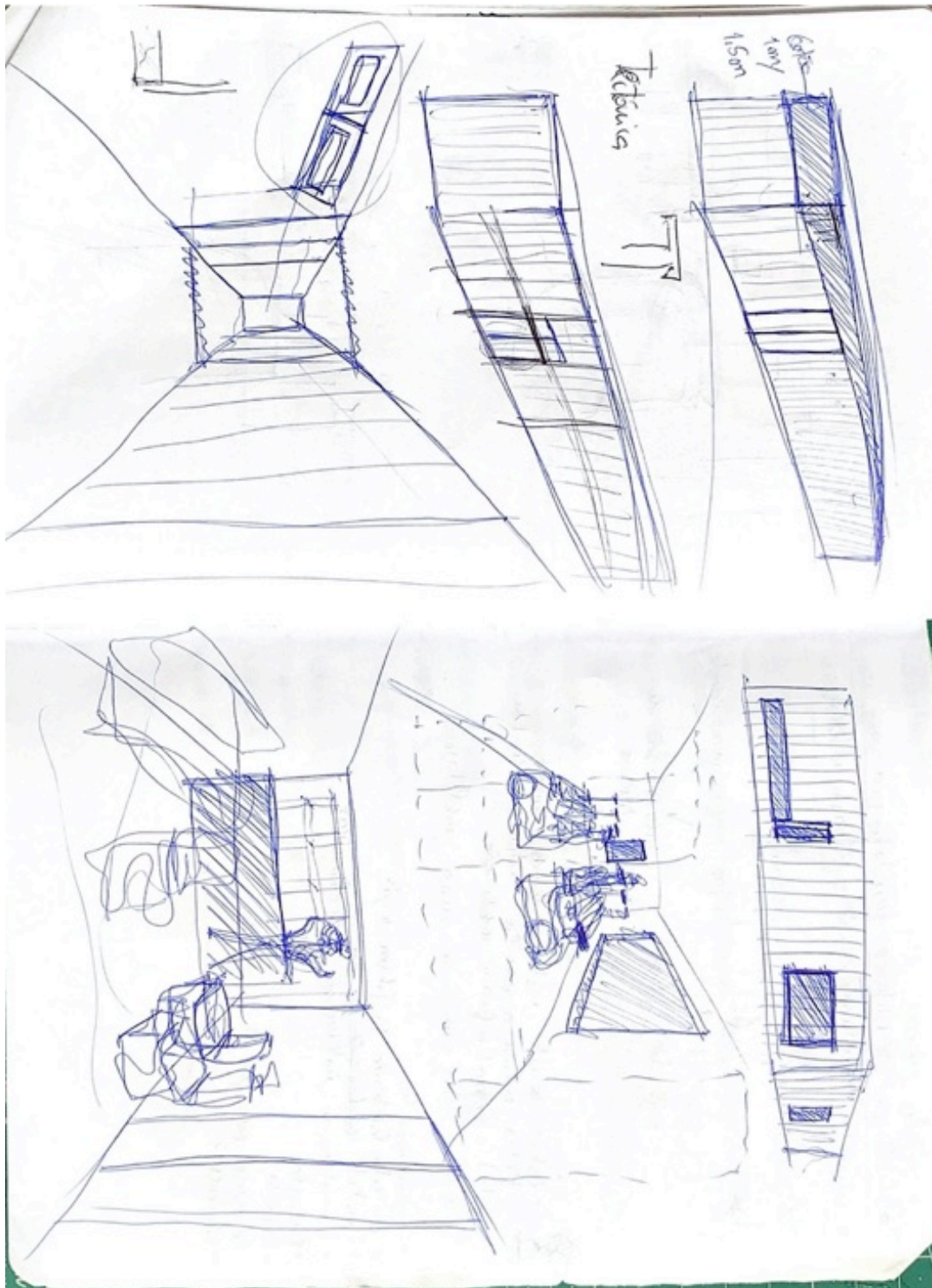
Anexo 48- Definição de alturas (esboços)



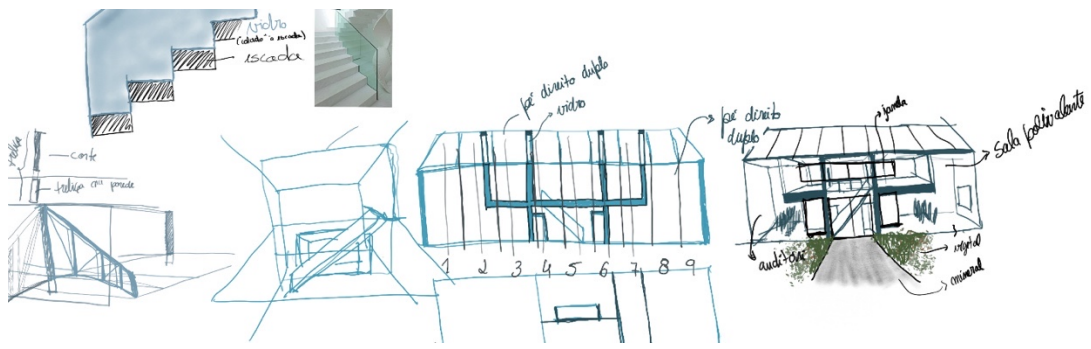
Anexo 49 – Esboço do edifício dos tanques



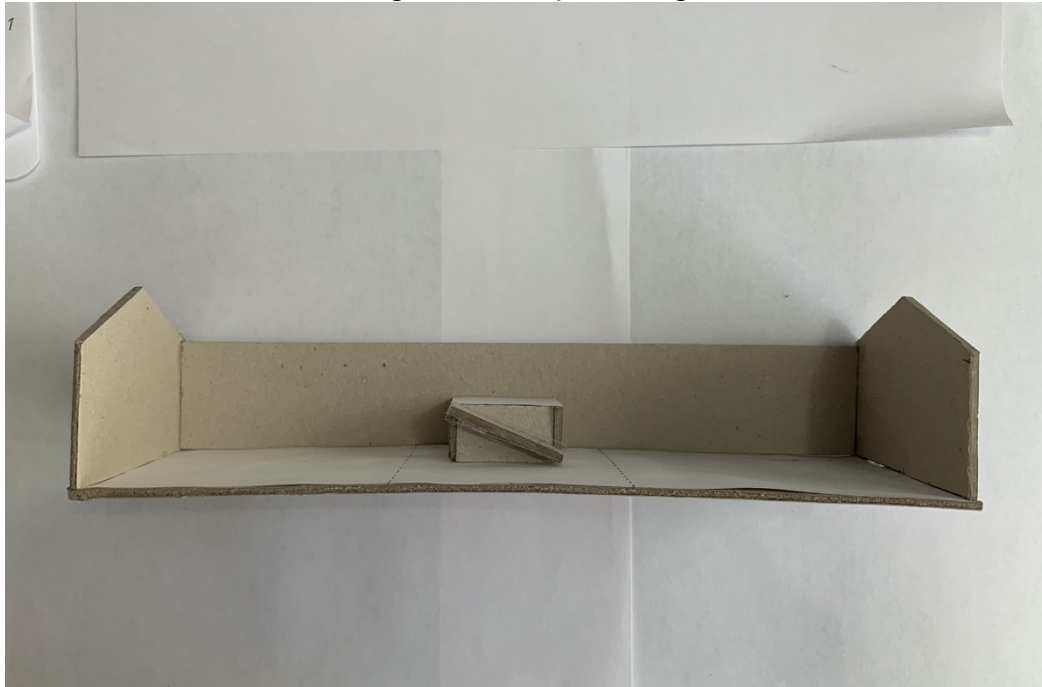
Anexo 50 – Apontamentos e esboço de volume



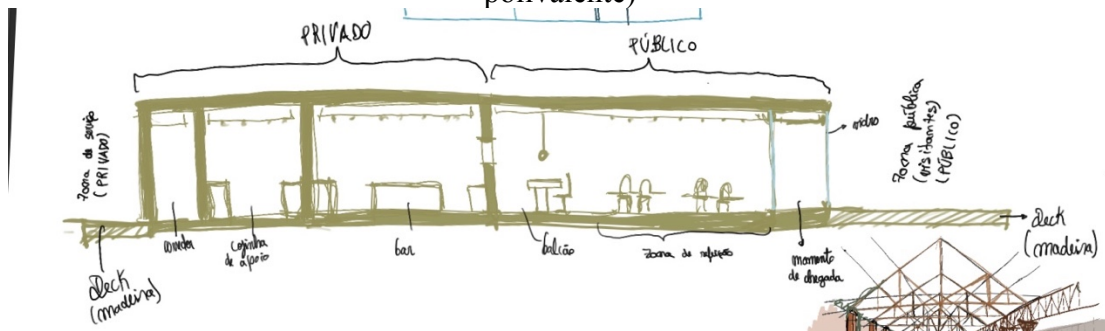
Anexo 51 – Páginas de esboços (volumes e interiores)



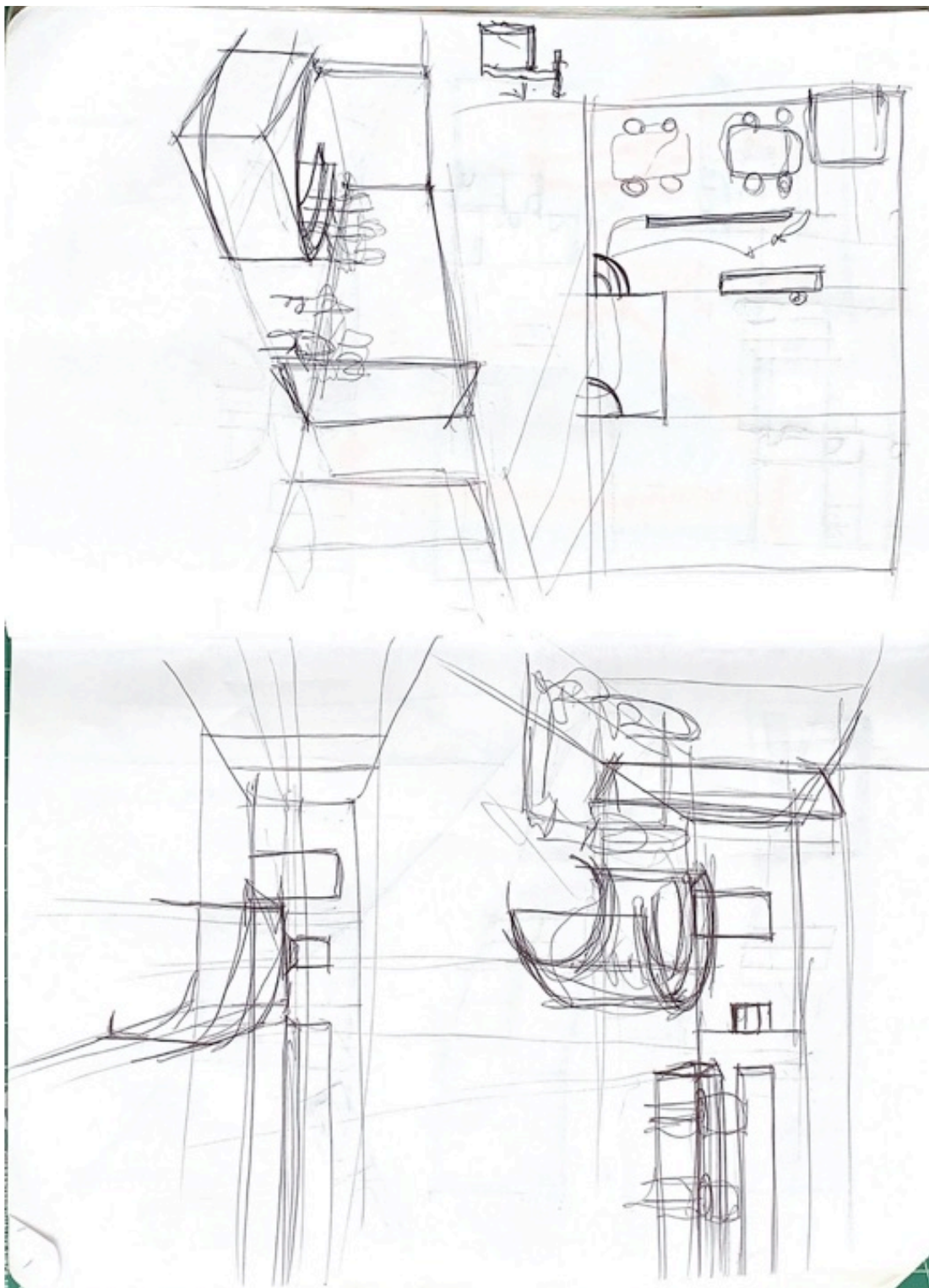
Anexo 52 – Colagens de esboços e imagens de material



Anexo 53 – Maquete de estudo de posição das escadas (edifício do auditório e sala polivalente)

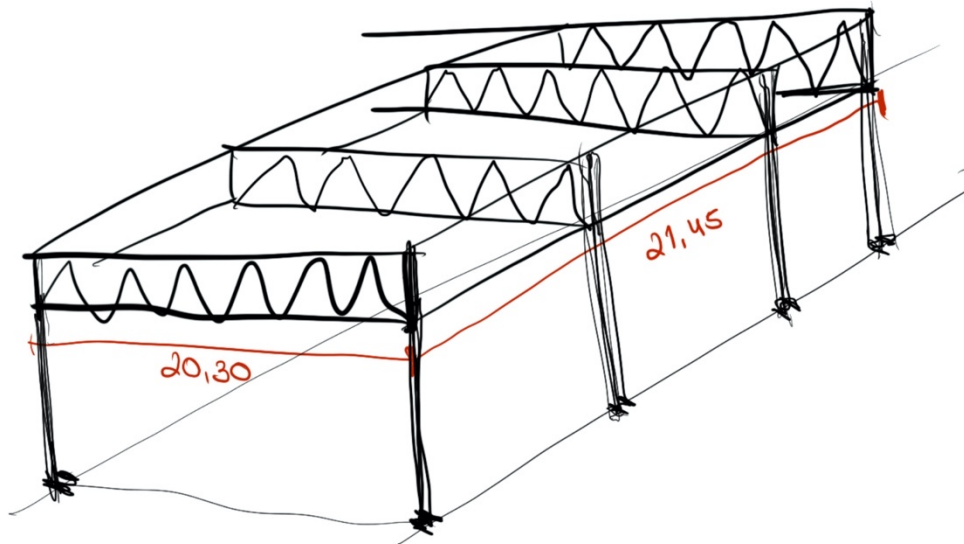


Anexo 54 – Estudo de áreas privadas e públicas

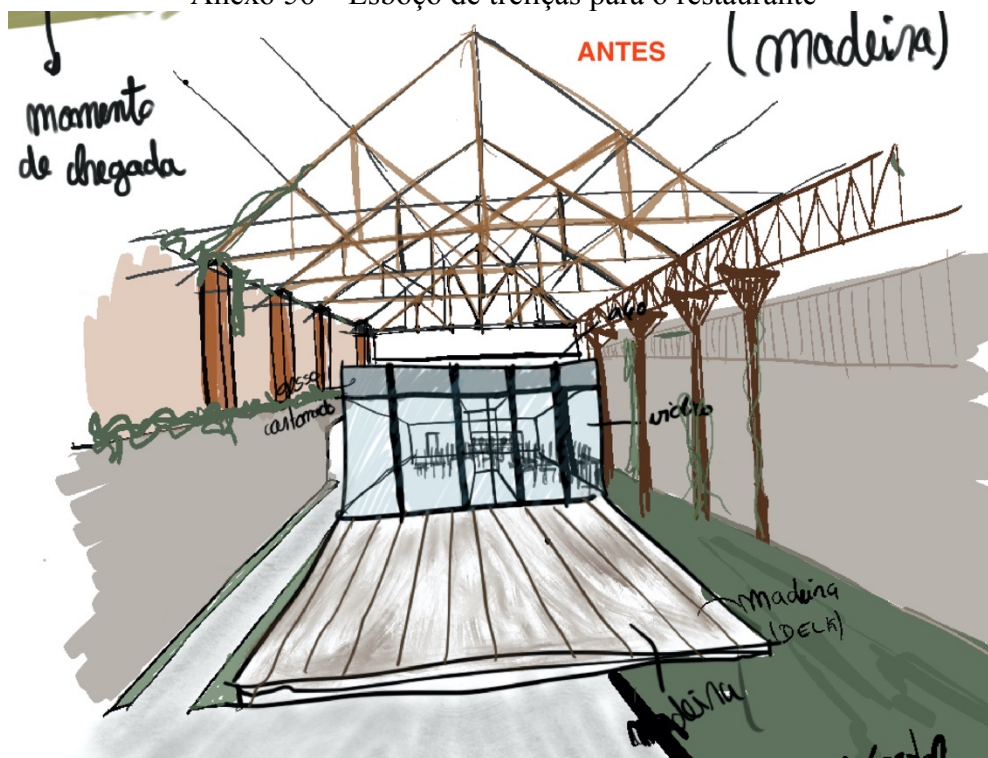


Anexo 55 – Desenhos do interior do restaurante (estudos)

DEPOIS



Anexo 56 – Esboço de treliças para o restaurante



Anexo 57– Desenho do restaurante



Anexo 58 – Fotografia da maquete (1)



Anexo 59 – Fotografia da maquete (2)



Anexo 60 – Fotografia da maquete (3)